

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
LUCAS PRAZERES LAMBOIA

O IMPÉRIO MUNDIAL DOS SONHOS E DA DESTRUIÇÃO: VLADMIR
TISMANEANU E AS DISCUSSÕES ACERCA DO MESSIANISMO E MILENARISMO
NOS TOTALITARISMOS DO SÉCULO XX

UBERLÂNDIA

2019

LUCAS PRAZERES LAMBOIA

O IMPÉRIO MUNDIAL DOS SONHOS E DA DESTRUIÇÃO: VLADMIR
TISMANEANU E AS DISCUSSÕES ACERCA DO MESSIANISMO E MILENARISMO
NOS TOTALITARISMOS DO SÉCULO XX

Monografia apresentada como exigência
parcial para obtenção do título de
Bacharel em História oferecido pela
Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Dennys Garcia
Xavier

UBERLÂNDIA

2019

O IMPÉRIO MUNDIAL DOS SONHOS E DA DESTRUIÇÃO: VLADMIR
TISMANEANU E AS DISCUSSÕES ACERCA DO MESSIANISMO E MILENARISMO
NOS TOTALITARISMOS DO SÉCULO XX

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Dennys Garcia Xavier, Orientador – UFU/MG.

Prof. Dr. Luiz Carlos Goiabeira Rosa – UFU/MG

Prof. Dr. Tommy Akira Goto – UFU/MG

Uberlândia, 16 de Dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos. Uma parte simples de qualquer trabalho ou grande obra que muitos fazem em questão de minutos, mas que para mim não funciona simplesmente desta forma. Gratidão é um dos inúmeros sentimentos que tenho para com todos aqueles que contribuíram das mais variadas maneiras para que eu realizasse este trabalho. Apenas temo não agradecer na medida certa e até cometer alguma injustiça de esquecer de alguém que tenha contribuído consideravelmente, ainda que o contato com a pessoa tenha sido breve, mas substancial. Sabemos que muitas grandes obras literárias, históricas, filosóficas e científicas foram iniciadas – e concluídas majestosamente – através de pequenas palavras ou trocas de conversas em momento de puro lazer e descanso, ou em breves conversas com amigos próximos e até mesmo diálogos com amigos que mais são colegas e conhecidos, mas, que por motivos que desconhecemos, as breves palavras despertaram uma avalanche de ideias e reflexões que na ausência delas, talvez, teríamos muitos vácuos de informações e descobertas que prejudicaria não apenas ao escritor em si, mas toda a humanidade; e claro os inimigos e situações de dor, sofrimento, angústia, luto, traição e outras circunstâncias horríveis também foram importantes para criar obras fantásticas de modo até, algumas, tornarem-se legados de nossa civilização. Cícero escreveu boa parte de suas obras na prisão, assim como Dostoiévski escreveu suas obras enquanto foi perseguido e preso; e que, assim como as de Cícero, são legados eternos de nossa civilização ocidental.

Com o adiantado perdão se por ventura eu me esquecer de alguém, agradeço de todo coração e alma a minha amada mãe que sempre me apoiou em todas as minhas decisões, que esteve ao meu lado quando o mundo parecia que iria me sucumbir, que me ajudou em tudo sem medir esforços provando que seu amor por mim, seu filho, é a maior benção que Deus possa ter me concedido. Uma mulher de uma inteligência admirável e que sem nossas conversas calorosas acerca de filosofia, política e religião jamais teria tido o interesse no assunto deste trabalho.

Agradeço aos meus avós por também não medirem esforços e sempre me apoiarem em todas minhas escolhas que tomei e nos momentos em que lágrimas escorriam no meu rosto, que a tristeza tomavam conta de mim e as incertezas me perfuravam como uma espada afiada, eles, com simples palavras, me davam forças, conselhos e um carinho e amor que são remédios para quaisquer ferimentos que a alma humana venha a ter. Agradeço em especial a minha avó, uma mulher cuja inteligência é de fazer inveja a muitos estudiosos profissionais. Suas leituras sobre a bíblia e a história do cristianismo nos proporcionaram conversas prazerosas que me trouxeram informações cruciais, possibilitando a escrita deste trabalho, principalmente em partes mais difíceis.

Agradeço aos meus tios. Sem eles eu não teria um teto sobre a minha cabeça e um agradecimento especial a minha tia, que mesmo sendo acadêmica da área da veterinária, seus conhecimentos sobre o Egito antigo sem sombra de dúvida a capacitariam para dar aulas de história do Egito com muito mais gabarito que muitos professores de história especializados na área. Ela também fez parte de inúmeras conversas sobre história da civilização e as nossas reflexões e apontamentos nos fizeram responder muitas das perguntas que fizeram parte deste trabalho. Um agradecimento especial, então, à minha tia, que possui um amor e carinho tão forte e belo quanto um amor de uma mãe.

Gratidão eterna aos meus colegas de curso. Ao Cristiano, mesmo existindo muitas diferenças de ideias (principalmente de cunho político), provou-se ser um grande e bom amigo e levo na memória todos os nossos momentos, conversas e brincadeiras, além de guardar no coração a imagem de um homem de grande inteligência, força e conhecimento admiráveis que provam que ele é uma pessoa incrível. Gratidão à Angélica Cristina que sempre me ajudou e sua personalidade doce e gentil serão umas de suas inúmeras qualidades que guardarei com muito carinho e respeito para todo o sempre em minha mente. Agradeço de coração à Luciana que provou ser uma grande amiga e nossos diálogos também foram importantíssimos para alavancar muitas de minhas ideias sobre meu tema. Agradeço ao Thales, um grande amigo, que me proporcionou horas e mais horas de conversas sobre questões mais profundas da filosofia e da história. Tudo que aprendemos juntos serviram a mim, não apenas para a escrita deste trabalho, mas para minha vida.

Um agradecimento mais que especial à Isabela Simabukuro. Uma grande amiga que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e sempre paciente e atenciosa quando precisei. Uma mulher de uma inteligência e força de vontade que me ensinou muitas coisas boas que levarei comigo para o resto da vida. E um agradecimento com toda sinceridade e respeito ao meu grande amigo Mario Rubson, Professor de matemática que me ensinou muito sobre a vida e sou eternamente grato a tudo que ele fez por mim nesses últimos cinco anos. Sem ele eu não seria nem mesmo metade de quem eu sou.

Meus sinceros agradecimentos para todos os professores que fizeram parte da minha caminhada na universidade. Agradeço ao professor Marcelo Lapuente Mahl, um homem no qual busco me espelhar tanto como professor quanto pessoa. Agradeço a professora Mônica Brincalpe Campo que teve grande paciência para me orientar nas duas primeiras disciplinas de monografia. Agradeço ao professor Cleber, cujas aulas eram, em verdade, semelhantes às palestras de alto nível. É um professor que também tenho como exemplo de profissional, intelectual e pessoa. Se eu um dia eu fosse escrever um diálogo, semelhante aos “*Diálogos*” de Platão, tendo o professor Cleber como personagem principal, escreveria, imitando Homero, da seguinte forma: “Disse o professor Cleber, semelhante aos deuses”. E com total reverência tenho eterna gratidão ao professor Amon Pinho que teve uma grande paciência comigo, que me ensinou e me ajudou muito e seus conselhos e críticas foram todos, sem exceção, para que eu buscasse meu melhor. O professor Amon é também uma pessoa em quem busco me espelhar como intelectual, professor, escritor e pessoa.

E por fim e de grande importância, um agradecimento especial ao professor Dennys Garia Xavier. Um grande professor e um exemplo a ser seguido, tanto como acadêmico e profissional, como pessoa. Tenho por ele eterna gratidão porque me ajudou em um momento muito delicado em minha vida; ele foi a luz que acendeu no momento em que todas as outras haviam sido apagadas.

RESUMO

O presente trabalho propõe investigar as ideias messiânicas e milenaristas que foram apropriados pelos regimes totalitários do século XX, sendo estas duas grandes constantes tanto no Nacional-Socialismo (Nazismo) quanto no Comunismo soviético. Na primeira parte buscaremos dissertar sobre os regimes totalitários tentando rastrear o messianismo e o culto à personalidade dos ditos “líderes salvadores”. Um grande recuo no tempo será necessário para que identifiquemos uma das possíveis origens das ideias messiânicas, como elas se formaram, em que circunstâncias e como estas ideias foram apropriadas pelos totalitarismos. Ao fim da primeira parte retornamos ao século XX e fazemos as devidas considerações. O mesmo será feito na segunda parte, mas agora com relação ao “milenarismo”. Alguns paralelos com a história do cristianismo foram feitos em ambas as partes a fim de obtermos o melhor panorama acerca de como foram os totalitarismos do século XX e as ideias por eles apropriadas. E por fim concluímos, trazendo à tona os sujeitos que elaboraram os conceitos da vinda do milênio, como formularam e suas influências para os totalitarismos modernos, concluindo, ao final deste trabalho, com apontamentos e reflexões sobre o tema aqui trabalhado.

Palavras-chave: Totalitarismos, Messianismo, Milenarismo, Nazismo, Comunismo

ABSTRACT

The present work intends to investigate the messianic and millenarian ideas that were appropriated by twentieth-century totalitarian regimes, both of which are great constants in both National Socialism (Nazism) and Soviet Socialism. In the first part, we will try to dissert about the totalitarian regimes trying to trace the messianism and the personality cult of the so-called “savior leaders”. A major setback in time will be necessary for us to identify one of the possible origins of messianic ideas, how they were formed, under what circumstances, and how these ideas were appropriated by totalitarianisms. At the end of the first part, we return to the twentieth century and make due consideration. The same will be done in the second part, but now with regard to “millenarianism”. Some parallels with the history of Christianity have been made on both sides to get the best picture of what twentieth-century totalitarianisms were and the ideas they appropriated. Finally, we conclude by bringing to light the subjects who elaborated the concepts of the coming of the millennium, how they formulated and their influences on modern totalitarianisms, concluding, at the end of this work, with notes and reflections on the theme worked here.

Keywords: Totalitarianism, Messianism, Millenarianism, Nazism, Communism

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1 O MESSIANISMO TOTALITÁRIO E AS ANTIGAS CRENÇAS SOBRE A VINDA DO LÍDER SALVADOR.....	24
1.1.....	31
1.2.....	34
1.3.....	35
1.4.....	36
1.5.....	46
1.6.....	51
1.7.....	58
2 A VINDA DO MILÊNIO: A NOVA ERA TOTALITÁRIA E OS ANTIGOS SENTIMENTOS NOSTÁLGICOS DO MUNDO QUE VIRÁ.....	66
2.1.....	82
2.2.....	90
2.3.....	109
CONCLUSÃO.....	114
FONTES.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125

INTRODUÇÃO

O leitor me perdoe, mas não é possível que eu disserte acerca dos motivos e justificativas que me levaram à escrita deste trabalho sem levar em conta minha breve história, principalmente, dos últimos cinco anos. Desde pequeno me interessava em livros e conhecimento, principalmente de história e literatura. Dos livros do escritor J.R.R.Tolkein, famoso pela sua trilogia *Lord of the Rings*, tanto nos cinemas, quanto nos livros, além do livro – depois adaptado em filme - *The Hobbit*, até C.S Lewis, Sun Tzu, J.K.Rowling (escritora dos livros da saga *Harry Potter*) e tantos outros, até grandes historiadores como Jacques Le Goff, Tucídides, Heródoto etc., minha infância e parte da adolescência, por uma feliz e fortuita sorte, me levaram a estes e muitos outros autores que moldaram o centro da minha imaginação: honra, bravura, bondade, amor, coragem e virtudes em sujeitos e personagens nos quais eu poderia me espelhar a fim de que eu pudesse aprender algo e ser uma pessoa melhor. Não obstante, os caminhos me levaram aos cavaleiros medievais, porque até então os enxergava como exemplos de virtudes, bravura, honra, amor e coragem. A ideia persistiu e tornava-se cada vez mais forte conforme adentrava no mundo dos jogos online de RPG (*Role-Playing Game*), cujos personagens, principalmente das classes *Warriors*, eram a personificação de todas as virtudes que aqui mencionei. Os três anos que precederam o ENEM e minha definitiva entrada na Universidade Federal de Uberlândia levaram-me a afastar destas questões e a me focar numa única prova para que eu ingressasse na universidade. Adentrando no curso de História em 14 de abril de 2014, essas questões que permeavam minha imaginação voltaram à tona, mas agora com mais entusiasmo porque estaria na presença de professores que, pensava eu, possuíam cômodos lotados de livros, sendo uma parte destes relacionados à Idade Média, assunto de grande interesse meu até então porque eles me levariam às tão famosas cruzadas, histórias dos grandes reis, generais, enfim, sujeitos defensores das mais altas virtudes conhecidas pelo homem.

Minha decepção não tardou a vir. Tão logo dou início às atividades acadêmicas, percebo que poucos professores dominavam estes assuntos. Os que

tinham grande conhecimento não eram especialistas e não tardou sepultar meu interesse no mundo medieval porque fui informado - e depois confirmei - que não existia um único professor no Instituto de História que estudava de forma especializada a Idade Média, tão pouco as cruzadas, cavalaria, etc. Mesmo conversando com os professores e eles me indicando muitas referências bibliográficas (Johan Huizinga, Georges Duby, Jacques Le Goff, autor já de conhecimento meu antes de meu ingresso na universidade, entre outros), não adentrei no assunto que tanto fez parte da minha vida, mas não deixei de ler muito dos livros recomendados, levando-me à outras leituras e assuntos do mundo medieval como os livros de Christopher Dawson, Friedrich Heer, Thomas Woods Jr, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, além de biografias da vida de Ricardo Coração de Leão, Isabel de Castela (ainda que a rainha da Espanha tenha vivido no fim da Idade Média e início da era moderna), Afonso Henriques e outros.

Um vasto assunto como este que mencionei acima foi deixado de lado, mas não deixei de realizar estudos – ainda que sem o desejo de sistematizar em um trabalho acadêmico, mas apenas para fins de interesse próprio e buscar respostas para algumas de muitas perguntas levantadas – e leituras neste amplo tema, absorvendo muitas informações e lições aprendidas. No mesmo ano aconteceram as eleições presidenciais no Brasil. De agosto até novembro de 2014, o clima, principalmente dentro da universidade, foi de competição, brigas, desilusões e discussões acirradas. Nas eleições estavam na disputa Dilma Rousseff, Eduardo Campos, Marina Silva e Aécio Neves. Particularmente, eu não possuía um lado político. Tudo que eu queria era estudar história e mergulhar no mundo dos livros de história, filosofia e ciência política. Em verdade, queria e quero buscar a verdade e entender como as coisas aconteceram e acontecem. De todo modo, o desenrolar das eleições me fez notar algo estranho sucedendo e que estava chamando minha atenção. Com a morte de Eduardo Campos em 13 de agosto de 2014, as eleições ficaram com apenas Dilma, Marina e Aécio como candidatos fortes. As eleições foram para o segundo turno e aquilo que estava me chamando atenção foi ficando cada vez mais notório: Os candidatos (Dilma Rousseff e Aécio Neves) eram vistos como figuras salvadoras, quase como messias, que, ao serem eleitos, levariam a nação para uma suposta glória e prosperidade e um novo modelo de nação brasileira seria estabelecido. Era como se apenas conseguissem enxergar as coisas através de

vislumbres delirantes de um futuro hipotético que seria concretizado se um ou outro candidato ganhasse as eleições, de modo que o panorama futuro era concreto e real na mente deles, embora não enxergassem nem mesmo o presente em que viviam. Tudo isto deixou-me perplexo e assustado porque as pessoas, de ambos os lados, não conversavam ou dialogavam entre si a fim de buscarem quem seria o melhor representante. Pelo contrário, brigavam de modo a não haver qualquer possibilidade de uma conversa amigável, muito menos racional: era quase sempre na base do grito. Presenciei amizades destruídas, relacionamentos amorosos findados, adjetivação pejorativa daqueles que não concordavam com um lado político, perseguições dentro da universidade – morais e até físicas – enfim, uma falta de maturidade, respeito e bom senso, para dizer o mínimo. Era como se duas religiões disputassem o domínio dos céus e da terra e cada um servindo a um “deus salvador” de modo que as brigas, humilhações, xingamentos, perseguições etc., fossem plausíveis e até totalmente viáveis, a ponto de esquecerem a civilidade elementar para uma convivência entre seres humanos adultos dentro de uma sociedade democrática.

Assustado diante deste cenário nada agradável, uma pergunta veio à mente: como chegamos nesta situação? Curioso como sou, fui investigar, mas não encontrei respostas. Artigos acadêmicos, jornais, revistas, tudo isso me trouxe mais confusões do que respostas. Mesmo assim, não desisti e continuei investigando e estudando de modo a tentar compreender, por mínimo que fosse, o atual estado de coisas, não apenas em relação a política em si, mas entender outras questões que, conforme o tempo passava, eram levantadas, por exemplo, sobre a estrutura do poder, formação dos impérios, estrutura dos Estados, etc.

Nas aulas da disciplina de Estudos Históricos I, ministrada pelo Professor Marcelo Lapuente Mahl, entrei em contato com o livro da Hannah Arendt chamado “*Entre o Passado e o Futuro*”. O assunto era sobre o sentido da história e historiografia, mas o jeito que a autora trazia o tema me lembrava antigas cartas de reis escritas de modo belo e com tom heroico, de forma que sentia o que a autora queria realmente passar ao seu remetente. Então, busquei outras obras da autora, e, em uma noite de fevereiro de 2015, estive em uma livraria no shopping local e encontrei sua famosa obra “*As origens do Totalitarismo*”. Meu interesse maior, confesso, não era tanto no tema, mas a bela forma que a autora escrevia. Comprei o

livro, retornei à minha casa e comecei a ler. Quando me adentro no assunto, começo a ter algumas respostas das minhas perguntas que mencionei acima e uma alegria indescritível toma conta de meu espírito e, como uma força interior que nos alimenta e nos dá energia para continuar, achei o sentido para buscar respostas às minhas grandes questões (além de outras tantas): como alguns sujeitos fazem com que massas de pessoas os sirvam de forma fiel e inquestionável dominando-os totalmente, e como isto causa tanto sofrimento e como podemos sanar este sofrimento? Desde então não parei mais. Como alguém que incessantemente busca água para sobreviver em um deserto, eu busquei, com amor, dedicação e muita vontade, mais e mais respostas às minhas perguntas. Passava dias sem dormir, e quando dormia não eram mais que três horas de sono. Não encontrei muitas respostas no começo das minhas investigações, mas o aprendizado foi rico e prazeroso e mais ainda: levantou-me outras questões. Documentários, livros, palestras, aulas, enfim, tive acesso à uma gama de informações, além de me interessar em áreas de estudo das religiões, principalmente sobre a Igreja Católica, trazendo de volta, em parte, meu interesse nas questões relacionadas a honra, bravura, coragem, sofrimento humano, redenção dos pecados e salvação da alma, enfim, assuntos profundos da filosofia, teologia.

Como consequência passei a ter contato maior com as Sagradas Escrituras, de modo a levantar mais perguntas e interesses relacionados ao sofrimento humano, com suas causas e consequências, e da redenção, amor e esperança como meios de buscar sanar esses sofrimentos. Os estudos sobre os totalitarismos, a começar por Hannah Arendt, deram vida a essas investigações e um contato maior com todo o sofrimento do século XX, momento em que milhões de seres humanos viveram um verdadeiro inferno sob a égide do nazismo, comunismo e fascismo. Desde então meu foco se voltou para este período do século e os regimes totalitários que abordarei no desenrolar dos capítulos. Mas a abordagem não se limitou apenas ao século XX. Na busca de encontrar as raízes deste mal em nossa história¹, retornei a tempos antigos graças à leitura dos volumes da *História das Ideias Políticas* do

¹ Como cristão católico seria impossível eu abstrair o “bem” e o “mal”. A meu ver esta dualidade é presente em todo o enredo da história humana, logo não poderia escrever este trabalho sem partir do pressuposto que existe, antes das ideologias, dos tratados econômicos, da formação dos impérios, das revoluções etc., o bem e o mal; a ação divina e a ação demoníaca na história. Deixo claro que tenho esta dualidade e tentei deixá-la presente neste trabalho. Esta informação é de suma importância para que o leitor entenda os caminhos que aqui percorri.

filósofo e cientista político Eric Voegelin. As leituras me levaram à queda da Grécia e de Roma, além da construção de personalidades heroicas, da ação destes sujeitos dotados destas personalidades e as consequências de curto, médio e longo prazo.

Mas as informações ainda não se encaixavam. Porém, no final do ano de 2017, tive contato com a obra do cientista político romeno chamado Vladimir Tismaneanu. Comprei dois livros seus traduzidos pela editora Vide Editorial chamados *O Diabo na História* e *Do Comunismo*. Ambas as obras falam dos totalitarismos do século XX, traçando comparações, diferenças e semelhanças. Ainda em contato com alguns livros sobre o assunto, eu estava convicto de que os totalitarismos eram aberrações de cunho apenas político que tomaram forma no século XX e que moldaram para sempre o espírito dos homens, tamanha foi a penetração da ação totalitária na vida dos indivíduos. Lendo os livros do Tismaneanu, notei pelo constante uso das palavras “mito”, “dogmas”, “decálogos”, “escatológico”, “religioso”, e, - as cerejas do bolo - “messias” e “milenarista”, “nova era” etc., que os totalitarismos eram muito mais que aberrações políticas. Eram também movimentos religiosos dos mais horrendos, assassinos e fundamentalistas do que um dia foram todas as religiões que existiram na história humana. Lendo os livros do autor ficou ainda mais claro o que Eric Voegelin queria passar em suas obras acerca dos totalitarismos. Não obstante, Voegelin consegue rastrear as raízes gnósticas dos regimes totalitários, mas também aponta para alguns fundamentos messiânicos e milenaristas. Tudo isto expande consideravelmente o olhar sobre os totalitarismos do século XX, além de deixar aquelas discussões sobre qual regime totalitário era de direita ou esquerda como debates extremamente limitados. Se no começo eu me limitei a este tipo de discussão e muito pouco pude aprender sobre estes regimes, abrindo os horizontes para as características gnósticas, messiânicas e milenaristas constantes nestes regimes aprendi e compreendi muito mais a ação histórica dos totalitarismos, seus aspectos, seu *modus operandi* e as consequências para a vida dos seres humanos que estavam sob a sua égide. Os escritos de Vladimir Tismaneanu possibilitaram a entender mais e mais os regimes totalitários do século XX e abrir campos para investigações que não se limitam a este trabalho, mas que me deram material e informações para que eu trabalhe este assunto durante toda a minha vida. Por isto, neste trabalho, os livros do Vladimir Tismaneanu mencionados serão nossas fontes

que nos proporcionarão um norte para as investigações sobre os totalitarismos e seu formato messiânico e milenarista.

Mas quem é Vladimir Tismaneanu? Qual a importância de suas obras e seu trabalho? Vladimir Tismaneanu é professor de Ciências Políticas na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Nascido em Brasov, no ano de 1951, na Romênia, teve contato com livros de cunho marxista desde pequeno. Filho de pais de posicionamento político comunista, tendo seu pai, Leonte Tismaneanu, lutado nas Brigadas Internacionais na Espanha e filiado ao partido comunista. A família de Tismaneanu, no geral, era de intelectuais comunistas, logo desde muito cedo teve contato, como ele mesmo caracteriza, com toda a “mitologia política” dos comunistas e todo o culto ao panteão comunista formado pelos “heróis” Lenin, Stalin, Marx e Engels. Sua desilusão com toda a “mitologia comunista” foi durante o governo de Nicolae Ceausescu em que o culto à personalidade e a aproximação soviética fez a Romênia quase sucumbir totalmente aos horrores típicos do totalitarismo. Então estava sepultada a sua crença nos mitos políticos. A partir de então Tismaneanu inicia seus estudos sobre os totalitarismos e observou que o que lhe diziam sobre “erros” eram, em verdade, parte do processo de dominação total. Genocídios, perseguições, assassinatos, golpes de estado, revoluções e toda uma gama de terror não foram erros dos totalitarismos, mas instrumentos de consolidação de seus domínios e tentativas de materializar as ideias marxistas no plano da ação histórica.

Diante de tudo isto, em 2007, e tendo um arcabouço intelectual e político, fundou a Comissão Presidencial para análise da Ditadura Comunista na Romênia e desde de abril de 2007 é presidente desta comissão. Em fevereiro de 2010 foi eleito presidente do Instituto de Investigação dos Crimes do Comunismo e Memória do Exílio Romeno (IICCMER), onde esteve até 2012 quando foi destituído. Em 2007 recebeu o *Distinguished International Service Award* e a Associação Americana de Ciências Políticas deu-lhe o certificado por *méritos excepcionais* de lecionar a disciplina acerca dos totalitarismos. Possui o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade do Oeste, de Timisoara e da Escola Nacional de Estudos Políticos e Administrativos de Bucarest. Portanto seu currículo é suficientemente substancial a fim de que possamos entender os regimes totalitários a partir de sua perspectiva. Apesar de estudos em específico no comunismo soviético, Tismaneanu dissertou

sobre o Nacional-Socialismo e o Fascismo, principalmente nos livros que aqui tomamos como base.

Na busca de entender os regimes totalitários, procurei neste trabalho as ideias que, de alguma maneira, foram apropriadas pelos regimes no século XX. Não pretendi aqui fazer uma teleologia, mas traçar as ideias que apenas serviram de base e que, de um jeito ou de outro, estiveram presentes. Deste modo, rastreando os motivos que Tismaneanu caracteriza como “mitos políticos”, “messianismo” etc., encontrei, em outros livros que abordam este assunto, elementos do messianismo nas explicações sobre a “propaganda totalitária” e o “culto à personalidade” dos líderes. Este último foi fácil de encontrar na obra do historiador Richard Overy em um capítulo chamado “o culto à personalidade”. O historiador faz comparações importantes das personalidades de Hitler e Stalin, demonstrando as semelhanças e diferenças entre os dois, ficando clara a ideia da construção do “messias salvador”. Tal investigação levou a um recuo na história humana sobre a construção da personalidade, ou seja, a criação de um mito ou “profecia” que desse uma base intelectual para a vinda de um salvador. Em suma, a construção da figura messiânica, elemento presente nos totalitarismos modernos.

Seguindo este mesmo raciocínio foi possível traçar as origens milenaristas, ou seja, as ideias sobre um futuro fabuloso e uma sociedade perfeita em que todas as misérias humanas seriam extintas e a paz e harmonia entre os povos seria a totalidade da realidade. Portanto o método que utilizei constitui no seguinte: explicava as ideias do Tismaneanu a partir das obras aqui mencionadas. Em seguida, realizamos uma narrativa histórica dos totalitarismos baseada em autores que dissertam acerca deste tema de modo a expor e deixar claro as explicações do Tismaneanu. Em sequência realizamos um recuo no tempo a fim de investigar se em algum momento da história humana havia acontecimentos semelhantes e se coincidiam com a construção da ideia messiânica e milenarista. Por fim retornamos aos totalitarismos do século XX, realizávamos uma reflexão e apontamos algumas conclusões. O motivo era para que pudéssemos ter uma visão histórica mais abrangente e um horizonte histórico maior a fim de tentar explicar de maneira mais precisa as antigas crenças messiânicas e milenaristas tão presentes nos totalitarismos e tentar entender como estes apropriaram-se destas ideias. Então, muitas comparações foram feitas e até a história cristã entrou no meio a fim de que

tivéssemos mais clareza sobre os regimes totalitários e a proporção certa – ao menos mais precisa possível – acerca dos elementos presentes nos totalitarismos. Conclusão: realizaremos aqui um campo da historiografia denominado “História das ideias” ou “História intelectual”.

A história das ideias é um ramo da história muito abrangente, mas, ainda que as investigações cheguem a conclusões importantes, seus problemas são vastos. Dentre eles podemos destacar que as ideias são algo difícil de rastrear além de carregadas de ambiguidades. Mais ainda: as ideias se espalham e passam a fazer parte das ações humanas, podendo se tornar presentes durante um tempo histórico longo, ou serem presentes no imaginário durante um determinado tempo e depois desaparecer, mas em seguida retornar com muito mais força e mais complexidade². Mas este não é o único problema. Segundo Francisco Falcon:

A história intelectual remete a textos bem mais abrangentes, uma vez que ela inclui as crenças não articuladas, opiniões amorfas, suposições não ditas, além, é claro, das ideias formalizadas. Além do mais, a história intelectual preocupa-se com a articulação desses temas às suas condições externas – “com a vida do povo que é seu portador”. Uma consequência interessante é assim a tendência da história intelectual de romper os limites disciplinares estabelecidos, já que visa inserir o estudo das ideias e atitudes no conjunto das práticas sociais.³

Se a história é feita de ações humanas e as ideias fazem parte das ações, portanto temos a importância da “História das Ideias” porque o tempo e ação histórica, segundo Antoine Prost, é feito por sujeitos, indivíduos, grupos sociais, sociedades, Estados e civilizações que são compostas de ideias dominantes que dão um norte para eles e suas ações⁴. Logo, a história das ideias pode ser fundamental para entender as ações de sujeitos e até civilizações ao longo da história. Ainda assim aparece o problema do anacronismo. Muitas vezes as ideias tomam outros significados que não correspondem ao seu sentido originário, podem acarretar interpretações equivocadas, além de levar a erros e imprecisões. Em

² FALCON, Francisco. “História das Ideias: Pluralidade disciplinar e conceitual. Da História das ideias à história intelectual e/ou cultural” In: *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Org. CARDOSO, Ciro Flamaion; VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: Campus, 2011, 2° ed, p. 84-85.

³ Ibid. p.85.

⁴ PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. São Paulo: Autêntica, 2014, 2°ed, p.96.

muitos casos os estudos se mostram incapazes de encontrar a precisão de um determinado texto que deu origem a uma ideia. De acordo com Falcon:

[...] o risco do *anacronismo*, sempre presente nas tradicionais histórias das teorias políticas e sociais. Este risco tanto existe em textos que tratam de conceitos gerais ou “universais” como os de liberdade, justiça, igualdade, democracia etc., quanto em análises dos chamados “textos fundamentais” de “grandes pensadores”. Em um e outro caso a abordagem tradicional mostra-se “incapaz de recuperar a identidade histórica precisa de um dado texto”.⁵

Apesar de tudo, veremos, por exemplo, com Eric Voegelin que é possível traçar com uma considerável precisão as ideias e seu real sentido e como o sentido verdadeiro das ideias chegaram até um dado momento histórico. As ideias estão atreladas ao próprio desenrolar da história, sendo inseparável e até uma condição necessária para que determinado acontecimento histórico tivesse ocorrido e mais ainda: as ideias são fundamentais para entender até mesmo as consequências dos acontecimentos. Então a “história das ideias” apreende o aspecto de um determinado processo histórico, assim como pode dar uma aparência a outro acontecimento e assim por diante. Portanto, as ideias podem estar diretamente conectadas à história e às coisas exteriores a ela e faz necessário o uso do intelecto e da imaginação a fim de que o historiador consiga captar as mais variadas conexões entre ideias e o desenrolar da história. Nas palavras de Falcon:

Em Ranke, tal como em Humboldt, são ainda as ideias que realizam, na história, a síntese do particular e do universal. Aparência e essência não existem separadas – cabe ao historiador apreendê-las como ideias nos próprios eventos, utilizando-se do intelecto e da imaginação criadora, com base na sua experiência e na investigação do real. Assim, as ideias não são algo acrescentado à história e exterior a ela mas, ao contrário, algo que aparece na conexão natural das coisas e que assim podem ser aprendidas pelo historiador.⁶

Deste modo, a “História das Ideias” pode trazer um arcabouço substancial para entender os mais variados enredos históricos, além do conjunto de ideias que fazem uma sociedade ou Estado, ou um grupo de sujeitos que dominam o Estado, agir desta ou daquela maneira e as consequências de tudo isto. Mesmo as ações da vida

⁵ FALCON, op. cit., p. 88 apud SKINNER, 1985.

⁶ Ibid., p.91, apud HUMBOLDT, 1950.

privada podem estar recheadas de ideias, e que simples indivíduos não possuem a mínima noção que elas os rodeiam, muito menos suas origens. Até mesmo o espírito de uma sociedade pode ser moldado por uma ideia que se originou séculos atrás. Não obstante, no mundo ocidental, as ideias de justiça, liberdade e democracia originaram-se na era dos gregos e romanos antigos, ainda assim muitas destas mesmas ideias estão nitidamente presentes e aplicáveis no cotidiano da jurisdição até os dias atuais em quase todos os países do mundo ocidental. Portanto, o horizonte que se abre através da história das ideias é extremamente abrangente e rico, desde que o historiador das ideias tenha alguns cuidados como o problema das consciências e como as ideias modelam o imaginário, além do real significado das ideias e os agentes por trás destas, sejam eles indivíduos ou até mesmo entidades religiosas, Estados, nações e impérios⁷.

Levando em conta estas peculiaridades da história das ideias – ou história intelectual – buscaremos aqui neste trabalho de conclusão de curso rastrear e dissertar sobre as ideias que estiveram significativamente presentes nos totalitarismos modernos. Sendo assim, no capítulo um, começaremos narrando as características dos totalitarismos e os acontecimentos históricos que fizeram partes destes. Observamos algumas constantes nestes regimes. Eles esperavam a vinda de um salvador, além do desejo de um império de “mil anos de felicidade”, o que nos fez retornar ao mito germânico no século III. Notamos um estado “apocalíptico” nas tribos germânicas e neste período criou-se a ideia de que um líder guiaria povos de origem germânica para a glória eterna. Vimos com Eric Voegelin que este mito permaneceu vivo no imaginário alemão e foi importante para a construção do ideal nazista.

Visto a criação deste mito, voltamos ao século XX e narramos os acontecimentos que os alemães passaram após a Primeira Guerra Mundial, de modo a assemelhar-se muito às circunstâncias das tribos germânicas no século III. A necessidade de um líder salvador foi presente após o período de guerras, tanto para os nazistas, quanto para os comunistas soviéticos. Sendo assim, narraremos a história do culto às personalidades messiânicas de cada líder. Como foram criados seus mitos, a propaganda exaltando a figura de Hitler e Stalin e como eles

⁷ Ibid., p.95.

justificaram suas missões salvíficas e a construção, cada um à sua maneira, de governos pessoais baseados em suas imagens e semelhanças.

Em seguida recuamos novamente ao passado e dissertamos sobre alguns exemplos de sujeitos, como Alexandre, o Grande e os Césares, que construíram – ou ao menos tentaram – “governos pessoais” baseados nas próprias personalidades. Durante as nossas investigações, notamos que existia um mito de origem para a construção da personalidade destes sujeitos, ou seja, uma narrativa que trazia uma “estória” sobrenatural que os rodeava, o que proporcionava uma base até religiosa para justificar seus “poderes”, domínios e a criação de um governo à imagem e semelhança deles, de modo a serem representados como “deuses”, ou filho de deuses – semelhante ao caso de Alexandre, como veremos. Em suma, criou-se uma história que justificasse seu lugar de poder, de domínio e o reino que iria construir baseado em sua personalidade. Muito semelhante ocorreu nos regimes totalitários, de modo que Hitler e Stalin foram heróis “escolhidos”, o primeiro pelo próprio desenrolar da história que exigiria um sujeito com capacidades superiores aos seres humanos comuns; e o segundo devido à necessidade de um herói que a história haveria de revelar no momento certo. A diferença para com os Césares e de Alexandre é que estes não desfrutaram do aparato propagandístico dos regimes totalitários, ainda que, no caso de Alexandre, notamos a presença de um historiador que narrava seus “grandes feitos”. Portanto, o messianismo, através do culto à personalidade, estava presente de forma clara no século XX, assim como em tempos antigos.

A fim de trazer ao leitor uma melhor proporção deste “messianismo totalitário” que queremos investigar, um paralelo com a história cristã foi necessário para compreender as diferenças cruciais das figuras messiânicas dos totalitarismos do século XX e do “messias cristão”, baseado na figura e personalidade de Jesus Cristo. De forma semelhante, construiu-se uma narrativa, de acordo com a religião cristã e o que está escrito na Bíblia, mais especificamente, uma profecia sobre a vinda do filho de Deus e este iria salvar a humanidade do pecado. De acordo com as Sagradas Escrituras e até os fundamentos da catequese católica Jesus Cristo, filho de Deus, habitou entre nós e ao fim a profecia cumpriu-se. Pregando o amor, perdão, misericórdia e bondade, Jesus Cristo, dado em sacrifício por seu próprio pai, Deus, em ato de puro amor por sua criação, fazendo o verbo tornar-se carne,

absorveu os pecados dos homens em sua figura e personalidade e, em sacrifício, morreu para nos salvar desses pecados. De acordo com as crenças da religião cristã e a história contida na Bíblia de Jerusalém – que abordaremos ao longo do trabalho - , salvou-nos também da morte. Resumindo a crença bíblica cristã, pela carne houve a corrupção e queda, mas pela divindade encarnada houve a redenção.

Por fim, fazendo as devidas comparações, concluímos no último item do capítulo um que, levando em conta o messianismo contido dentro do cristianismo e as crenças que giram em torno, a personalidade de Jesus Cristo, enquanto o Messias, tem a função e “missão” de salvar, libertar e conceder a vida eterna, de acordo com as Sagradas Escrituras. Feito este paralelo, notamos que os líderes totalitários, ainda que tenham construído uma ideia de salvadores, a narrativa histórica e as provas mostraram que, em oposição completa a Cristo, eles escravizaram, trouxeram a morte milhões de pessoas e não havia perdão ou misericórdia. Buscavam, em suma, realizar aquilo que Eric Voegelin caracteriza – veremos mais à frente – como “imanetização do *Eschaton*, ou seja, a tentativa de trazer o paraíso contido em um tempo a-histórico para o tempo histórico concreto e material em forma de uma sociedade ideal e perfeita, mas tal busca por este império paradisíaco justificou toda sorte de atrocidades e genocídios, toda inversão de valores e inversão do próprio sentido da história e senso de realidade – o passado era imperfeito, incerto e atrasado, mas o futuro era “concreto”, glorioso e perfeito. Portanto notamos que, se nas Sagradas Escrituras havia a tentativa de restauração da eterna aliança e a aproximação dos homens para aquilo que era eterno com nobres valores, nos regimes totalitários foi feita uma diabólica aliança, condenando milhões de pobres almas a um sofrimento nunca antes visto e a inversão completa de todos os nobres valores ocidentais de justiça.

No segundo capítulo dissertamos acerca da busca do milênio e as tentativas de construir um império dos sonhos paradisíacos. Sempre partindo de nossa fonte, notamos que os regimes totalitários buscavam concretizar no plano histórico o paraíso celestial, cada um à sua maneira. Tismaneanu é claro ao longo dos seus livros sobre as tentativas de materializar a “nova era”, uma “nova ordem”, com um “novo homem”. Então, narramos como os regimes totalitários procuraram construir seus impérios, de modo que representassem seus anseios e, mais importante, as vontades de seus líderes. Todos eles construíram monumentos, estruturas e

grandes obras arquitetônicas de modo a representar a grandeza de seus impérios – ou ao menos o que eles gostariam que fossem. Não deixaram de cultuar suas próprias imagens, além de deixar claros nas construções quem eram os dignos de pertencerem a este império e quem deveria ser eliminado. Ao final concluímos que, além de todos os projetos arquitetônicos não terem sido finalizados, foram causadas mortes e mais perseguições aos considerados inimigos do Estado. O sangue foi o preço da tentativa de construção da nova era e da nova ordem.

As ideias sobre a vinda do paraíso não foram próprias dos regimes totalitários. Recuando no tempo, voltamos as ideias do abade Joaquim de Fiore. Ele sistematizou as ideias acerca da vinda do novo milênio e quando ele iria ocorrer e, especificamente, quem iria trazer à tona a “nova Jerusalém”. Fiore, como veremos, escreve sobre as três eras (ou três tempos) e que em cada era seria a expressão do espírito dominante. Veremos que o abade fornece uma margem para muitos problemas, mas investigamos alguns e concluímos que as ideias milenaristas – ao menos a forma delas – estiveram presentes e foram apropriadas pelos regimes totalitários no que diz respeito ao culto à personalidade, ou seja, os messias salvadores, além dos desejos de uma nova era de paz, prosperidade e felicidade. Ao final dissertamos sobre as consequências históricas destas novas ideias e seus reflexos na história ainda durante o período medieval e depois durante o século XX.

Ao final, na conclusão, recapitulamos todo o trabalho que aqui foi feito e realizamos uma reflexão acerca dos temas abordados. Concluímos que se o império “celestial” na terra não chegou e tampouco saberemos quando virá, o império da destruição foi claro, real e muito bem documentado por historiadores – aqui abordados -, cientistas políticas, jornalistas, etc.. Contemplamos, portanto, que as ideias sobre o mundo que virá deterioraram o espírito humano, a ponto de as pessoas conceberem o bem e a virtude apenas através de um futuro impossível; e na busca deste futuro toda sorte de desfortúnio de atrocidades e horrores foram feitos e justificados cientificamente e racionalmente. Foi, em suma, a servidão cega ao mal em nome do bem. Notamos uma verdadeira fidelidade à um “decálogo totalitário”, como apresenta Tismaneanu, assim como uma condição servil, de acordo com as leituras em Eric Voegelin, aos novos dogmas, mártires e horror aos considerados heréticos, ou seja, aqueles que não aderiram aos “novos mandamentos”.

Por fim, apenas deixo claro ao leitor que as grandes quantidades de notas de rodapé foram necessárias por alguns motivos: o primeiro é pelo teor da complexidade do próprio assunto que um mero graduando não poderia se dar ao luxo de dissertar livremente sem trazer as devidas referências. Segundo, devido às informações e datas não serem tão conhecidas, por isto foi necessário referenciar com detalhes o que os autores aqui trabalhados dissertaram. Por fim, para que o leitor possa entender os caminhos que tracei durante a escrita deste trabalho e tentar deixar claro os objetivos que eu gostaria de alcançar. Caminhos, muitas vezes, confusos e tortuosos que acredito serem bem complicados para alguém como eu, que escreve seu primeiro trabalho acadêmico e sem nenhuma outra experiência de escrita mais séria. Portanto, as notas de rodapé foram as ferramentas que encontrei para melhor esclarecer meu trabalho, além de deixar questões em aberto que transcendia os objetivos aqui presentes, além de serem questões para as quais não tenho uma resposta definitiva. *Last, not least*, apontamentos e sugestões de temas e trabalhos que podem ser feitos, não apenas por mim, mas por quem tiver acesso a este trabalho.

1. O MESSIANISMO TOTALITÁRIO E AS ANTIGAS CRENÇAS SOBRE A VINDA DO LÍDER SALVADOR

O anseio por um império paradisíaco dos sonhos não é ímpar da mentalidade do mundo contemporâneo. Na era dos Faraós, no antigo Egito, acreditava-se em um equilíbrio entre o mundo dos vivos⁸, o mesmo onde ocorre os mais variados enredos da vida humana, e o mundo após a morte, aquele que será o verdadeiro mundo estabelecido para os homens e será justo de acordo com a ordem estabelecida pelos deuses então contemplados. Na era cristã, principalmente durante as formulações teológicas feitas pelos escolásticos, a salvação encontrará na Jerusalém celeste, que descera dos céus e salvará aqueles que buscaram a redenção em Jesus Cristo e nas promessas do evangelho de Deus, cuja sua palavra ali se encontra. Ainda na era cristã, já em meados do século XII, as especulações em torno do livro do Apocalipse e as crenças em uma eminente chegada do “juízo final” e a vinda da era (ou tempo) do espírito santo. Na era contemporânea os discursos dos revolucionários franceses em 1789, através da ação direta e exclusiva dos homens “iluminados” pela razão, justiça e ciência, buscavam um mundo em que as injustiças, por meio dos elementos citados, seriam sanadas e enfim a construção e, *ipso facto*, materialização do império mundial das virtudes seria instaurado e os homens governariam o mundo com plena sapiência e paz entre as nações. Concomitantemente, mesmo não aderindo às ideias revolucionárias *ex professo*, os contratualistas formularam em suas discussões filosóficas aquilo que deveria ser o ideal para o ser humano em sociedade e que deveria ser buscado a fim de estabelecer ordem e justiça. Um exemplo para melhor elucidar, o contrato proposto por Edmund Burke (1729 – 1797), filósofo conservador britânico, em suas *Reflexões*⁹ fundamenta, para fins de sociedade humana, uma política de prudência acrescido de virtudes. Seria, com isto, um acordo entre aqueles que se foram, aqueles que estão vivos e os que estão por vir. Deste modo, segundo Burke, é possível estabelecer uma sociedade justa, além de manter a soberania entre as

⁸ O assunto é extremamente detalhado e não menos complexo. Para maiores informações ver: CARDOSO, Ciro Flamarion. *Deuses, múmias e ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1999. Ver também: CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma reflexão sobre a importância da transcendência e dos mitos para as religiões a partir do episódio da reforma de Amarna, no antigo Egito*. In: PLURA – Revista de Estudos de Religião, v. 2, n. 1, 2011.

⁹ BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Campinas: Vide Editorial, 2017, p.68-70.

nações e todas as decisões políticas e sociais iriam girar em torno deste fundamento, de modo a manter uma ordem.

No século XX os sonhos de um mundo de perfeição continuaram e muitas das ideias foram sistematizadas em filosofias e discursos. Muitos deles apropriaram-se das mais variadas ideias ao longo da história, buscando fundamentar ainda mais as ideologias firmadas e materializá-las no plano concreto do mundo, ou seja, não ficando apenas no papel de modo que fizesse parte de ações diretas dos homens. A forma permaneceu a mesma: construir um mundo livre de todas as mazelas e misérias humanas, almejando a superação da imperfeição humana e a extinção dos agentes que impossibilitam a concreção do mundo dos sonhos paradisíacos. Porém, a busca pelo mundo livre de todo o mal e sofrimento no século XX levou para outro patamar e suas tentativas de materialização deste mundo paradisíaco geraram um terror e amargura sem tamanho na história humana. O Nacional-Socialismo, propondo a salvação dos povos germânicos e seu lugar de glória na história, levou a execução sistemática de mais de seis milhões de judeus, além de provocar uma segunda-guerra mundial após descumprir todos os tratados de Viena, além dos acordos entre as nações feitas após a primeira-guerra mundial. No oriente europeu, os russos tiveram seus meios de buscar o paraíso na terra: do assassinato da família Romanov pelos revolucionários bolcheviques até as execuções, prisões sem julgamentos, trabalhos forçados em campos de concentração e regimes de fome através do confisco de grãos nos países de domínio. A antiga União Soviética, sob a égide de seus líderes, gerou mais um mar de sangue para seus próprios povos do que a real concretização do paraíso prometido por seus líderes. Abominando e perseguindo quaisquer tipos de oposição os soviéticos criaram um estado de terror e vigilância constante, que como consequência aboliu quaisquer tipos de justiça, paz e harmonia entre os povos. Um Estado, munido de poder total, subjugando sua própria população, abolindo todas as esperanças de um mundo melhor.

Diante disto, os totalitarismos, apesar do teor secular, não deixaram de fundamentar seus evangelhos e segui-los à risca, de aludir aos seus ideólogos como profetas, de formular e combater aquilo que julgavam ser os “pecados capitais”, de criar seus decálogos e considerar crime e uma grande heresia daqueles que

descumprirem qualquer um dos mandamentos e, mais ainda, de ter como pecado maior não obedecer servilmente aos seus messias e ao partido. Os totalitarismos, buscando concretizar o paraíso na terra, cada qual com suas formulações, levaram a um império de destruição, injustiças, desilusões, assassinatos, dor e sofrimento, tudo isto o oposto do prometido em suas “profecias”. Em suma, é possível notar que, ao longo dos séculos, a humanidade suspirava por um cosmos em que todos os distúrbios, desilusões, sofrimentos, moléstias, misérias e condições e circunstâncias desfavoráveis intrínsecos de toda a condição humana – de sua natureza e realidade – não mais existissem, e apenas as virtudes e coisas boas prosperassem sem a existência de um possível predador ou condição que perturbasse a ordem e a paz; e que esta reinasse onipresente e eterna. A busca por este “novo universo” foi tentada muitas vezes desde o âmbito intelectual até na ação real e concreta¹⁰. Ainda que a consequência deste anseio por um império de paz tenha gerado revoltas de toda sorte e o aprofundamento de todas as mazelas acima enumerados, o século XX e os regimes totalitários não fizeram por menos em intensificar todo o sofrimento humano a ponto de transformar um sentimento de esperança no mundo que viria em um verdadeiro pesadelo em que a esperança, sendo essa nos ditados populares, “a última que morre”, desaparece. A “era de ódio”¹¹, como diria o historiador Niall Ferguson, e a “era dos extremos”¹², tal como caracterizou Eric Hobsbawn, nunca esteve tão longe do fim (se é que um dia terá de fato um fim).

Na União Soviética Stalinista, a busca do “paraíso” culminou em algumas características que, ansiando por um império de justiça na Terra, Stalin, através de propaganda e terror, exigiu a abolição do “Homem interior”¹³, a fim de buscar a

¹⁰ Ações pragmáticas em geral como, por exemplo, ações econômicas, eventos culturais, movimentos políticos, etc.

¹¹ FERGUSON, Niall. *A Guerra do Mundo: A era de Ódio na História*. São Paulo: Planeta, 2015.

¹² HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

¹³O termo refere-se à substância espiritual e transcendental dos homens, ou seja, o *virtus*. Em resumo, seria a alma humana que fornece substância existencial e uma força para a vida e tomada de iniciativa individual, independentemente da condição material e física de cada homem. Para explicar tal conceito precisaríamos de outro trabalho específico e de cunho filosófico. Mas em suma, o “homem interior” ao qual refere-se Tismaneanu é aquilo que os filósofos gregos chamavam de essência do sujeito, aquilo que é indivisível da natureza humana. Deste modo, pela perspectiva do autor, os totalitarismos visam a destruição desta alma, de forma que reduz os seres humanos a meras coisas. Hannah Arendt, em seus ensaios chamados “Compreender”, diz que os regimes totalitários buscavam o isolamento dos homens ao ponto de atomizá-los, ou seja, tirar sua “essência” e reduzi-los a meras coisas jogadas ao acaso no mundo. Sobre o uso do termo “Homem interior” ver: TISMANEANU, Vladimir. O Stalinismo no Leste europeu. In: *Do comunismo: O destino de uma religião política*. Campinas: Vide Editorial, 2015, p. 49-50 apud WAT, 1988, p.92.

verdadeira “fraternidade”¹⁴, salvando a humanidade das misérias ditas inerentes à natureza humana. Juntamente com culto à personalidade de Stalin e seis líderes, todos os serviços e aparatos de propaganda e terror enalteciam o partido - além da figura de Stalin –, dotado da verdade una e incontestável;¹⁵ e tudo aquilo que era contra o partido deveria ser eliminado, submetendo até homens de pensamento e os “arquitetos” aos desejos sagrados do partido comunista russo. Como escrito por Tismaneanu, “as gerações de intelectuais marxistas não hesitaram em aniquilar a própria dignidade em sinal de adesão a esta corrida apocalíptica para as certezas absolutas.”¹⁶ Em seu argumento o autor prossegue dizendo que até mesmo a razão estará abolida de acordo se for da necessidade e benefício do partido, situação representada no livro de Orwell, *1984*, na passagem que o personagem O’Brien afirma a submissão da verdade ao partido. Mesmo algo simples como a somatória de dois elementos com mais dois elementos pode ter o resultado em quatro elementos, ou cinco, ou dez, não importa, desde que esteja de acordo com o desejo do partido.¹⁷

O partido, a partir das ideias de Vladimir Lenin, tornou-se um tipo de entidade com poderes ilimitados e, podemos até dizer, uma entidade exotérica que dita os rumos da história, além de uma onipresença quase divina e dotado de poderes de vida e morte perante os seus súditos por ele dominado. Vladimir Tismaneanu defende a ideia de que Lenin criou um panteão de santos e profetas, os membros maiores do partido, “dedicados a produzir o milênio cataclísmico”¹⁸, tomando o partido como um símbolo sagrado e onipotente que guiaria seus profetas à salvação do proletariado e traria o tão sonhado paraíso na terra.¹⁹ Nas palavras do autor:

O leninismo foi uma forma de messianismo moderno intolerante com realidades que escapam a seu panorama ideológico. Foi uma receita de produção para o “cenário do drama e da redenção milenarista” do *Manifesto Comunista*. Os revolucionários profissionais que fizeram “o partido de um novo tipo” eram, de acordo com Yury Piatakov, “homens de milagres” trazendo à vida “aquilo que é considerado impossível, não realizável e inadmissível [...]. [S]omos pessoas de temperamento especial, sem nenhuns equivalentes na História, precisamente porque tornamos possível o

¹⁴ TISMANEANU, 2015, op. cit.

¹⁵ A figura do partido infalível está muito expressa na literatura George Orwell. Para mais detalhes ver: ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

¹⁶ TISMANEANU, op. Cit., p. 50.

¹⁷ ORWELL, op. Cit., p. 291 -297.

¹⁸ TISMANEANU, Vladimir. *O Diabo na História: Comunismo, Fascismo e algumas lições do século XX*. Campinas: Vide Editorial, 2017, p. 190.

¹⁹ TISMANEANU, op. cit.

impossível”. Portanto, o partido era a encarnação da razão histórica e os militantes esperavam executar suas ordens sem hesitação ou reserva. A disciplina, o segredo e a hierarquia rígida eram essenciais a tal partido, especialmente durante atividades clandestinas (como aqueles na Rússia). O principal papel do partido era despertar a auto-consciência proletária e instilar a doutrina (fé) revolucionária no proletariado dormiente. Esta era a missão salvífica do partido, e por causa dela o partido era a encarnação da liberdade.²⁰

Hannah Arendt, em concordância com os autores aqui apresentados, afirma que muitos membros do partido, através da propaganda totalitária maciça e aparatos de terror – segundo ela, estes elementos estão muitas vezes juntos, mas não são necessariamente inseparáveis – confessavam crimes que não haviam cometido (como nos julgamentos de fachada do Kremlin) não apenas pela propaganda carregando elementos de verdades incontestáveis, mas pela submissão incondicional ao partido e à construção do império de justiça, felicidade e fraternidade feito pelo próprio partido, já que, a propaganda, com seu teor científico e de infalibilidade, produz um efeito psicológico e político de certa previsão de suas profecias, adaptadas às circunstâncias da realidade e justificadas por uma retórica dotada de uma verossimilhança, uma vez que, forjar crimes e fazer seus fiéis membros os confessarem, exige todo um espetáculo defendido pelo uso da razão assim como o terror e assassinato deve ser justificado em nome da materialização de um paraíso escatológico em plano terreno. No entanto, algumas almas devem ser sacrificadas para não atrapalhar a justiça dos oprimidos buscada, sem descanso, pelo imperativo categórico do partido.²¹ Mas como a propaganda foi tão eficaz e tão importante para construir o caminho para o poder dos regimes totalitários? Porque e como conduziu multidões ao culto à personalidade de um líder de forma que fosse depositada todas as esperanças de um mundo melhor em um único ser humano?

Em 1933, ano em que Hitler chega ao poder, não foi marcado apenas por uma simples vitória dele nas eleições, muito menos pelo incêndio provocado no Reichstag, mas por toda uma simbologia carregada por traz de todos os *slogans* desenhados pelo próprio Hitler, juntamente com seus arquitetos do poder. Colocando os anseios de transformações do homem em uma raça de pureza e força semelhante ao dos gregos, assim como a inteligência e elegância política dos

²⁰ Ibid., p. 191

²¹ ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 482-488.

romanos em um só corpo e espírito, Hitler transformou suas propagandas políticas em ideais românticos a serem buscados com heroísmo e lágrimas nos olhos, penetrando a fundo no imaginário social, em suma, como “anseios e aspirações de uma vida”²² através de símbolos. A revolução buscada por Hitler impregnou-se na mente dos alemães, injustiçados pelo tratado de Versalhes e humilhados após a Primeira Guerra Mundial, criando uma aura de expectativas no imaginário de cada alemão, que, como é explicado por Bronislaw Baczko, construindo um “Homem Real” composto por sonhos e representações, com mitos e principalmente esperanças possíveis de serem realizadas²³ desde que tenham o apoio e organização das massas em busca do mesmo fim.

Deste ponto, a ascensão dos regimes totalitários passou por um caminho de suma importância, organizando as massas de modo a moldar um público de modo que aceitem as ideologias dominantes. O apoio das massas foi substancial tanto para a chegada ao poder quanto para o domínio total de modo a legitimar os regimes totalitários. Segundo Hannah Arendt:

A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ter sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas interpartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas.²⁴

Ora, como teria sido possível a perseguição de judeus, mortes e assassinatos, além da criação do gueto de Varsóvia – e os atos desumanos cometidos pelos agentes da *GESTAPO (Geheime Staatspolizei)* e *SS (Schutzstaffel)* – a olho nu da população alemã sem o apoio da população alemã? Baczko nos mostra que a criação da simbologia heroica do “Novo Homem” revolucionou o imaginário social, colocando um guia para as aspirações do povo alemão de uma glória prometida, não por Deus e pela religião, mas pela própria história que selecionou seu messias²⁵. Sendo assim, os símbolos criados pela propaganda Nazista unificaram as massas com um único sentimento de repulsa aos modernismos²⁶, assim como a

²² BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social In: *Enciclopédia Einaudi* Vol V. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1977, p.297.

²³ Ibid, p.302-303

²⁴ ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 435.

²⁵ OVERY, Richard. *Os Ditadores A Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p.80-81.

²⁶ HERF Jeffrey. *O Modernismo Reacionário. Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar no 3º Reich*. Campinas: Ensaio, 1993, p.40-43.

criação de uma ideia de “exploração” do povo alemão pelos judeus. Portanto, unificando as massas a favor do partido centrado na figura do Führer, criando as promessas de um império de glória de mil anos do povo alemão, impregnando as mentalidades dos alemães de *slogans* ideológicos carregados de cientificismo para realizar suas profecias, a perseguição de judeus, assim como o assassinato destes, foi aplaudida e clamada pelas massas alemãs. Em suma, eram legitimadas as atrocidades com o apoio das massas sendo este apoio moldado pela propaganda além de uma grande gama de simbologia. Tismaneanu, fazendo a comparação com o totalitarismo de Stalin, disserta que:

(...) o totalitarismo foi encarado pelas massas que “davam vida e direção a ele”. Assim a União Soviética como a Alemanha passaram pelos tumultos de massas sociais e políticos no período posterior à Primeira Guerra Mundial. Ao tempo em que Stalin e Hitler subiram ao poder, havia, na verdade, “um consenso popular amplo para uma política sem conflito e uma sociedade sem divisões”. Ao reestabelecer e recriar a ordem social, esses estados mostraram ser tão opressores quanto paternalistas.²⁷

Assim, notamos um aspecto interessante: Os judeus faziam parte do povo alemão, porém foram os considerados inimigos do Estado. Suas riquezas eram vistas como uma ofensa diante uma nação solapada por crises e um ato de covardia perante alemães em estado de pobreza e sem perspectiva de um futuro promissor. Hannah Arendt argumenta que existia certa repulsa comum em relação a sujeitos possuidores de muita riqueza e bens materiais, porém sem o menor interesse de participação política ou ajuda, menos ainda diante um estado de coisas totalmente caótico e infausto.²⁸ Deste modo, dividiu-se a Alemanha entre agentes do Estado de

²⁷ TISMANEANU, Vladimir. “op. cit., p.34. apud OVERY, Richard. *The Dictators*, p.650.

²⁸ Para melhor entender tal circunstância, faz-se necessário duas observações: 1º: No período em questão, a forma tomada pelo Estado alemão estava na base de Hegel, ou seja, todos os elementos, segundo Hegel, da nação como religião, guerras, aparatos bélicos, relações sociais, Filosofia, etc eram elementos a favores do Estado enquanto agente e único “sujeito” (ainda que abstrato) que pode atingir o “Universal”. De modo que, tendo como forma esta característica hegeliana, se uma riqueza não estava a serviço da política, elemento fundamental para a construção de Estado, então não era nada além de algo secundário e sem função que não contribuirá em nada para o crescimento e progresso do Estado e seu espírito absoluto;

2º Hannah Arendt nos mostra em sua obra “As Origens do Totalitarismo” na sua primeira parte sobre o “Antissemitismo” ela afirma: “O antissemitismo alcançou seu clímax quando os judeus haviam, de modo análogo, perdido funções públicas e a influência, e quando nada lhes restava senão sua riqueza.” E a autora continua: “Quando Hitler subiu ao poder, os bancos alemães, onde por mais de cem anos os judeus ocupavam posições-chave, já estavam quase jundenrien – dejudaizados -, e os judeus na Alemanha, após longo e contínuo crescimento em posição social e em número, declinavam tão rapidamente que os estatísticos prediziam seu desaparecimento em duas décadas.” Tal narrativa

glória e heroísmo e seus inimigos que no caso eram os Judeus. Semelhante foi também na União Soviética de Stalin, como analisa Vladimir Tismaneanu, em que o “stalinismo, assim como o nazismo enfatizam a necessidade de integração social e pertencimento comunal”²⁹ – então unificando as massas – e, continua o autor, realizando a “exclusão de *outros* específicos.”³⁰ No caso específico desta criação de um inimigo comum e os esforços para a construção do “Reich de Mil anos”, voltemos no tempo, especificamente na era das grandes migrações do século III a fim de elucidar algumas questões pertinentes às origens das ideias que foram apropriadas pelos regimes totalitários.

1.1

A História das Ideias políticas medievais, em suma, estava voltada para a evocação do *Sacrum Império*, Santo Império, antecessor às evocações místicas - ainda que em estado de fundamentação filosófica - do *Regnus Impérium e Regnus Christ*, enquanto criação³¹, dentro das ideias políticas de formação do reino de cristo, retomando, também, as ideias políticas do povo de Israel – ideias vinda de épocas da antiga *Torá*³² - com a união de todos os povos pela égide de Deus (no caso lahweh) como rei e soberano sobre a terra.. Porém, foi apenas um estado de integração – ou ao menos uma tentativa - de todos os povos sobre um único reino Daquele considerado o soberano sobre o Universo. Mas, com o tempo, houve rupturas deste *cosmion*³³ levando a um processo de desintegração espiritual com seu clímax nos anos de 1200, momento em que surgem as primeiras rebeliões milenaristas inspiradas pelas especulações de Joaquim de Fiore³⁴. Tendo como

demonstra algumas investigações a serem feitas como o discurso do Führer de exterminar os judeus e se a questão judaica era o real foco dele para implantar o seu regime.

²⁹ TISMANEANU, Vladimir. “Stalin, Hitler e a Apoteose do Terror” In: *O Diabo na História. Comunismo, Fascismo e algumas lições do século XX*. Campinas: Vide Editorial, 2017, p.34

³⁰ TISMANEANU, 2017, op. cit.

³¹ VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas Vol II: Idade Média até Tomas de Aquino*. São Paulo: É-Realizações, 2012, p. 35-40.

³² Antigas escritas judaicas. Na Bíblia cristã, ela representa o Antigo Testamento.

³³ Utilizo o termo *cosmion* no sentido em que o Eric Voegelin se apropria: como um conjunto de ideias que buscam explicar, de forma clara e com precisão, estrutura da realidade do mundo e do universo, levando em conta desde aspectos físicos e nítidos, até aspectos abstratos e não claros, mas que condizem com a realidade da existência.

³⁴ Com o objetivo de não prolongar uma discussão que desviará de nosso foco, vale deixar claro algumas informações. Para começar, não temos a certeza, ao menos até as investigações deste trabalho em específico, se as rebeliões milenaristas de fato tiveram início com Joaquin De Fiore e se suas ideias foram substanciais para ascender um barril de pólvora que talvez já estava a ponto de explodir. Podemos pincelar esta observação da última frase quando analisamos um trabalho do Historiador James H. Billington chamado “Fire in the Minds of Men: Origins of Revolutionary Faith”

referência as datações utilizadas por Eric Voegelin, expliquemos os acontecimentos.³⁵

A complexidade da estrutura interna medieval resulta de precedentes como as grandes migrações, datadas a partir da entrada dos visigodos em 376 d.C no Império Romano até séculos mais tarde, incluindo a migração das tribos germânicas a partir³⁶ da Escandinávia à Alemanha do Norte, passando por Elba e Oder, as tribos germânicas percorreram uma vasta área da Europa, mas não foi de forma pacífica ou glamorosa.³⁷ Os Germânicos enfrentaram batalhas com os Romanos cimbrós e os teutões ainda no fim do século II a.C, depois as batalhas contra César no século I a.C, em seguida batalhas contra Marco Aurélio entre 166 e 175 d.C. Todas essas batalhas levaram as migrações de 376 a 568 e posteriormente nos séculos IX e X pela onda de invasão dos nórdicos e neste período entre 568 e século IX e X, houve migrações menores, mas sem muitos detalhes e registros pelos historiadores da época (romanos)³⁸.

investigando as origens dos movimentos revolucionários de massa, assim como o teor de violência e tentativa de remodelação da condição humana pela lógica e retórica como fundamentos de base para a busca mística do milênio. Billington, ao rastrear em seu trabalho as origens dos movimentos totalitários de massa, retoma aos séculos VII e XIII durante a cisma da Igreja Católica e nos apresenta a influência de seitas gnósticas e messiânicas e suas ideias circulando em meios de alta cultura devido a frequência não tão comum de membros do clero e da nobreza dentro destas seitas, ainda que esses sujeitos sejam declaradamente católicos. Em complemento ao Billington, um Historiador católico também chamado Friederich Heer em sua obra "The Intellectual History Of Europe", em dois volumes, aponta para as origens dos movimentos de massa modernos que tem como fonte as seitas gnósticas e messiânicas não derrotadas por completo pela Igreja Católica, ainda que houve batalhas de ideias e até julgamentos severos.

A segunda e última observação consiste em deixar claro que este trabalho não visa aprofundar nestes assuntos devido a acabar desviando do foco em que buscamos chegar, além de ser necessária uma vasta bibliografia e acesso às fontes primárias para melhor elucidar o tema.

Para mais informações ver: BILLINGTON, James H. *Fire in the Minds of Men: Origins of Revolutionary Faith*. New York: Library of Congress, 1980. Ver também: HEER, Friederich *The Intellectual History Of Europe Vol.1: From the Beginnings of Western Thought to Luther*. Anchor Books, 1968.

³⁵ Voegelin afirma que as datações consentidas por historiadores não são totalmente satisfatórias. Muitas delas não condizem com o real alcance com os movimentos das grandes migrações do século III. Nas palavras do autor: "A Grande Migração costuma ser datada desde a entrada dos visigodos no Império Romano, em 376, até a irrupção dos lombardos na Itália, em 568. Mas essas datas, embora reflitam a eficácia do mito de Roma na construção da História, tem pouca relação com o real alcance dos movimentos, pois apenas indicam as primeiras e últimas grandes fixações de tribos germânicas dentro das fronteiras do império.". Para mais informações, ver: VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas Vol.II: Idade Média até Tomas de Aquino*. São Paulo: É REALIZAÇÕES, 2012, p. 36.

³⁶VOEGELIN, loc. cit.

³⁷ ibid., p.37.

³⁸ VOEGELIN, loc. cit.

As tribos germânicas também tiveram seu contato com os povos do oriente, como as tribos da Ásia central e China³⁹. No século IV, os hunos chegaram à região do Mar Negro, local em que as tribos germânicas orientais já haviam se estabelecido havia pelo menos um século⁴⁰. Somando-se ao choque com o império ostrogodo e a derrota dos visigodos por volta de 372, ocasionou a migração das tribos germânicas em direção ao ocidente e assim deu-se o início da “Grande Migração”, segundo Eric Voegelin⁴¹. Mas o que tem de importante nas migrações germânicas – assim como as asiáticas que também entraram em conflitos com as tribos germânicas?

Os acontecimentos históricos das tribos germânicas é um caso complexo: De derrotas militares, perda de território, até a perda de uma *identidade*, as tribos passaram por uma situação em que não constava nenhuma chance de sobrevivência, de modo a criar uma situação psicológica de derrota e desintegração, agravando uma situação de vingança. Eric Voegelin diz que:

A migração foi um processo que se estendeu durante séculos, conduzindo à fundação e à destruição de impérios por grupos tribais comparativamente pequenos e em condições terríveis. Temos de imaginar que os visigodos, ostrogodos, vândalos, hérulos e lombardos não são grandes poderes guerreiros, lançados à conquista vitoriosa do mundo como Alexandre e os seus macedônios; são tribos *derrotadas, dizimadas, assustadas, “espremidas”* entre hunos e romanos, na busca desesperada de um lugar onde encontrassem descanso e segurança. A desintegração psicológica e espiritual que acompanhou esta expansão resultante de razões internas agravou-se ainda mais após as derrotas perante as tribos asiáticas.⁴²

No meio de todas estas circunstâncias, a solução para as tribos germânicas, em detrimento de sua possibilidade de desintegração, foi adentrar no mundo cristianizado dentro do império romano, agravado pelo sentimento e condição psicológica então presente de uma busca por segurança, somados à um espírito reinante de injustiças que um dia seriam sanadas. Assim, toma-se forma a estrutura do mito germânico, ao qual, fazendo as devidas abstrações, será apropriado séculos depois, como explica Voegelin:

Entretanto, os sentimentos fixados na migração permanecem ativos na agitação de fundo que produz onda na superfície, como o sucesso do drama germânico wagneriano; a reinterpretação da guerra da Saxônia de

³⁹ *ibid.*, p. 37.

⁴⁰ *ibid.*, p. 37.

⁴¹ *ibid.*, p. 38.

⁴² *ibid.*, p. 38.

Carlos Magno como o grande crime contra a raça germânica; o retorno aos cultos germânicos, como Mathilde de Ludendorff; o romantismo camponês germânico de Ricardo Walter Darré; o mito da origem nórdica da civilização; a movimentação contra a cristandade geral, e o catolicismo em particular; o movimento contra o direito romano “estrangeiro”; a crença de Fichte no *Urvolk* alemão; a crença na originalidade da língua alemã em contraste com o caráter derivado do francês e do inglês; a crença de que a nação alemã foi sacrificada pela ideia imperial e, assim, traiu seu próprio destino; o medo de uma repetição da derrota da migração, expressando-se no mito recorrente do “cerco”; e finalmente, a “revolta contra o Ocidente” em geral.⁴³

Os conflitos passados acabaram por gerar toda uma desintegração política, étnica e até espiritual, a ponto de fazer com que os germânicos adotassem, como mencionado, ideias e até uma nova identidade com base cristã. Porém, não foi uma adesão substancial, visto que os povos germânicos não possuíam uma unidade étnica, tampouco uma identidade unificada. Após as derrotas com o império Franco, agravando suas perdas, estabeleceu um ambiente de fracasso generalizado, caos, destruição presente e, talvez o mais agravante, a submissão aos impérios de superioridade civilizacional, formando, deste modo, o mito da derrota e do apocalipse total.⁴⁴

1.2

O caso alemão após a primeira guerra mundial assemelhou-se ao estado de coisas do século das grandes migrações, em específico, das circunstâncias das tribos germânicas e suas tentativas de adaptar-se ao universo de desordem e fragmentação. Ora em concordância explícita com as novas ideias, ora em discordância, a Alemanha pós-Primeira Guerra teve de aderir aos tratados propostos pelos países vencedores, criando um estado de insatisfação. Somado a isto, a Alemanha enfrentava crises internas como hiperinflação, diminuição do seu poder bélico, perdas territoriais e sanções econômicas pelos países aliados⁴⁵.

⁴³ *ibid.*, p.55

⁴⁴ *ibid.*, p. 50-51.

⁴⁵ O tratado de Versalhes obrigou a Alemanha a ceder a região de Dantzig, o corredor polonês, que deu acesso a Polônia ao mar. Nos dias 31 de agosto de 1939 e 1º de setembro do mesmo ano, os alemães, pelo método da Blitzkrieg, invadem a Polônia e reconquistam o porto de Dantzig e invadem outras aldeias polonesas simbolizando uma resposta ao tratado de Versalhes proposto após a Primeira Guerra Mundial. Para mais informações ver: GILBERT, Martim. *A Segunda Guerra Mundial: os 2174 dias que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014, p. 9-11.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914 -1918), os alemães sofreram todos os tipos de sanções que não se restringiu a apenas acordos militares e diplomático do Tratado de Versalhes. Muito bem descrito pelo historiador Niall Ferguson, as divisões territoriais feitas a partir das ideias do então presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson foram baseadas a partir das raças⁴⁶, algo que fez parte dos debates e decisões da política internacional no início do pós-guerra. Com as novas divisões das nações em 1920, as discriminações cresciam, por exemplo, nas escolas da antiga Tchecoslováquia, onde escolas alemãs eram fechadas mesmo em regiões onde poucas famílias tchecas moravam ou mesmo as frequentavam.⁴⁷ Muitas provas para os mais variados cargos tanto na Tchecoslováquia como na Polônia eram dificultadas através da obrigação da língua e alfabeto das respectivas nações, restringindo ao máximo a entrada de pessoas de origem alemã em cargos de trabalho, principalmente em cadeiras de governo.⁴⁸ A *Deustchtumsbund* (liga alemã)⁴⁹ foi suprimida e as minorias alemães já desunidas ficaram em um estado de desolamento que só teve esta situação sanada durante o *Reich* de Hitler. O ambiente de divisão étnica, perseguição, perdas e injustiças estava estabelecido. Assim como na era das grandes migrações, tiveram de adaptar-se das mais variadas formas; e as crises financeiras e políticas da Alemanha intensificavam um sentimento de vingança. Apenas um líder poderia rever toda esta miséria, buscar uma solução e depois guiá-los para glória.

1.3

No mundo europeu oriental a situação já se encontrava em estado de derramamento de sangue na busca escatológica dos revolucionários bolcheviques por um império soviético comunista.

O sofrimento dos povos alemães, apesar de intenso, não foi exclusivo, já que os judeus sofreram enquanto minorias étnicas e mais ainda dentro de um espírito universal de antissemitismo já a partir de 1920. Os *pogroms* foram comuns na nova Rússia comunista e sua trajetória mistura-se com suas ânsias escatológicas do

⁴⁶ FERGUSON, Niall. *A Guerra do Mundo: A era de ódio na História*. São Paulo: Planeta, 2015, p. 244-246.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 251.

⁴⁸ FERGUSON, 2015, loc., cit.

⁴⁹ Não há uma tradução exata. No entanto, a que melhor se encaixa é esta que está entre parênteses.

paraíso comunista na terra e a redenção dos homens perante a “igualdade e a ciência”⁵⁰.

Durante a Primeira Guerra, ainda no momento em que as tropas russas estavam em um estágio de desmoralização, as vozes revolucionárias ecoavam prometendo “terra, pão e paz” para aqueles que dessem forças e poderes aos soviets⁵¹. Concomitantemente, os discursos eram a esperança de Trotsky para um tratado de paz, porém o povo russo estava lutando com bravura no front contra os alemães. Assim, Lenin deu ordens para ceder as terras russas cultiváveis aos alemães e continuar a revolução por outros meios que não os discursos de paz.⁵²

De acordo Niall Ferguson, historiador escocês, atual pesquisador pela Universidade de Oxford e professor emérito da New College of the Humanities, a revolução não causou o fim da guerra, “apenas sua mutação”⁵³. No mesmo período, o mundo passou por uma crise de gripe espanhola que devastou até mesmo os exércitos alemães, sendo um consenso entre historiadores que pode ter sido um dos fatores do forte enfraquecimento dos exércitos até mesmo do bloco americano e seus aliados. Mas, segundo Ferguson, outra “epidemia” espalhou-se no mundo e seu nome ficou conhecido como “Bolchevismo”. Tismaneanu não escreveu seu livro com o título “Diabo na História” levemente, porque, assim como Ferguson, ele, Arendt e Eric Voegelin começaram suas investigações acerca do totalitarismo justamente pelos brutais assassinatos e perseguições feitas pelos seus líderes ao próprio povo. Tudo isto pelo motivo de que, no cerne da revolução, estava a busca escatológica e o paraíso na terra. O teor revolucionário e as agitações para a busca do milênio não são novos na história humana, assim como a ideia de um messias que se encarregaria de trazer ao mundo o paraíso.

1.4

Os totalitarismos buscaram consolidar-se, não apenas como uma ideologia concorrentes às outras, ou como uma corrente política que, por vias democráticas, aspiravam uma vaga no poder, mas como uma organização social, cultural,

⁵⁰TISMANEANU, Vladmir. *O Diabo na História: Comunismo, Fascismo e algumas lições do século XX*. Campinas: Vide Editorial, 2017, p.203-206

⁵¹FERGUSON, op. Cit., p. 225

⁵²Ibid., 2015, p. 225.

⁵³Ibid., p. 225.

econômica e até mesmo espiritual. Em suma, uma força que visava encobrir a totalidade da realidade enquanto um *cosmos* e também um *cosmion* que ocuparia as aspirações e vocações humanas, para servirem a um único objetivo: a salvação da humanidade, como um projeto transcendental de transformação da condição humana, sendo necessário para este fim a vinda de um guia, ou seja, um Messias, personificado e escolhido, não apenas pelo clamor de um povo, mas pela própria ordem natural da História.⁵⁴

Na História do comunismo soviético a criação de um messias baseia-se através das ideias de Karl Marx da criação de uma “classe-messias”. Segundo analisa Tismaneanu, a classe de proletariados, na visão de Marx, é embutida da missão de formar a figura do herói que guiará a revolução pelo mundo, dominando os princípios da História, formulando suas leis e construindo o futuro para a nova era global.⁵⁵ Ou seja, o proletariado é a nova classe salvadora da humanidade, munida de uma infalibilidade e previsibilidade de saber quem são os seus aliados e os seus inimigos que irão perecer ou ser salvos no novo apocalipse histórico. Esta missão messiânica será reformulada por Vladimir Lenin de modo a mudar a vocação revolucionária das mãos do proletariado para as mãos do partido. Nas palavras de Tismaneanu:

O marxismo funda-se no culto da razão da história, ambas sacralizadas, baseia-se na convicção de que pode ser construído como modelo mental que configura, inventa as leis da história. Com base no conhecimento dessas leis, os adeptos do comunismo estão na situação de não errar nunca, porque dominam os princípios da História.⁵⁶

Por isto mesmo, temos a força que move e da credibilidade aos totalitarismos. O teor de previsibilidade messiânica, selecionando seus heróis e apóstolos, fez com que dominasse a mente dos povos subjugados por estas ideias, já que o caráter religioso - camuflado de cientificismo - fazia com que a revolução se tornasse uma verdade universal para todos os povos e todos os tempos; e, como toda verdade, ela busca uma forma de se concretizar no plano da realidade e das ações pragmáticas. O totalitarismo soviético, assim como o seu concorrente nazista, exprimiu a revolta contra seus inimigos declarados – burguesia, para o primeiro, judeus, para o segundo – almejando, ainda que ateus explícitos e contra qualquer tipo de religião, a

⁵⁴ TISMANEANU, op. cit, p.17.

⁵⁵ *ibid.*, p.17

⁵⁶ *ibid.*, p.17.

divinização da humanidade e seus povos. O partido, sob a égide de Lenin, ganhou poderes de cunho universal e divino, enquanto o partido Nacional – Socialista era uma expressão de Hitler, o mesmo que representava todos os anseios dos povos germânicos.

Tismaneanu disserta sobre a transferência da missão do proletariado para o partido comunista de Lenin. Segundo o autor, se para Marx a verdade histórica era encarnada na classe de proletariados que levaria a revolução comunista adiante, para Lenin o partido supria muito melhor tal função⁵⁷. Lenin absorve das mitologias revolucionárias do século XIX e nota que a classe de proletários necessitava de um guia, uma força de alto nível intelectual, que organizasse as massas. Então, aproveitando a ascensão dos bolcheviques já em 1917, antes da chegada definitiva ao poder, seus discursos inflamados sobre a revolução eminente o fazem ressaltar como a figura de um intelectual que guiará a revolução e a massa de proletariados injustiçados. O projeto bolchevique que inicialmente era de representar os anseios das massas, agora encarna, nas palavras de Tismaneanu, “o absolutismo ideológico, a sacralização do escopo supremo, a suspensão das faculdades críticas e o culto a linha do partido como expressão perfeita da vontade geral”⁵⁸. Tal mudança já era proposta nos escritos de Leon Trótski, intelectual marxista e revolucionário bolchevique e um dos principais membros do partido. Trótski nos seus escritos chamados *Our Political Tasks* já notava que as massas compostas pelo proletariado não possuíam uma organização política substantiva e estava deslocada das missões políticas das quais, em teoria, eram designadas para prosseguir com a revolução⁵⁹. Em suma não tinham um “guia” e deveriam, através dos intelectuais, criarem planos para dar consistência intelectual para as forças de combate revolucionárias. A solução foi apresentada por Trotsky quando ele analisa a força das greves planejadas nos comitês. Ele diz:

O pivô do trabalho dos "economistas" foi a greve. No período seguinte, a manifestação teve mais ou menos o mesmo papel. Sem esses "pivôs", nosso trabalho nas massas seria absolutamente impossível. No Ocidente, além do fato de que, nos últimos tempos, o ritmo do movimento é incomparavelmente mais "medido", os "momentos críticos" do revolucionário

⁵⁷ Ibid., p.21.

⁵⁸ Ibid., p.25.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1904/tasks/index.htm>.

"processo de produção" são as campanhas eleitorais periódicas. Greves e manifestações representam toda uma série de práticas complexas de resistência de massa, fortalecem o sentimento de solidariedade e desenvolvem uma perspectiva de luta - e o fazem em uma escala que nem a agitação nem a propaganda escrita poderiam alcançar. Seria totalmente utópico acreditar - como os primeiros lavristas - que é possível desenvolver a força de classe política no proletariado, mantendo-se contente em explicar sobre as lutas dos trabalhadores de outros países ou mostrando a necessidade de lutar sem ao mesmo tempo, mostrando que formas de luta são possíveis em um determinado momento e exortando-a a aplicá-las. A greve e a manifestação, os dois pontos altos da luta nos dois períodos anteriores, não só deram realidade prática aos sentimentos de protesto que surgiram no proletariado devido à agitação escrita e oral, mas também abriram abruptamente e rapidamente o campo da essa agitação e qualitativamente elevou a receptividade das massas a ideias de novas formas de luta, de maior importância e complexidade.⁶⁰

Trotsky havia notado também que o partido estava "reduzido à impressão e distribuição de folhetos"⁶¹. Deste modo, foi colocado que o partido, munido de um aparato intelectual – composta, obviamente, por sujeitos de grande envergadura intelectual – ele deveria não apenas ser a "consciência" organizada das massas de proletariados, mas, principalmente, a vontade geral das massas, de modo ao partido substituir as consciências individuais. Ora, se o partido tomou conta das consciências, o pensamento e a imaginação, o próximo passo é a ação. Logo, de acordo com Trotsky, o partido é o novo sujeito messiânico que estabelece táticas das quais serão cumpridas pelas novas armas: a massa de proletariados. Portanto,

⁶⁰ Ibid. O trecho está em inglês, e foi de minha autoria a tradução. Segue o original: *"The pivot of the work of the "Economists" was the strike. In the following period, the demonstration played more or less the same role. Without such "pivots," our work in the masses would be absolutely impossible. In the West, apart from the fact that in recent times the pace of the movement there is incomparably more "measured," the "critical moments" in the revolutionary "production process" are the periodical election campaigns. Strikes and demonstrations represent a whole series of complex practices of mass resistance, strengthen the feeling of solidarity, and develop a fighting outlook – and do so on a scale that neither agitation nor written propaganda could achieve. It would be totally utopian to believe – as the first Lavrists did – that it is possible to develop political class strength in the proletariat while remaining content to explain to it about the struggles of workers in other countries, or showing the need to struggle without at the same time showing what forms of struggle are possible at the given time, and calling on it to apply them. The strike and the demonstration, the two high points of struggle during the two preceding periods, not only gave practical reality to the feelings of protest which had emerged in the proletariat due to written and oral agitation, but also abruptly and rapidly widened the field of this agitation and qualitatively raised the receptivity of the masses to ideas of new forms of struggle, of greater importance and complexity."*

⁶¹ Ibid. Original: *reduced to printing and distributing leaflets.*

Trotsky fundamenta, intelectualmente, o monopólio moral, político, organizacional e messiânico do partido. A tática foi, em suas palavras:

O Partido começa a existir onde, com base em um determinado nível de consciência, organizamos a vontade política da classe usando métodos táticos correspondentes ao objetivo geral. O Partido só pode crescer e progredir continuamente por meio da interdependência da “vontade” e da “consciência” se cada passo tático, realizado sob a forma de alguma manifestação da “vontade” política dos elementos mais conscientes da classe, inevitavelmente, aumenta a sensibilidade política desses elementos que ontem não estavam envolvidos e, assim, prepara a base material e ideológica para novos passos táticos, que serão mais resolutos e com maior peso político e um caráter de classe mais decidido.⁶²

Em seguida concluiu fundamentando sua tese – também podendo chamar de “missão” ou “tática” -:

Partido é mais do que apenas um campo político sob a influência direta do jornal; que o Partido não é apenas composto por leitores assíduos de Iskra, mas por elementos ativos do proletariado que estão envolvidos em sua prática coletiva todos os dias. Vamos repetir, é despertar essa atividade coletiva, avançar, coordenar e dar forma (e apenas para isso) de que precisamos de uma organização flexível e flexível, capaz de iniciativas, uma “organização de revolucionários profissionais”, não de vendedores ambulantes de literatura, mas de líderes políticos do partido.⁶³

A possibilidade da construção desta figura messiânica foi possível graças ao aparato de propaganda que criou símbolos que fabricou um mito em torno do partido e da personalidade dos líderes. As ideias de grandes filósofos também foram de suma importância. Segundo Overy, as ideias do Nietzsche foram de grande valia

⁶² Ibid. Original: “The Party begins to exist where, on the basis of a given level of consciousness, we organise the political will of the class by using tactical methods corresponding to the general goal. The Party is only able to grow and progress continually by means of the interdependence of “will” and “consciousness” if every tactical step, carried out in the form of some manifestation of the political “will” of the most conscious elements of the class, inevitably raises the political sensitivity of these elements which yesterday were not involved, and thus prepares the material and ideological basis for new tactical steps, which will be more resolute, and of greater political weight and a more decided class character.”

⁶³ Ibid. No original: “Party is more than just a political field under the direct influence of the paper; that the Party is not just composed of assiduous readers of Iskra, but of active elements of the proletariat who are engaged in their collective practice each day. Let us repeat, it is to arouse this collective activity, take it forward, co-ordinate it and give it shape (and just for that) that we need a supple, flexible organisation capable of initiatives, an “organisation of professional revolutionaries,” not of peddlers of literature, but of party political leaders.”

para dar substância a figura divina dos líderes. Não que Nietzsche tenha formulado objetivamente a figura messiânica dos líderes totalitários, mas suas ideias foram apropriadas, de modo que a sua formulação do “Super-Homem (*Übermensch*)” foi favorável para Hitler a fim de ele mesmo utilizar de sua personalidade para justificá-lo como o líder supremo do povo alemão e sua missão de trazer aos injustiçados povos alemães o *Reich* de mil anos. O “Super-Homem” do Nietzsche, segundo a interpretação de Richard Overy, consiste em sujeitos que transcendiam o espírito do homem comum e possuíam uma “autonomia moral e uma independência psicológica dos valores e instituições do homem moderno”⁶⁴. O próprio Overy deixa claro que a apropriação pelos líderes totalitários de termos nietzscheanos não representa a mensagem da investigação que Nietzsche gostaria de ter passado⁶⁵. Porém, sua ideia, além de outros grandes sociólogos como Max Weber, também foram apropriadas a fim de fundamentar a missão de Hitler e Stalin para cada um guiar as suas respectivas revoluções. As concepções desses líderes tinham até justificativas de que eram líderes não apenas políticos, mas de cunho espiritual, reforçando o teor religioso por trás de toda a ação de Hitler e dos soviéticos ao longo do século XX.

Overy disserta que o próprio Hitler já havia escrito em seu famoso livro, *Mein Kampf*, sobre a importância da personalidade do líder. Para ele, o líder era uma figura de uma mente superior que enxergava de forma clara os rumos da história⁶⁶. Eram seres *naturalmente* superiores, verdadeiros gênios que eram escolhidos, não apenas pelo seu povo, mas pelo curso natural da história.

Inicialmente, Hitler, segundo Overy, não considerava sua própria pessoa como o “gênio” escolhido pela História. Ele apenas passou a crer achar-se como “escolhido” após o fracasso *Putsch* de 1923 encarando a crise em que vivia como o momento do nascimento de um líder representado por ele mesmo⁶⁷. Apenas em 1926, quando foi aceito como líder do partido, Hitler começou a incorporar a figura de um líder escolhido para salvar a Alemanha. Para ele esta escolha é natural, e não forçada ou artificial.

⁶⁴ OVERY, op. cit, p.122

⁶⁵ Ibid., p. 122.

⁶⁶ Ibid., p.119.

⁶⁷ Ibid., p. 119

Visto que Hitler não era ninguém importante em sua época, não havia feito nada heroico ou notável, foi necessário que construísse artificialmente sua personalidade, o que já contradiz as ideias do ditador. Hitler, em particular, era uma figura nada atraente, que não demonstravam qualquer tipo de característica marcante que chamasse atenção. Deste modo, seus discursos calorosos e heroicos eram puras encenações, nada de natural em suas palavras, gestos ou expressões. Tudo muito bem calculado para chamar a atenção das multidões em seus comícios⁶⁸.

A propaganda e a criação de símbolos estavam nas filmagens feitas para glorificar sua imagem de salvador. Segundo Overy, filmes como “*A vitória da Fé*” e “*Triunfo da Vontade*”⁶⁹, visto por milhões de alemães, utilizavam-se de muita dramatização e cenas de emoção, mostrando um herói redentor, um verdadeiro líder a quem o povo alemão poderia dar o braço a torcer⁷⁰.

Ao leste do continente Europeu, Lenin se personificava na figura do salvador. Diferente de Hitler, em Lenin já havia alguns atrativos naturais, como uma personalidade ascética, trabalhadora e com certa moderação⁷¹. Após a revolução em outubro de 1917, estabeleceu seu escritório no Kremlin, sempre de portas abertas para o povo, como um rei que, sentado em seu trono, recebia seus súditos. Era sempre moderado e simpático, apesar de exigir que os visitantes realizassem uma profilaxia antes de estar diante a presença de seu líder. Ainda assim, foi considerado um “bom Tzar”⁷². A figura de czar e líder caiu no domínio público e sua figura passou a ser reverenciada. No começo, como afirma Overy, Lenin não aproveitou do culto a sua personalidade, mas a partir de 1920 utilizou-se da simbologia de sua figura para a sobrevivência no poder. Apesar de manter um controle para não ocorrer exageros, sua personalidade ficou em equivalência com a

⁶⁸ Ibid., p.128

⁶⁹ *Triumph des Willens, de 1934*. Foi um filme propagandístico e apologético nazista feito em pela cineasta alemã Helene Bertha Amalie, também conhecida como “Leni Riefenstahl”. A cineasta nasceu em Berlim, em 22 de agosto de 1902. No ano de 1932 ela viu Hitler discursar e ficou encantada pela forma e o teor do discurso dele e por isto, ela ofereceu seus serviços de cineasta para o Führer. Além do filme feito por ela que aqui mencionamos, também fez outros sobre a *Wehrmach* e filmou os jogos olímpicos de 1936. Seus métodos e técnicas de filmagem ficaram conhecidos e foram utilizados pela indústria cinematográfica ao longo do século XX. Apesar de seu sucesso e importância, após a Segunda Guerra Mundial caiu no ostracismo, dedicando-se apenas ao mergulho e fotografia.

⁷⁰ OVERY, op. cit., p.128-129.

⁷¹ Ibid., p.125.

⁷² Ibid., p;125.

de Cristo, “o Salvador”, de modo a atrelar sua biografia à história da revolução russa e do partido comunista⁷³. Sua morte acarretou um estado de luto nunca antes visto, criando uma esperança em sua ressurreição tanto quanto acreditava-se na ressurreição de Jesus Cristo. Não obstante a figura de Vladimir Lenin é homenageada até hoje no aniversário da revolução russa.

Stalin foi um dos grandes apóstolos de Lenin, já controlando o aparato do partido comunista russo momentos antes da morte desse. Ainda que Lenin houvesse pedido o afastamento de Stalin do partido por considera-lo “extremista” e de uma personalidade sem moderação, Stalin venceu seus opositores do partido em 1929, passando a construir sua ditadura em cima da história de Lenin, planejando e criando um partido, como chamou Tismaneanu, “pós-leninista”⁷⁴. Stalin sempre relembrava a figura de Lenin e se colocava como seu leal seguidor, dando sequência a forma estabelecida por Lenin de que o partido tinha a missão de salvador e de vanguarda da revolução. Stalin acrescentou que o partido deveria ter um núcleo que daria ordens diretas a outros membros do partido, colocando um poder total nas mãos Stalin de modo a assemelhar-se a déspota perante seus peões⁷⁵.

Mais ainda: segundo apresenta Overy, Stalin defendia uma linha mais dura no comando do partido, ideia já clara em seus escritos desde 1920.⁷⁶ Construindo um poder e força que talvez o próprio Lenin desconhecesse, Stalin torna-se um ser supremo e absoluto no partido, fazendo tudo a sua imagem e semelhança, de modo a afirmar que sempre apreciou os grandes heróis, e de forma modesta, dizia que na ausência de um alguém deviria ocupa-lo e no caso das circunstâncias históricas o “escolhido”, ou seja, o novo “herói”, foi ele⁷⁷.

Sua figura, assim como de Hitler, também foi construída, mas com muito menos teatro, encenações, heroísmo, drama e emoção. Overy aponta Stalin mais como uma figura de um “tio”⁷⁸, uma pessoa calma, moderada e sem hesitação e brincalhona, a ponto de parecer até mesmo um vovô em que crianças sentam no

⁷³ Ibid., p.126

⁷⁴ TISMANEANU, op. cit., p.37.

⁷⁵ OVERY, op. cit., p.120.

⁷⁶Ibid., p.120.

⁷⁷ Ibid.,p. 121.

⁷⁸ Por coincidência ou não, durante a Segunda Guerra Mundial, os aliados referiam-se, de forma brincalhona, a Stalin como “*Uncle Joe*”, o Tio Joe.

colo para ouvir suas histórias. Stalin também era de poucas palavras, não aparecia muito em público – mesmo durante sua chegada ao poder – e durante a Segunda Guerra Mundial e os últimos anos de sua vida foi tornando-se cada vez mais isolado. Descrito por Overy, Stalin, durante as reuniões do partido, sentava-se nos cantos, falava pouco e não dava muitas opiniões⁷⁹. Propositamente ou não, isto gerava respeito e um certo medo perante sua figura.

Durante seu governo, Stalin usou e abusou do culto à personalidade de Lenin. Conforme foi sendo visto como o novo líder e até “um bom Tzar”, uma grande propaganda começou a surgir em torno de sua personalidade. Apesar de Stalin não acreditar no poder da personalidade, aproveitou, assim como Lenin, do culto à sua própria personalidade. Os russos escreviam até mesmo cartas e materiais didáticos para as crianças exaltando a figura de Stalin. Poemas, livros, cartilhas, tudo isto, possibilitaram o culto a nova personalidade, ao novo líder, ao novo messias que guiará os anseios do povo para a eterna glória comunista.

Deste modo, é nítido que as personalidades messiânicas tiveram importância crucial na construção de governos totalitários. Assim como nas grandes religiões, a figura do messias enquanto agente salvador e heroico é de suma importância porque a história só é feita por ações e, principalmente, por ações deliberadas de sujeitos, seres humanos que, adentrados nas circunstâncias, modelaram o desenrolar da história da forma que melhor puderam, criando mitos, crenças, ideias que entram nos corações e mentes dos homens e os fazem agir baseado nestas ideias.

Os totalitarismos abusaram deste teor religioso da melhor forma. Como argumenta Tismaneanu, “foram guardiões seculares: milagre, mito e magia”⁸⁰. A história das sociedades humanas, no ideal comunista, é apresentada como a luta de classes sendo estas, em princípio, responsável por salvar a humanidade da religião burguesa; e posteriormente o partido nas figuras de Lenin e Stalin se incubem desta missão escatológica. De modo semelhante, no Nacional–Socialismo de Hitler a

⁷⁹ OVERY, op. cit, p. 130-133.

⁸⁰ TISMANEANU, op. cit, p. 20.

história mostrará a humanidade a missão maior da raça germânica, guiada pelo seu dux⁸¹, levando os indivíduos a uma pureza da raça superior: a raça ariana.

Assim, está claro o que Tismanenau enfatiza sobre a importância da criação de um mito para fundamentar os regimes totalitários como o motor da história de cada governo: luta de classes para leninismo e stalinismo e luta racial para o hitlerismo. Dentro do argumento do autor, a magia está na força de credibilidade e infalibilidade do mito, potencializado pela propaganda e ação direta dos homens carregados de toda esta magia contida no corpo místico dos partidos e das figuras messiânicas, reforçando o que Baczko descrevia como a imaginação social: crenças, ideias, ideologias e sentimentos que guiarão os homens para um fim maior e supostamente transcendental⁸². E por fim, e talvez de suma importância, o “milagre”. Este está na redenção e salvação proposto por cada um dos regimes, redenção e salvação inseridos na figura de seus messias: para os nazistas estava na redenção a figura do escolhido e este o guia político e espiritual⁸³ que guiará a raça superior para o *Reich* de mil anos; e para os comunistas a salvação consiste na redenção dos pecados provindos da religião burguesa, o perdão dos messias e do poder do partido e a entrada dos escolhidos para o reino eterno do proletariado comunista.

⁸¹ Este termo aparecerá em Joaquim de Fiore e também foi utilizado por Eric Voegelin. O sentido, em suma, é de um sujeito dotado de características intelectuais excepcionais, ou seja, que vão além do homem comum. Tais características serão as armas principais para que o sujeito adquira, naturalmente, a vocação para a liderança e os “poderes” necessários para trazer glória ao seu povo. Ele assume a função salvadora pelo seu dom intelectual inerente a sua própria natureza. Voegelin coloca o *Dux* como o líder dotado de dons espirituais elevados de modo a confundir-se com um Messias; e Fiore tem o *Dux* como aquele trará ao plano terreno a Jerusalém Celeste. Em suma, para Fiore o *Dux* é o responsável por dar início a “era do espírito”. Veremos com mais detalhes no capítulo 2.

⁸² BACZKO, op. cit.

⁸³ Seriam os líderes religiosos, simultaneamente, líderes políticos e espirituais? Até a escrita deste presente trabalho não tenho muitos argumentos para afirmar se sim ou não. O leitor pode fazer a mesma pergunta que faço neste momento: estes líderes são apenas políticos, ou apenas espirituais, ou os dois juntos numa mescla confusa e ambígua? Longe de querer esgotar o assunto, acredito que eles são simultaneamente ambos – político e espiritual –, ora confundindo-se ora se alternando, já que se tratando de uma religião mundana, com dogmas, apóstolos, profetas e mártires, faz-se necessário, como qualquer religião, um modelo de “guru” espiritual, que transcende as meras faculdades racionais, e partem para um campo metafísico. De um ponto de vista cristão, as ideias más, ou a maldade pura e simples, são de uma ordem demoníaca que parte primeiro de um distúrbio da ordem espiritual. Ação demoníaca na História é iniciada primeiro no campo intelectual e espiritual, para depois concretizar-se na realidade sensível e concreta. As religiões civis, enquanto antagonistas explícitos da religião judaico-cristã, partem também de uma ordem intelectual de cunho sombrio, como analiso neste trabalho. Com seus apóstolos sistematizam ideias e absorvem de outras. Logo, seus líderes, ou os escolhidos, para melhor guiar a massa de seres humanos que clamam por uma salvação, necessitam de uma autoridade espiritual forte consagrada em sua personalidade. Mas como as políticas são as novas religiões, até que ponto os líderes políticos confundem-se com líderes e guias espirituais?

Diante de toda a explanação aqui dissertada, seria o messias político o mesmo do messias cristão? Teriam a mesma forma? Ou são completamente diferentes? Ou os regimes totalitários se apropriaram de aspectos do cristianismo para dar substancia e força para suas ações? Estas e outras perguntas podemos tentar responder voltando no tempo dos gregos e romanos e na era de vida e morte de Jesus Cristo. Tendo uma narrativa histórica a nosso favor, podemos ter uma melhor proporção dos acontecimentos a fim de explicar as origens messiânicas dos regimes totalitários.

1.5

Governos baseados nas personalidades de seus governantes não é característico apenas dos governos e Estados modernos totalitários, momento em que o Eu individual tenha tido maior destaque. Stalin e Hitler criaram governos à sua imagem e semelhança e suas personalidades também moldaram os rumos de seus domínios como vimos nos itens anteriores. Ainda assim, a história tem exemplos de sujeitos cujas personalidade foram cruciais para a chegada ao poder e a formação de seus governos e impérios. Alexandre e os grandes cézares do mundo antigo, ainda que sem o aparato propagandístico que desfrutaram os líderes totalitários do século XX, construíram impérios dignos de nota e suas influencias ecoaram na história da civilização ocidental.

A história de Alexandre tem suas origens com seu pai, Felipe II da Macedônia. Ele foi feito prisioneiro em Tebas, local aonde aprendeu e formulou todas as suas estratégias possíveis para a derrubada da Cidade-Estado de Tebas⁸⁴. Na reconquista de seus territórios, Felipe II reúne uma cavalaria que estava ligada à sua própria figura formando os “Companheiros da Pessoa do Rei”⁸⁵. Tal círculo de pessoas eram compostas por sujeitos de jovens nobres e com os mesmos interesses da personalidade de Felipe. Com esta bagagem quase heroica, Felipe guerreou contra os exércitos de Xerxes obtendo vitória.

Felipe era esposo de uma bela mulher: a princesa de Épiro chamada Olímpia e sobre ela corriam mitos e lendas que posteriormente ganharam importância até mesmo para a formação do espírito e personalidade de seu filho, Alexandre.

⁸⁴ VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas Vol.I: Helenismo, Roma e Cristianismo Primitivo*. São Paulo: É-Realizações, 2012, p.121

⁸⁵ *Ibid.*, p.121.

Como descrito por Eric Voegelin, um dos mitos que circulavam sobre Olímpia – até mesmo relatado por Plutarco – era que ela foi visitada por um deus-serpente em sua cama e Felipe havia presenciado esta cena⁸⁶. Verdade ou não, o fato era que Felipe perseguiu Alexandre e Olímpia e em 336 a.C. Felipe II foi assassinado. Tal lenda penetrou-se na formação da personalidade divina de Alexandre que será provada em seus feitos no futuro. Deste modo, Eric Voegelin argumenta que a divinização dos reis já era algo comum do mundo antigo, ainda que este tipo de divinização era de aspecto apenas mundano, ou seja, um deus vivo, ou até mesmo um representante de algum Deus, em que sua ação era presente apenas no mundo físico, e, no caso de Alexandre, no mundo militar e político. Sua personalidade divina poderia ser justificada de várias formas: desde a descendência direta de um algum deus, ou sua força e astúcia poderia ser exemplo de algum enviado dos deuses ou mero profeta e guerreiro com capacidades que extrapolam os limites humanos.

Mas a história não termina aqui. Segundo Voegelin, ainda que existisse um mito por trás do nascimento de Alexandre, sua força consistia na sua “intangibilidade pessoal” ou seja, “na personalidade mística forte de um sonhador com a capacidade de transferir os seus sonhos para a realidade, e de um revolucionário devido a sua posição entre as civilizações de sua época”⁸⁷. Deste modo, Voegelin afirma que não foi apenas seus grandes feitos que fizeram de Alexandre uma figura divina, mas sim pelos eventos que sua presença desencadeou⁸⁸. Nas palavras de Voegelin:

Alexandre não tinha um sistema coerente de ideias políticas. Não sabemos que configuração ele teria dado ao seu império porque, na altura da sua morte, a conquista militar ainda estava em andamento e alcançara um ponto em que os objetivos se tinham tornado vagos. As campanhas tinham começado como uma guerra dos gregos e dos macedônios contra a Pérsia, com o objetivo de remover para sempre o perigo asiático. O sucesso militar tinha conduzido à conquista permanente do império persa, até os limites mais longínquos da Índia; e, considerando a força do aparato militar, eram possíveis ulteriores conquistas em direção a Roma e Cartago.⁸⁹

⁸⁶ Ibid., p.122.

⁸⁷ Ibid., p.123.

⁸⁸ Ibid., p.123.

⁸⁹ Ibid., p.123.

Alexandre quando invadiu a Ásia não houve exército que foi capaz de detê-lo. Em 334, invadiu a Ásia menor e em 333 derrotou o rei da Pérsia na Síria⁹⁰. No Egito, fundou a cidade de Alexandria e aonde Alexandre estabelecia seu domínio baseado em sua figura personificada e mesclada com a cultura do povo que ele dominou. Isto será de suma importância para o processo de divinização de sua pessoa e na construção de um império.

Sem estabelecer uma unidade política e cultural sob seus novos domínios, Alexandre apropria-se da cultura de cada local. Começando por seu mito de nascimento com base em sua mãe Olímpia, a figura do “deus-serpente” é crucial. Segundo Voegelin, a serpente é caracterizada nas civilizações primitivas como um símbolo do antepassado que reencarna na figura do recém-nascido⁹¹. No templo de Amon, no Egito, a figura da serpente guia o Alexandre até Amon-Rá. Essa mesma serpente tem uma função na realeza helenística egípcia. Nas palavras de Voegelin, “Alexandre foi recebido pelos sacerdotes como filho do deus-sol, tal como era cada governante do Egito”⁹². Ora, se a cobra tem a função de guiar os reis para a coroação divina, nada mais óbvio que, no Egito, guiar para o templo de Amon e ser coroado como um deus-rei. Além de lendas como esta aqui descrita, outros elementos também foram de suma importância para a construção da personalidade de “rei-deus” de Alexandre. Segundo Voegelin:

[...] [O]utros elementos foram articulados por Calístenes, historiador da campanha de Alexandre, numa tentativa de evocação da realeza divina. Calístenes elaborou a narrativa visita de Alexandre ao oásis de Amon e afirmou que o deus tinha declarado realmente que Alexandre era seu próprio filho e não filho de Felipe; e apresentando mais provas da divindade de Alexandre, referiu-se em particular à *proskynesis* das ondas por ocasião da passagem de Alexandre por Monte Clímax. O símbolo *proskynesis*, prostração ante o rei, introduziu um elemento persa no quadro.⁹³

Em cada povo, região ou província dominada por Alexandre, ele sobrepunha sua “intangibilidade pessoal” em toda cultura então vigente. Com a ajuda de Calístenes, a propaganda em forma de uma narrativa fazia com que Alexandre fosse a personificação de deuses ou filhos destes. Na Grécia, por exemplo, Alexandre foi

⁹⁰ HISTÓRIA da Civilização Vol.1. São Paulo: Egéria S.A, 1978, p. 164.

⁹¹ VOEGELIN, op. cit., p.125.

⁹² Ibid., p.125.

⁹³ Ibid., p.125.

considerado filho de Zeus. Em outras regiões, como na Pérsia, Alexandre rezou para Ópis a fim de unificar persas e macedônios, já que ele acreditava que poderia unificar em sua personalidade “divina” a união de diferentes povos sob um espírito de *homonoia*, conceito do mundo helênico que Alexandre também queria abarcar. Tal conceito é explicado por Voegelin como uma união entre sujeitos de interesse comum e virtuosos, caracterizado como os “bons”⁹⁴.

Mesmo que absorvendo de fontes culturais das mais variadas, Alexandre buscou evocar seu império à semelhança de sua personalidade “divina” como uma forma de unificar os povos, porém unificando apenas os povos que ele compreendia como sendo os “bons” como sua gente e os “maus” como os estrangeiros ou os bárbaros. Alexandre, semelhante à Stalin e Hitler, acreditou que possuía uma missão divina de harmonizar os povos do mundo então conhecido. Utilizando-se da propaganda feita por seu historiador Calístenes, forjou uma imagem de unificador e de um sujeito, com dons divinos, que traria harmonia a todos os povos sob seu domínio.

Alexandre desfrutou de um império baseado em sua figura “divina”, mas não foi o único a construir domínios baseado na divinização de sua personalidade. Em 44 a.C, “a alma de César penetrou na própria substância da história”⁹⁵. César havia realizado um número de conquistas de peso como em Lerda em 49 a.C, Farsália em 48 a.C e norte da África com destaque especial no Egito nos anos de 47 a 45 a.C. Segundo Voegelin, não eram conquistas ao nível de um Alexandre o grande, mas apenas um líder que “vagueava pelo *orbis terrarum*, apoderando-se do mundo conhecido”⁹⁶. Seu império passou a ser regido pela força de sua personalidade, tendo consciência de tudo o que ocorria nele; era de grande inteligência e capacidade para administração pública, além de grande estrategista militar e político, sendo grande referência e exemplo para muitos líderes contemporâneos aos seus, além de tratados de políticos tiveram fortes inspirações em sua forma de governo e arte de governar. Voegelin explica que

A grandeza da sua [de César] personalidade era um “milagre”. Combinava a corrupção fascinante de um Alcibíades com a solidez de um general

⁹⁴ Ibid., p.127.

⁹⁵ Ibid., p.187.

⁹⁶ Ibid., p.188.

romano; a astúcia manhosa do político controlador da multidão com a grandeza da alma admirada pelos seus contemporâneos e que suscitou a fundação de um templo à clemência de César; era um estrategista e um tático de primeira ordem e um cronista clássico de suas próprias campanhas; provou ser capaz de subjugar o mundo e começou a mostrar sua capacidade de administrá-lo. O seu único erro testemunha a sua grandeza e prova que seu sucesso não devia à mediocridade astuta, como característica em Otaviano: César sobrestimou a qualidade dos seus contemporâneos. Estava inteiramente ciente da situação de seu tempo e de sua função insubstituível. A crueza de seus comentários tem um toque de ironia ao mostrar, a um mundo subjugado, os detalhes técnicos que criam uma posição imperial; sabia o que seu governo significava em termos de ordem para uma Roma dissolvida por guerras de bandos entre líderes militares e sobre os quais o Senado perdera o controle; mas não poderia imaginar, consideradas as alternativas, que alguém fosse tão mesquinho e insensato a ponto de matá-lo. Foi assassinado pelos seus associados mais próximos, pelos homens que tinham criado.⁹⁷

Mesmo Cícero, seu maior inimigo, havia declarado sobre a grandeza dos feitos de César. Importantes nomes, contemporâneos a César, buscaram imitá-lo nas formas de governo e na arte de governar. Um grande admirador de César, Napoleão Bonaparte, baseou suas estratégias de guerra em estudos de História do mundo antigo, além de governar e construir seu império tal como foi o império de César. Napoleão também pegou boa parte de suas táticas militares inspirados nas estratégias de César – além de outras que ele desenvolveu ao longo de sua carreira como brigadeiro e canhoneiro – e durante seu exílio dentre suas obras de história favoritas estavam Cícero e Plutarco que se referiam a César⁹⁸.

Hitler, querendo materializar seu *Reich* de mil anos, buscou inspiração no mundo antigo: na forma perfeita dos corpos humanos, além na inteligência e força física, encontrou nos gregos; e nos romanos pretendeu a arquitetura grandiosa, estádios, templos e monumentos que aspiravam por uma representação da grandeza de seu Reich e seu povo em uma nova era de perfeição e glória. O preço disto foi, como sabemos, o fim de seu império e seus sonhos de glória para os povos germânicos. Mas mesmo assim, Alexandre e César são personalidades cujas

⁹⁷ Ibid., p.188.

⁹⁸ Estes e muitos outros detalhes sobre Napoleão Bonaparte e suas tentativas em inspirar-se nos líderes romanos podem ser vistos em: CRONIN, Vincent. *Napoleão. Uma vida*. Barueri: Amariyls, 2013.

influências extrapolam os limites de seus tempos, podendo ser até mesmo “atemporais”.

1.6

Um império que abarcasse a universalidade dos povos da Terra, unificados na figura de uma única personalidade apresenta um paralelo na história do cristianismo, especificamente, nos evangelhos bíblicos. Das profecias de Isaías até os relatos dos apóstolos de Jesus Cristo, a figura de um messias salvador e a construção de seu reino são constantes nos escritos bíblicos, nos fundamentos filosóficos cristãos, nas catequeses católicas, principalmente no que se refere a vinda do reino de Deus e a salvação dos homens crentes na figura da “verdade encarnada” em Jesus Cristo. Ainda sim diferenças abismais são notórias no messias cristão, desde os profetas até a figura e personalidade de Cristo como o *logos* encarnado e a salvação em sua figura - dentro da teologia e crença cristã -, personalidade e força espiritual por meio de uma aliança em que aqueles que creem Nele serão salvos no fim. Mas salvos do que? E que aliança seria? E ao final, que reino seria este?

O assunto é demasiado complexo e não cabe aqui incluir séculos de discussões de cunho histórico e teológico. Por isto abordaremos alguns aspectos, começando por uma aliança feita na época das antigas tribos semitas por volta do século VIII a.C.

Em uma época em que Egito, Roma e Grécia disputavam o mundo conhecido, os povos semitas estavam diante de circunstâncias políticas e militares desfavoráveis, além de um fator agravante: os povos semitas não eram tribos unificadas nem por uma ideia, política ou religião, tão pouco por alguma liderança e existiam disputas internas o que agravava ainda mais a situação deixando-os a mercê dos impérios então vigentes. A solução foi realizar uma aliança – ou pacto – denominado, nas palavras de Voegelin, um *berith*⁹⁹. Tal aliança permitiu a unidade política dos homens, famílias e tribos semitas que tinha como principal característica serem aliados diretos de Deus - numa aliança de cunho também militar - enquanto uma autoridade metafísica e espiritual¹⁰⁰, o que naquele tempo este aspecto mais “espiritual” dava maior credibilidade. Em suma, era uma aliança político, social e

⁹⁹ VOEGELIN, op. cit., p.146.

¹⁰⁰ Ibid., p.147.

militar sancionados religiosamente, tendo como líder maior, Deus, qualificando este novo povo unificado como o “povo escolhido” Dele— então denominado lahweh, segundo o Antigo Testamento Bíblico. Tal passagem é também explicada no Êxodo 19, 3-6 como uma aliança do povo de Israel no monte Sinai:

Então Moises subiu a Deus. E da montanha lahweh o chamou, e lhe disse: “Assim dirás à casa de Jacó e declararás aos filhos de Israel: ‘Vos mesmos vistes o que fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa’.”¹⁰¹

A história do Êxodo bíblico creio ser de conhecimento e domínio público. Logo não cabe aqui neste trabalho narrar toda a história. O que é preciso destacar é que a aliança se deu em ação direta da libertação e salvação dos hebreus da escravidão imposta pelos egípcios. Segundo escrito na narrativa judaico-cristã, sob o comando de Moisés, os hebreus caminharam rumo a terra prometida e no caminho foram ao monte Sinai e lá fizeram uma aliança com lahweh, concretizando o *berith*, como apontou Eric Voegelin, através de um contrato de Deus com o novo povo israelita, fundamentando, por fim, a união destes povos e a sua salvação de impérios militarmente muito mais poderosos que eles.

A aliança, então, foi feita diante a figura de um líder humano, enquanto representante do povo de Israel, com *lahweh*, uma divindade de cunho metafísico e espiritual que prometeu e cumpriu a salvação de seu povo escolhido. A salvação, em suma, gerou a liberdade - no caso a liberdade da escravidão feita pelos faraós egípcios – do povo escolhido e agora unificado sob uma religião transcendental, garantindo a sobrevivência política e militar deste povo.

Moisés foi o primeiro líder no *berith*. Logo, tal aliança também pode fundamentar a escolha dos reis para a liderança dos povos. Assim sendo, como destaca Eric Voegelin, “o *berith* que institui um rei é o ato que cria a personalidade histórica permanente de um povo”¹⁰². Assim, a aliança entre os homens e lahweh cria sujeitos cuja personalidade serão de fundamental importância para guiar os

¹⁰¹ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1973, p.98-99. Êxodo 19, 3-6.

¹⁰² VOEGELIN, op. cit., p. 150.

povos em estado de crise para uma salvação, sem, no entendo, esquecer das palavras de Deus de que eles serão, para Ele, uma propriedade peculiar, já que, segundo a crença tanto do judaísmo quanto do cristianismo, toda a Terra a Ele pertence.

O pacto gerou consequências e reverberou na história das ideias políticas. Dentre elas a necessidade de um rei como um líder de cunho até espiritual para livrar - ou, ao menos, tentar – dos males presentes, caracterizando o início da formação das monarquias que logo estabeleceu-se nas cidades. Mas diante estas situações de calamidade e crise, antes da figura salvadora dos reis agirem com ação deliberada, sujeitos surgem para avisar sobre a destruição eminente e um possível estado de caos futuro. Anunciando desastres eminentes, os profetas apareceram como aqueles que se dirigem até os ouvidos dos reis para que estes tomem as devidas providências a fim de salvar seu povo. Então, formam-se as primeiras alianças entre os reis e os profetas, sendo a função destes de suma importância para o futuro da história das ideias políticas, principalmente quando intelectuais passam a atuar como sujeitos que serão ouvidos por lideranças poderosas. A história é demasiado complexa. Trago apenas um trecho narrado por Eric Voegelin que diz:

A grande ruptura na história israelita é marcada pela transição do *'berith'* iavístico para o régio. A formação da Confederação Israelita ocorreu no século XIII a.C., período do poder decrescente dos impérios circunvizinhos, e terminou com a pressão crescente de filisteus (Pelesati), egípcios e assírios desde o século X a.C. A defesa contra a aniquilação ameaçadora requereu uma organização militar e política que não poderia ser criada por tribos de camponeses e nômades, conduzidas por carismáticos senhores da guerra. A narrativa de Samuel, com o grito do povo clamando por um rei 'como as outras nações', tem claras implicações, e a consequência foi a criação de uma monarquia que logo ficou centralizada nas cidades, semelhantes em sua estrutura à polis helênica, sendo as classes ricas detentoras do equipamento militar custoso, tal como os cavalos e os carros de guerra. O campo circunvizinho tornou-se semelhante ao grego, com dívidas e empobrecimento crescente do campesinato e dos montanhese. Nesta situação de perigo crescente diante dos poderosos impérios vizinhos e de uma evolução doméstica tão insatisfatória que conduziu às violações do código social da confederação primitiva nas relações entre pobres e ricos, apareceram os Profetas. A atividade profética é principalmente uma

profecia do desastre. As linhas principais de ataque são a política externa dos reis, o influxo e renascimento de cultos não iavísticos e a violação da lei social. Em todos esses aspectos, a profecia é estritamente determinada pela religiosidade iavística e desenvolve suas categorias na estrutura da ideia de 'berith'.¹⁰³

O poder dos profetas ganha muito mais força quando são absorvidos pelo *berith* já que são alianças diretas entre Deus e homens a fim de desejarem sempre a salvação, dando maior credibilidade na anunciação da vinda de uma figura que transcende as forças humanas. Com os profetas podem ser uma aliança de cunho intelectual com mesmo nível e poder de uma aliança militar, mas agora de nível também espiritual, algo de grande importância para os povos daqueles tempos antigos. Sendo assim, a previsibilidade de acontecimentos dos mais variados subiram para um nível muito superior, fazendo previsões de natureza escatológica, já que a autoridade dos profetas transcende para um patamar espiritual. Não obstante, o historiador de Alexandre, O Grande, como citamos o exemplo no item anterior, utilizou deste arcabouço espiritual para dar “credibilidade” durante as narrativas heroicas de seu “líder”, além de dar também credibilidade na história que precede o nascimento do próprio Alexandre. Tomando como exemplos o profeta Isaías, que está nas escrituras bíblicas cristãs, suas previsões escatológicas seguiam ao padrão aqui anunciado e com forte substância espiritual como analisamos acima: através da anunciação de um desastre, suas previsões estavam em aliança direta com *lahweh*, o mesmo que anunciou para ele os futuros episódios, mas sempre lembrando as promessas feitas e cumpridas por Ele. O profeta previa um futuro tenebroso ao povo de Israel. De acordo com as crenças e as narrativas judaico-cristãs, Isaías, tendo seu espírito voltado aos céus, anunciou:

Ouvi, ó céus, presta atenção, ó terra, porque lahweh está falando; Criei filhos e fi-los crescer, mas se eles se rebelaram contra mim. O boi conhece seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor, mas Israel é incapaz de conhecer, o meu povo não pode entender. Ai da nação pecadora! Do povo cheio de iniquidade! Da raça dos malfeitores, dos filhos pervertidos! Eles abandonaram a lahweh, desprezaram o Santo de Israel e se afastaram dele. Onde podereis ser feridos ainda, vós que perseverais na rebelião? Com efeito, toda cabeça está contaminada pela doença, todo coração está enfermo; desde a planta dos pés até a cabeça, não há um lugar são. Tudo

¹⁰³ Ibid., p.150-151.

são contusões, machucaduras, e chagas vivas, que não foram espremidas, não foram atadas nem foram amolecidas com óleo. A vossa terra está desolada e vossas cidades estão incendiadas, o vosso solo é devorado por estrangeiros sob os vossos olhos, é a desolação como devastação de estrangeiros. A filha de Sião foi deixada só como uma choça em uma vinha, como um telheiro em um pepinal, como uma cidade sitiada.¹⁰⁴

A história prossegue com Isaías contando sobre todos os detalhes da miséria dos povos de Israel, comparando até mesmo com o estado de perdição e desolação com que passou as cidades de Sodoma e Gomorra¹⁰⁵. Caso a situação não melhore, apenas dor e sofrimento cairão perante os povos de Israel, afinal, eles mesmos esqueceram de sua aliança com Deus e criaram, por própria iniciativa, o então estado de miséria e destruição provindo do amor aos pecados. Mas a retomada da aliança de Israel com *lahweh* será a única salvação de seu povo.

Segundo Eric Voegelin, estes sentimentos estarão presentes também em outros profetas como Jeremias e Amós¹⁰⁶. Em uma análise profunda das ideias dos profetas, o autor nos apresenta uma importante conclusão: diante um estado de miséria total, uma confederação dos povos israelitas, unificados pela aliança divina com *lahweh* (ou seja, *o berith*), criará uma expectativa de uma vitória final sobre a miséria reinante, sempre guiados por *lahweh*. Neste momento, será caracterizado como o “Dia”¹⁰⁷, um evento catastrófico ocorrerá no mundo e a intervenção direta de *lahweh* trará a salvação. Porém, haverá uma realeza que quebrará com o *berith*, e esta aliança somente será retomada na figura de uma personalidade divina, um líder salvador, que, no caso do cristianismo, será concretizado na figura de Jesus Cristo, ou seja, a intervenção de *lahweh* será Ele criando um sujeito humano em que Ele irá agir diretamente, logo, a verdade irá se fazer em carne. Em suma, baseado em Eric Voegelin, o “Dia”, ou seja, o estado de destruição será feito pelas mãos do próprio povo escolhido de *lahweh*. Mas, por fim, será salvo pelo próprio Deus em uma figura divina, que será Jesus Cristo, ou seja, Deus (*lahweh*) encarnado na sua figura humana, salvando os homens do caos e miséria que eles mesmos construíram.

¹⁰⁴ A BÍBLIA de Jerusalém, op. cit., p. 985. Isaías 1, 1-9.

¹⁰⁵ Ibid., Isaías 1, 9-10.

¹⁰⁶ VOEGELIN, op. cit., p.156.

¹⁰⁷ Ibid., p.156.

Mas dentro das narrativas bíblicas e os preceitos teológicos do cristianismo, Jesus Cristo não é apenas uma figura messiânica e salvadora. Ele é a personificação do sofrimento do povo diante a miséria e agonia que este mesmo povo vive, dando ênfase sempre na importância de uma personalidade humana, ainda que a crença remete a feitos e ocasiões sobrenaturais desta mesma figura. Sua personificação será tratada nas profecias de Isaías, uma narrativa em forma de revelação em que, recheado de metáforas, criará a substância da personalidade caracterizado por Voegelin em sua interpretação do texto de Isaías, como o “Servo Sofredor do Senhor”¹⁰⁸. A narrativa bíblica anunciando a vinda do “Servo” refere-se à uma nova aliança para com o povo escolhido, uma nova chance de Deus e para isto Ele estende a mão novamente para seu povo:

Um ramo sairá do tronco de Jessé, e um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o espírito de lahweh, espírito de sabedoria e de discernimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de temor de lahweh: no temor de lahweh estará sua inspiração. Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará uma sentença em favor dos pobres da terra. Ele ferirá a terra com o bastão de sua boca, e com o sopro de seus lábios matará o ímpio. A justiça será o cinto de seus lombos e a felicidade, o cinto de seus rins. Então o lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos, juntas se deitarão as suas crias. O leão se alimentará de forragem com o boi. A criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide, a criança pequena porá a mão na cova da víbora. Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo o meu santo monte, porque a terra ficará cheia do conhecimento de lahweh, como as águas enchem o mar. Naquele dia, a raiz de Jessé, que se ergue como um sinal para os povos, será procurada pelas nações e sua morada se cobrirá de glória. Naquele dia, o Senhor tornará a estender a sua mão para resgatar o resto de seu povo, a saber, aquilo que restar na Assíria e no Egito, em Patros, em Cuch e no Elam.¹⁰⁹

Anunciado sua chegada e sua missão de salvador, o sofrimento será *sine qua non*. Tomará para si mesmo todos os sofrimentos, todos as mazelas, enfim, tudo

¹⁰⁸ Ibid., p.157.

¹⁰⁹ A BÍBLIA de Jerusalém, op. cit., p.996-997. Isaías 11, 1-11.

aquilo que *mata* os seres humanos: o pecado. Portanto, dentro das crenças cristãs, Jesus Cristo, enquanto *logos* encarnado, salvará a humanidade do pecado e da morte; e as nações clamarão por seu nome e será admirado por muitos povos por muitas eras:

Eis que meu Servo há de prosperar, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas. Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele – tão desfigurado estava seu aspecto e a sua forma não parecia a de um homem – assim agora nações numerosas ficarão estupefactas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido.¹¹⁰

A história bíblica de sua morte, crucificado injustamente em uma cruz ao lado de explícitos assassinos também crucificados, representa mais do que um ato de heroísmo. Representa o motivo pelo qual ele encarnou, como foi dito no parágrafo acima, a salvação dos humanos do pecado inerente a própria condição humana. Sua morte foi um sacrifício para salvar do pecado e trazer para os homens a liberdade e força a fim de refazer a aliança. Seu sofrimento na cruz, mais do que a dor da carne humana, é a concretização das profecias que o circundaram antes de seu nascimento. Deste modo, a dor e sofrimento são instrumentos para fundamentar e consumir a salvação dos homens de seus pecados. Mas ainda resta uma miséria humana da qual Jesus Cristo veio para cumprir, que, de acordo com as Sagradas Escrituras, era a “missão” principal.

A ressurreição de Cristo é o momento fundamental porque ele venceu aquilo que para os mortais é invencível: a morte. Ressuscitou no terceiro dia após sua crucificação e morte, provando o cumprimento das promessas de Deus no *berith*, refazendo uma nova aliança, baseado nas promessas de proteção e salvação daqueles que buscam em sua personalidade serem servos para a construção do reino de Deus. Jesus Cristo, então, refaz uma nova aliança, tendo ele e Deus (*lahweh*) como os líderes – ou mesmo reis - maiores da humanidade; reis em que cumprem com as promessas, salvando os homens do pecado e, por fim, adentrando-os no reino dos céus.

¹¹⁰Ibid., p.1036. Isaías 52, 13-15.

Concluindo, a figura de Cristo não é apenas um messias salvador que, após a salvação, reinará unânime no seu novo reino (ou como disse Voegelin, o *Regnum Christi*¹¹¹). Ele é, antes de tudo, a encarnação de uma antiga aliança entre os povos escolhidos de Deus, ou seja, o *berith* judaico criado no tempo da formação dos povos semitas; e segundo aponta a crença cristã, todos aqueles que buscarem sua figura e a salvação nele encontrarão, não apenas a salvação de seus pecados, mas serão libertos e sua liberdade está principalmente na liberdade da alma a fim de que possam adentrar no reino de Deus e serem eternamente salvos e livres de todo o mal, inclusive da morte. A salvação no sentido cristão, em suma, libertará o homem de todo o mal, dando-o autonomia e força para buscar a servidão para Deus.

Diante tudo isto, concluímos a força intelectual por traz da narração dos anúncios da vinda de um salvador e a narração de suas histórias e feitos. A propaganda, ainda que tenha bons argumentos lógicos e uma retórica impecável, deve penetrar nos corações e mentes dos homens. E como vimos, toda as justificações de cunho racional e científico levaram os líderes eleitos ao poder e estabelecerem seus governos. Com a diferença que de um lado, no cristianismo e no messianismo cristão a missão maior era a salvação da morte, enquanto no outro foi a tentativa de trazer à tona o paraíso na terra, algo que, historicamente, nunca aconteceu e as consequências foram devastadoras.

1.7

Os regimes totalitários buscaram trazer ao tempo histórico uma sociedade perfeita como salvação para os homens; um universo em que as imperfeições da natureza humana seriam uma vez por todas extintas da face da Terra. Apesar de que os filósofos do mundo antigo destacavam que a perfeição está em um plano superior em que os seres humanos por sua vez aspiram, já que não pertencem a esse plano das perfeições. Logo, enquanto sujeitos dotados de imperfeição, os filósofos perceberam que a própria existência humana, em contraste com os deuses imortais do Olimpo, é finita, principalmente numa época de séculos antes do nascimento de Cristo, tempos em que os homens não tinham uma longevidade como temos hoje, no século XXI. Portanto, o fato da finitude da vida denotava para

¹¹¹ VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas Vol.III: Idade Média tarda*. São Paulo: É-Realizações, 2013, p.22-25.

os gregos que a imperfeição era o valor a ser pago para existir neste plano terreno¹¹². Mas, sabendo que existem imperfeições inerentes à natureza humana e que o preço de existirmos é a imperfeição, como então tais regimes de poder total sobre os seres humanos poderiam nos salvar?

O Nacional-Socialismo e o leninismo-stalinismo mobilizaram as massas como sendo os verdadeiros agentes messiânicos, munidos da verdade histórica e plenamente conscientes de sua missão transformadora da sociedade. Através de um aparato propagandístico, com referências explícitas de que aqueles que não aderirem ao movimento revolucionário perderão, para todo sempre, a chance da redenção de seus pecados¹¹³, ou seja, sua “submissão” às ideologias e modelos dos inimigos.

Tismaneanu argumenta que “assim como os nazistas e fascistas italianos, os bolcheviques sabiam que queriam governar porque cada um acreditava numa missão percebida como histórica, transformador e redentora”¹¹⁴. Então, a classe escolhida seria a que teria a responsabilidade maior e com uma missão messiânica de cunho heroico de buscar a sociedade perfeita. Para os comunistas, os bolcheviques levariam a revolução mundial subjugando a classe burguesa. Os nazistas, sob o comando de um líder escolhido pela ordem histórica, um homem guiaria os povos alemães à uma glória eterna e para um império de mil anos de felicidade e vitórias, reconquistando sua honra que foi roubada pelos seus inimigos mais “ferozes”: os judeus.

Mas, como vimos, a missão heroica é transferida das mãos dos povos para as mãos do partido e este terá poderes quase divinos. Após a revolução de 1917, Lenin transfere a missão escatológica do proletariado para o partido. Este, por sua vez,

¹¹² Não pretendo aqui estender este assunto, afinal demandaria outro trabalho de cunho puramente filosófico e não é o foco neste trabalho. Ainda que o leitor possa questionar minha afirmação, apenas a utilizo para melhor entender o argumento que pretendo traçar neste último item do capítulo 1 de meu trabalho. A afirmação que aqui evidencio é baseado em minhas primeiras leituras dos *Diálogos* e *A República* de Platão e as obras de Aristóteles, principalmente, a *Metafísica* e *Organon*. São leituras que realizei ao longo dos anos de 2015 e 2018 e não aprofundei de forma contundente, existindo uma grande possibilidade de conter equívocos e até erros de interpretação. Por fim não cabe aprofundar a discussão sobre a natureza humana e a finitude da vida enquanto um traço explícito da imperfeição dos homens. Lembrando também que existiam outras correntes filosóficas – epicuristas, sofistas, etc. – que tinham outras perspectivas acerca da finitude da vida e da miséria humana. Deixo esta questão para futuros estudos.

¹¹³ ARENDT, op. cit., p.477-478.

¹¹⁴ TISMANEANU, op. cit., p.151.

tornou-se o imperativo categórico e o detentor da verdade histórica, o mestre absoluto, detentor do monopólio da virtude e o agente que nunca erra e está com a verdade ao seu lado. Ao mesmo tempo, a figura de Lenin ganha grande destaque e a missão do partido ora confunde-se com sua personalidade, ora retoma para as mãos do partido. Tismaneanu alega que se Lenin não tivesse sido convertido numa importante arma política, através do culto a sua personalidade, o marxismo no formato bolchevique russo não teria passado de mais uma ideologia para o estudo da história das ideias políticas¹¹⁵. Deste modo, Lenin foi a encarnação do sujeito que iria realizar a revolução global tal como esteve nos sonhos de Karl Marx e Engels.

Após 1924, Joseph Stalin surge como herdeiro da missão escatológica de Lenin e utiliza-se dele para construir a sua figura como o novo salvador da revolução e do partido comunista. Stalin apropriou-se da missão de salvar o comunismo e o partido, baseado na forma política de Lenin, ou seja, através do “elitismo, fanatismo, dedicação inabalável à causa sagrada, e na sua substituição da razão crítica pela fé nas vanguardas auto-apontadas de zelotes iluminados”¹¹⁶.

Hitler nunca escondeu sua missão de levar os povos de origem alemã à glória eterna. Como vimos, em 1924, Hitler escreveu que acreditava em um sujeito de superioridade intelectual e espiritual – um “super-homem” de Nietzsche - para salvar a Alemanha das injustiças cometidas pelos seus inimigos. Sendo o próprio Hitler este sujeito salvador, o partido nazista era a representação maior das vontades do Führer, tendo criado toda uma personificação em sua figura pública, sendo o líder responsável para salvar a Alemanha, missão ainda mais nítida ao chegar ao poder em 1933.

Em 1790, Edmund Burke, um parlamentar britânico de origem irlandesa, viu horrorizado o desenrolar da revolução francesa. Quase um ano antes de iniciar o expurgo terrorista daqueles contrários à revolução, Burke havia previsto o mar de sangue como o preço da revolução, além de, após instaurado um estado de caos e desordem, a chegada de um tirano muito mais poderoso e muito mais perverso que até aquele momento havia existido. Edmund Burke morreu em 1797 não vivendo tempo o suficiente para sua previsão concretizar-se, ou seja, não esteve vivo para

¹¹⁵ Ibid., p.153-154.

¹¹⁶ Ibid., p.155.

ver a chegada de Napoleão Bonaparte ao poder, inicialmente como primeiro-cônsul e depois, em 1804, como imperador da França. Burke dissertou que:

Tão distantes dessa disposição magistral de algum dos antigos legisladores republicanos, a qual segue, com exatidão solícita, as condições e propensões morais do homem, eles nivelaram e forçaram em uma mesma unidade todas as ordens que encontraram, mesmo sob a rústica e rudimentar organização da monarquia, forma de governo em que classificar os cidadãos não é de tão grande importância como em uma república. É verdade, porém, que qualquer classificação como essa, se adequadamente restaurada, é boa em todas as formas de governo e constitui forte barreira contra os excessos do despotismo, sendo ainda o meio necessário de dar efetividade e permanência a uma república. Por falta de algo desse tipo, se o atual projeto de república vier a fracassar, todas as garantias de uma liberdade moderada fracassarão com ele; Todas as restrições indiretas que mitigam o despotismo serão abolidas, a tal ponto que, se uma monarquia vier a conquistar novamente uma plena ascendência na França, com esta ou qualquer outra dinastia, ela será, caso não comedida de início pelos sábios e virtuosos conselheiros do príncipe, o poder mais absolutamente arbitrário que já surgiu sobre a terra.¹¹⁷

Em 1791 instaurou um estado de caos e perseguição. A família real francesa foi toda perseguida e suas cabeças cortadas na famigerada guilhotina. Mesmo as mulheres da família de Luís XVI não foram perdoadas. Todos os favoráveis a monarquia e o retorno do rei da França também foram perseguidos e depois executados na guilhotina. O terror revolucionário francês ceifou milhares de vidas ao longo dos primeiros anos da revolução e seguiu derramando sangue nos anos seguintes, principalmente durante as guerras napoleônicas, considerada a continuação do terror revolucionário. Ao todo, mais de 2 milhões de franceses perderam suas vidas, mostrando que a revolução devorou seus filhos¹¹⁸. Não menos horrível foram as perseguições dos adeptos da família real que foram mortos não apenas em território francês, mas em toda a Europa.

Ainda que muitos detalhes sobre a revolução francesa e suas consequências mereçam uma investigação profunda, a forma descrita por Burke foi uma constante na história das revoluções contemporâneas e na ascensão dos regimes totalitários.

¹¹⁷ BURKE, op. cit., p.274.

¹¹⁸ FERGUSON, Niall. *Civilização. Ocidente x Oriente*. São Paulo: Planeta, 2ªed, 2016, p.190-191.

Na ânsia de levar glória e salvação para seu povo, sem ter os sábios – ou intelectuais - munidos da virtude e da prudência, tão pouco com o domínio da arte de governar, o resultado foram mortes e perseguições nunca antes vistas, além de uma concentração gigantesca de poder nas mãos de poucos sujeitos que deixariam grandes tiranos da humanidade como Nero, Gengis Khan e muitos outros, impressionados.

Ao se colocarem como os novos imperativos categóricos, os líderes totalitários eliminaram a missão maior dos povos de realizarem a revolução. Deste modo, principalmente com Lenin e Stalin, os sujeitos passaram a ter uma devoção maior ao partido, servindo-o incontestavelmente. O partido, possuindo a nova verdade histórica, além de possuir a verdade científica inquestionável, assim como uma “pretensão oracular”¹¹⁹, como disse Tismaneanu, o indivíduo deveria se entregar totalmente a ele, ou seja, sua individualidade seria absorvida pelo poder do partido. Assim, o sujeito torna-se o uma “simples partícula”, um nada perante a causa revolucionária. Logo, o partido é o agente maior e heroico, de modo que, com a missão de trazer a revolução, ele passar ser onipresente e onipotente e o novo agente imbuído da verdade histórica, não podendo ser, em nenhum momento, questionado.

Os sujeitos devem venerar o partido e a sua missão escatológica, além da suspensão das faculdades críticas eram a condição para que o partido fosse a nova expressão da “vontade geral”. Então, tudo estava subordinado ao partido. Ele era o novo messias, o “novo *logos* encarnado”, mas o preço era a total supressão das liberdades individuais e a entrega da vida para o partido. Em suma, como disse Hannah Arendt, a completa atomização dos sujeitos, deixando-os em completo isolamento e sem nenhuma possibilidade de agir contra o novo holocausto revolucionário¹²⁰.

Com Stalin e Hitler, enquanto personalidades que absorveram das missões dos partidos, o processo foi o mesmo. Utilizando-se do terrorismo, levaram massas de pessoas de seus próprios países para campos de trabalho forçado, para muros de fuzilamento e câmeras de gás. Como sendo a encarnação do verdadeiro Diabo,

¹¹⁹ TISMANEANU, op. cit., 158.

¹²⁰ ARENDT, Hannah. *Compreender: Formação, exílio e totalitarismo. Ensaios (1930-1954)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 377-379.

como disse Tismaneanu, os profetas e messias dos regimes repreenderam tudo e todos que eram contra a busca escatológica deste “Reino de Deus”. Embutidos da “infallibilidade epistêmica”¹²¹, Stalin e Hitler, assim como seus partidos, não hesitaram nem por um momento em exorcizar qualquer dúvida, questionamento, pensamento e atitude que pudesse ser considerada como um ato de traição. Não havia perdão para aqueles que questionavam as vontades do líder e do partido. Se tortura e morte nos campos de concentração era a personificação material de uma prisão, a censura, terror e assassinato de reputação – além do físico -, tudo isto como operação sistemática desses regimes, era a maior prisão que os seres humanos podem ter: a prisão da mente. Tismaneanu nos mostra que a propaganda e seu uso do terror era para controlar aquilo que parecia incontrolável: a mente dos homens. Controlando o que pensa, o que fala, o que age e o que questiona, os totalitarismos conquistaram de fato o poder total e aprisionaram os homens em uma jaula da qual não podem mais fugir e, muito menos, ter quem os salve.

Segundo a crença cristã, Cristo morreu na cruz, não absorvendo as glórias para si, ou uma missão de trazer um império secular para os deleites dos homens, mas para a salvação do pecado, libertar, principalmente, levar o indivíduo para o transcendente e buscar a Verdade, ligando os homens ao divino e salvando-os da morte. De acordo com os fundamentos da crença do cristianismo, a morte de Cristo trouxe liberdade para todos e a missão de unificar os povos pelas suas palavras - as mesmas que liberta dos pecados - mencionadas no evangelho, ou seja, nas promessas de Deus¹²² para a salvação dos homens. Em suma, a crença cristã apresenta a principal missão de Cristo para salvar, libertar e viver. Mesmo quando Jesus fora crucificado, ainda clamava a Deus, seu Pai, por perdão por aqueles que pediram sua crucificação. “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem”¹²³ foram as palavras que a narrativa bíblica nos traz durante a história da “paixão de Cristo”, momento que narra a crucificação e o cumprimento da profecia e do sacrifício. A narrativa aponta para um sujeito misericordioso, ainda que tenha poderes

¹²¹ TISMANEANU, op. cit., p.197

¹²² O evangelho é tido como a palavra de Deus. Mas mais do que as palavras de Deus são promessas a respeito da salvação dos homens mediante seu filho, Jesus Cristo. Tal explicação é vista na própria Bíblia de Jerusalém, em Romanos 1, 1-3. Transcrevendo o trecho direto da própria Bíblia, temos: “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para o evangelho de Deus, que ele já tinha prometido por meio dos profetas nas Sagradas Escrituras, e que diz respeito a seu Filho, nas estirpes de Davi segundo a carne”.

¹²³ A BÍBLIA de Jerusalém, op. cit., p.1375. Lucas 23, 34.

sobrenaturais, não buscando a morte de seus opositores, mas o perdão. Uma passagem muito famosa da “paixão de Cristo” dentro das narrativas bíblicas mostra a sua misericórdia:

Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava, dizendo: “Não és tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós.” Mas outro, tomando a palavra, o repreendia: “Nem se quer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal.” E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino.” Ele respondeu: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no paraíso.”¹²⁴

O ladrão, confessando seu crime e admitindo justiça em sua crucificação pede misericórdia e salvação a Jesus Cristo que também estava crucificado. Mesmo diante da dor, injustiça e traição – Judas o traiu de acordo com os escritos bíblicos –, Cristo teve misericórdia e salvou o “bom ladrão” e o perdoou seus pecados, ainda que podendo ser graves, libertando sua alma da morte e concedendo-o um lugar no paraíso.

Deste modo fica claro a diferença do “messias cristã” do “messias totalitário”. A busca por salvação entre homens em circunstâncias reais e dotados de poder, recheados de imperfeição e maldade, a consequência é uma crença cega em um sujeito e um partido que nos utilizará apenas como um combustível necessário para o funcionamento da máquina revolucionária. No século XX foi notório, como vimos com Tismaneanu e outros autores, que a crença em ideias políticas gerou revoluções de todos os tipos, criando crenças que eram justificadas cientificamente e com forte peso racional. O resultado são genocídios de toda espécie e governos totalitários em que não havia espaço para liberdades. Se na narrativa bíblica vimos a salvação, na História (com H maiúsculo) do século XX vimos as mais variadas provas do que a crença em um mundo perfeito trazido por seres humanos podem fazer: episódios do Holocausto, Holodomor e outros que ceifaram milhões de vidas a fim de buscar este mundo hipotético.

Os totalitarismos não duvidaram de sua capacidade de aprisionar os homens e muito menos da servidão voluntária e cega destes para qualquer objetivo anunciado pelo partido ou pelos líderes. Baseado nas promessas de um mundo divino, seus

¹²⁴ A BÍBLIA de Jerusalém, op. cit., p.1375-1376. Lucas 23, 39-43.

messias, “profetas” e soldados escravizaram e exterminaram milhões de seres humanos, justificando tal atrocidade como o preço a se pagar para adentrar no novo reino de uma nova era. Escravizando até as mentes dos homens, fazendo jus ao nome “totalitarismo”, estes regimes tiveram em suas mãos material humano o suficiente para tentar construir seus impérios dos sonhos. Seus messias, no lugar de salvarem, condenaram milhões a morte e tortura, alegando que não serviam para o novo reino. A busca do milênio por Lenín, Hitler e Stalin e outros foi feroz e sem medir as consequências e, muito menos, sem medir esforços. Sob seus domínios não havia perdão, muito menos misericórdia das pobres almas sob suas égides. O mais de seis milhões de judeus mortos em campos de concentração e outros tantos milhões de mortos nos *gulags* e nas condenações de fachada são a prova de que não existe perdão pelos “pecados”, tão pouca salvação diante dos messias totalitários, mas apenas destruição e morte.

A busca do milênio, incerto e sem precisão de sua chegada, seduziu massas que clamaram por líderes e, mesmo depois de cometidas atrocidades nunca antes vistas na História humana, ainda desejavam a redenção dos pecados pela benção dos novos messias a fim de que pudessem adentrar neste novo reino, baseado nesta nova, eterna e “diabólica” aliança, cujo o preço, implícito nas entrelinhas deste pacto, era a escravização total do Ser e uma morte horrível. Se nas narrativas cristãs o sujeito Cristo trouxe a salvação da morte, os “messias totalitários” do século XX levaram milhões de homens à ela.

2. A VINDA DO MILÊNIO: A NOVA ERA TOTALITÁRIA E OS ANTIGOS SENTIMENTOS NOSTÁLGICOS DO MUNDO QUE VIRÁ

Os regimes totalitários do século XX buscaram a construção de um novo império, uma nova ordem e, como Tismaneanu frisa muitas vezes em suas obras, um “Homem Novo”¹²⁵. As evocações sentimentais deste novo império clamaram por um líder, um salvador, muitas vezes precedido de profecias que construíram a figura deste majestoso sujeito. Vimos com Vladimir Tismaneanu que os apóstolos de uma nova era começaram por colocar o messias ora representando os proletários, ora aqueles que guiariam os proletários, ou seja, o líder, e ora naquela mescla confusa entre as figuras do líder, Estado e Partido¹²⁶. Mas que reino era este que tanto queriam? Como ele seria? Usando uma frase de Jean Delumeau, que “nostalgia do futuro”¹²⁷ era essa?

Os regimes totalitários são descritos por Tismaneanu baseando-se em 3 elementos: *mnemóforo*, ou seja, hostil à memória; busca destruir os registros do passado e alterar a história. Ora, se ele “odeia” o passado, logo ele vai construir um destruindo o outro, ou pode também reescrever alterando alguns de seus elementos a fim de que se torne verossímil aos olhos do público e atenda as demandas e as vontades deste novo “salvador”.

Um segundo elemento caracterizado pelo autor é a sua busca pela destruição de valores já estabelecidos, tornando-o *axióforo*. Uma característica que pode ser muito bem fundamentada já que, assim como a memória, os valores podem ser mudados e alterados de acordo com o interesse do Estado (ou do líder). Valores e ações, que historicamente podem ser positivos para a sociedade, são capazes de serem nocivo aos interesses deste líder que busca um futuro de acordo com suas inclinações.

Por fim, o terceiro elemento que aponta Tismaneanu, e pode ser o principal, é seu ódio visceral ao espírito e tudo aquilo que o remete, fazendo os totalitarismos serem *Noofóbicos*. O espírito é um elemento forte, principalmente quando se faz necessário forjar uma saída do campo abstrato as ideias e crenças construídas na

¹²⁵ TISMANEANU, op. cit., p.27.

¹²⁶ As dúvidas que levantei sobre esta “mescla” estão no capítulo 1 deste trabalho.

¹²⁷ DELUMEAU, Jean. *Mil Anos de Felicidade. Uma História do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.11.

imaginação social e coloca-las no campo da ação deliberada, ou seja, dentro dos jogos do poder.

Se existe um projeto de poder e de império, estes elementos são fundamentais para destruir, ou ao menos suprimir, o que já está estabelecido e implantar sob a presente ordem algo novo. Por isto, como apresenta Tismaneanu, os totalitarismos, tanto comunista, como o Nazista, almejam a “purificação das comunidades a fim de que estas tivessem liberdade e igualdade¹²⁸. O autor também afirma que no projeto totalitário, ou seja, a forma do novo milênio para estes tipos de regime, estava embutido um reino em que a verdade histórica seria revelada aos menos favorecidos – o proletariado. E estes, ao beberem dos cálices contendo o líquido da realidade revelada pela ação histórica, fariam parte do novo corpo místico em que a cabeça deste corpo seria o messias (ou a figura do messias representado pelo partido e/ou Estado). A consequência seria que estes sujeitos que receberam a revelação perderiam sua individualidade, quebrariam as barreiras típicas de um mundo com características privadas e um caldo homogêneo seria formado como essência deste novo reino¹²⁹.

O preço deste novo organismo vivo seria a exclusão dos considerados heréticos, ou seja, aqueles que faziam parte do passado e que mantiveram os valores deste tempo antigo e ultrapassado – e até mesmo reacionário - e que agora seriam aniquilados, já que se tornaram os novos inimigos desta nova forma escatológica. Com a homogeneização, Tismaneanu nos mostra em seu livro “O Diabo na História” que um novo espírito foi estabelecido, realizando um “programa de mobilização social total destinados a obter uma transformação social radical do novo corpo político”¹³⁰. Em outras palavras, a criação de um novo corpo místico.

O próprio autor aponta algumas implicações da formação deste novo corpo místico, tendo o partido como a cabeça. Levando em conta a confusão da mescla do líder e Partido, em 1930, segundo o autor, Hitler defendia que quando suprimidas as individualidades a nação torna-se uma com o partido, fazendo dele um fator

¹²⁸ TISMANEANU, op. cit., p.28

¹²⁹ Ibid., p.29- 31.

¹³⁰ Ibid., p.150.

determinante para os novos rumos que buscam tomar e sempre de acordo com os interesses dos líderes e dos partidos dominantes¹³¹.

Na União Soviética, já em 1917, Tismaneanu explica que:

O golpe bolchevique de outubro de 1917 (mais tarde elevado ao *status* de revolução) foi o acontecimento que mudou irreversivelmente o curso da civilização Ocidental e a história mundial. Ao exigir unificar a humanidade sob a bandeira de um ideal igualitário e coletivista, o bolchevismo, na verdade, deu partida para a insurreição das massas *na política* [grifos meus]. Aniquilou os mecanismos de governo limitado, como planejados pela tradição liberal, e fundou um sistema despótico definido por um desprezo sem precedentes ao indivíduo e ao estado de direito. Foi uma aventura histórica gigantesca que se destinava a trazer o céu à terra, para *materializar a utopia* [grifos meus].¹³²

Se eles desejam excluir o passado e construir um novo pela propaganda, abolindo valores e sobrepondo outros, e ao final a destruição do espírito e o estabelecimento de outro “artificial”¹³³, Tismaneanu apresenta que o modelo leninista-stalinista rejeitou todos os pluralismos e demonizou aqueles que foram resistentes ao novo corpo místico, ou seja, os novos inimigos do Estado. Deste modo, deu poder para o partido e seu líder tornando-os onipresentes e oniscientes, já que, como sabe-se, os inimigos eram relatados e denunciados e levados para campos de concentração e paredes de fuzilamento.

O processo de destruição da memória e sobreposição de outra só passou a ser possível através do aparato propagandístico explorado pelos totalitarismos. Hannah Arendt disserta que esta estrutura é complexa já que, apagar uma memória e sobrepor outra é uma forma de moldar o imaginário das massas a fim de que aceitem o novo dominador, vez que se trata, nas palavras da cientista política, de uma “guerra psicológica”¹³⁴.

A propaganda começa restringindo à política externa a fim de criar uma ideia que os inimigos são os outros, ou seja, aqueles fora do novo *corpo místico*. Quando entra em conflito com o que apresenta no externo, ou seja, reportagens, fatos e

¹³¹ Ibid., p.151.

¹³² TISMANEANU, op. cit., p.156.

¹³³ Podemos, talvez, chamar de “espírito revolucionário”.

¹³⁴ ARENDT, op. cit., p. 475-476.

informações sobre os possíveis crimes do regime, a propaganda adapta-se em um discurso retórico afirmando, com supostas provas científicas, que são manobras do inimigo. Deste modo, Hannah Arendt nos explica que muito da força da propaganda totalitária vem das ações externas, ou seja, nas palavras da autora, “quanto maior for a pressão exercida pelo mundo exterior, (...) mais ativa será a propaganda”¹³⁵.

Muitas vezes a propaganda é uma ameaça velada aos inimigos e seus valores e um alerta para aqueles que não aderirem ao novo corpo místico. Tismaneanu nos mostrou que os regimes totalitários perseguiram seus heréticos e aqueles que foram resistentes e não cederam sua individualidade em nome de uma causa e justificavam cientificamente seus atos baseados também na verdade histórica revelada aos escolhidos. Hannah Arendt exemplifica:

A propaganda comunista ameaça as pessoas com a possibilidade de perderem o trem da história, de se atrasarem irremediavelmente em relação ao tempo, de esbanjarem em suas vidas inutilmente, tal como os nazistas as ameaçavam com uma existência contrária às eternas leis da natureza e da vida com uma irreparável e misteriosa degeneração de sangue. A forte ênfase que a propaganda totalitária dá à natureza “científica” das suas afirmações tem sido comparada a certas técnicas publicitárias igualmente dirigidos às massas.¹³⁶

Com o teor científico, o controle das massas e o poder embutido aos líderes e partidos, os regimes totalitários, através da propaganda, adquiriram um caráter de infalíveis, dando meios para os ditadores de realizarem as suas profecias e perseguirem seus inimigos, dizendo que eles, em um futuro próximo, seriam os responsáveis por uma onda de destruição. Arendt nos traz alguns exemplos. Dentre eles um dos discursos de Hitler anunciando em 1938 que os judeus seriam responsáveis por causar uma guerra no mundo todo e pagariam um caro preço por isto¹³⁷. Um outro exemplo vem do lado dos comunistas: eles anunciavam, em 1930, a vinda das “classes agonizantes”¹³⁸. Segundo a autora, este anúncio decretava a oficialização do extermínio destas classes, já que o partido anunciava os tempos de agonia para esta classe.

¹³⁵ Ibid., p.476.

¹³⁶ Ibid., p.478.

¹³⁷ Ibid., p.482.

¹³⁸ Ibid., p.483.

Com o anúncio impregnado das mentes das massas homogêneas, o campo estava aberto para o processo de destruição. Stalin, em 1932, falava muito na “Questão Ucraniana”¹³⁹, como escreveu o historiador Niall Ferguson. No inverno de 1932 e 1933, Stalin ordenou o confisco de grãos na Ucrânia gerando uma onda de fome, matando milhões de pessoas, não apenas na Ucrânia, mas em países como Cazaquistão, norte do Cáucaso e Volga¹⁴⁰.

Se as massas não poderiam ser homogêneas, então a solução passou a ser a atomização e o extermínio. A atomização, como já descrevemos aqui, é um processo em que isola por completo o sujeito, transformando em uma mera coisa jogada no espaço e no tempo, sem a mínima capacidade de ação, fazendo-o cair no esquecimento total. Após este processo, o extermínio pode dar, como dito, pelo ostracismo puro e simples, ou o assassinato físico. A deslealdade da Ucrânia em recusar fazer parte do novo *corpo místico* levou ao processo de coletivização, um ato para perseguir os heréticos e aqueles que o fim foi profetizado. A cota de grãos confiscada sempre aumentava, de modo que para atingir a demanda estabelecida pelo partido – e em quantidades cada vez maiores - até os grãos particulares eram confiscados. As consequências foram fome e morte por toda parte. Muitos poetas e cantores foram fuzilados. A Ucrânia não havia se prostrado de joelhos pelo seu novo líder, então foi colonizado a força¹⁴¹. A fim de concretizar o novo paraíso, os inimigos deveriam perecer. Como sempre, o sangue era o preço a ser pago.

A construção deste império “perfeito” e escatológico que seria o local da glória eterna das nações totalitárias também foi formulada por engenheiros e arquitetos ávidos por uma cidade global. A construção da cidade imperial utópica estava também nas pranchetas dos engenheiros nazistas desde 1919¹⁴², antes mesmo do partido Nacional-Socialista estar munido de poder político; muito antes ainda de Hitler chegar ao poder em 1933.

Jeffrey Herf escreveu que já existiam discussões, ainda na república de Weimar, sobre como seria o ideal da nova era alemã. Então as conversas sobre como seria a “nova Alemanha” percorriam desde de ideais românticos, saudosistas

¹³⁹ FERGUNSON, op. cit., p.302.

¹⁴⁰ Ibid., p. 303.

¹⁴¹ Idem, ibidem, p.303

¹⁴² HERF, op. cit.

de um passado alemão semelhante as evocações sentimentais do mito germânico, como abordamos neste presente trabalho, até progressistas e revolucionários; e ao mesmo tempo que eram contra o caráter supérfluo e de “desespiritualização”¹⁴³ provindo do liberalismo econômico e industrial, apoiavam a necessidade do uso da tecnologia e das indústrias, para materializar, ou seja, tirar do campo das ideias, o projeto da capital do novo mundo e da nova era germânica.¹⁴⁴ Essas discussões provinham de políticas culturais que faziam parte do imaginário dos engenheiros. O autor disserta que:

A política cultural dos engenheiros alemães recorria a três fontes principais. A primeira era uma tradição própria da classe dos engenheiros, apresentada nos jornais das associações nacionais dos engenheiros e pelos professores de engenharia das famosas universidades técnicas da Alemanha. Os mandarins dessas universidades técnicas compartilhavam com os humanistas a rejeição cultural do iluminismo, e eram praticamente sensíveis à necessidade de harmonizar a tecnologia com a cultura idealista das universidades alemãs. A segunda fonte eram os ensaios e os livros escritos por engenheiros e polemistas independentes que buscavam forjar ligações entre a revolução conservadora e o anticapitalismo alemão dos engenheiros. A terceira era a propaganda dirigida aos engenheiros pelo partido nazista, de meados dos anos 20 em diante. Estas três fontes se sobrepunham. As duas primeiras criaram um clima cultural em que, nas profundezas da depressão, o nacional-socialismo pôde se apresentar como a força que libertaria os engenheiros das distorções das relações de troca, em nome do futuro nacionalista glorioso sem a mácula do comercialismo grosseiro.¹⁴⁵

Neste trecho podemos observar algumas características religiosas dos totalitarismos, ao menos no Nacional-Socialismo. Havia uma mescla de ideologias, crenças, ideias e sentimentos que remontam desde tempos das grandes migrações, até os românticos e também as complexidades destes últimos, deixando claro que, enquanto regime de desejos totalitários, buscavam abarcar tudo e utilizar de todos os subterfúgios e ideias, ainda que antagônicas, já que os elementos enumerados pelo autor se sobrepunham, destacando ainda mais o fato de que cada fonte em si mesma já é por demasiado diverso - mesclar um sentimento cultural de um

¹⁴³ Ibid., p.184

¹⁴⁴ OVERY, op. cit., p.233.

¹⁴⁵ HERF, op. cit., p.176-177.

conservadorismo revolucionário com o anticapitalismo não é algo nada simples. Logo, misturar todos estes elementos já denotam uma tentativa de abarcar uma totalidade aparentemente impossível de lidar de forma harmônica.

Outra característica descrita neste trecho por Herf é pontuar que no momento da depressão alemã estava gerando um estado apocalíptico, uma fase de destruição e degradação. Assim, libertando os engenheiros dos padrões de troca, levariam um futuro glorioso para o povo alemão. Tal ideia foi muito bem apresentada por Tismaneanu quando ele descreve os desejos escatológicos dos regimes totalitários e as promessas de um futuro glorioso para os escolhidos. A propaganda, como vimos com a Hannah Arendt, sempre cumprindo seu papel fundamental de moldar o imaginário daqueles que foram escolhidos para a missão de trazer o paraíso ao plano temporal e terrestre.

O trabalho dos engenheiros nazistas para a formulação dos projetos foi árduo. Herf disserta que foi criado várias associações, muitas delas com ideias diferentes, já que queriam um projeto que representasse a nova Alemanha. De acordo com Herf, foi criado a *Verein Destcher Ingenieure* (Associação dos engenheiros alemães, chamada de VDI)¹⁴⁶. Segundo o autor, eram grupos de engenheiros que buscavam uma parceria entre as grandes corporações industriais, principalmente químicas e elétricas, com o bem-estar nacional, tendo como um “chefe” supremo o próprio Estado a fim de que o processo de desenvolvimento da nova Alemanha fosse bem sucedido. O autor nos mostra que o Estado foi tão presente que esteve financiando engenheiros de 1870 até meados de 1930¹⁴⁷.

Foi criado também a *Technik und Kultur* (Tecnologia e Cultura)¹⁴⁸. Mesmo tornando-se irrelevante depois de 1937, após as publicações oficiais do partido nazista, foi de suma importância, durante a república de Weimar, como um ponto de encontro de vários engenheiros alemães. Eram debatidos, não apenas assuntos técnicos relacionados a engenharia, mas também filosofia, principalmente “filosofia da tecnologia”, contendo ensaios sobre Nietzsche, Schopenhauer e Spengler¹⁴⁹.

¹⁴⁶ Ibid., p.177.

¹⁴⁷ Ibid., p.176.

¹⁴⁸ Ibid., p.178.

¹⁴⁹ Ibid.,p.178.

Em 1906 o engenheiro Edward Mayer escreveu um livro com o nome de “Tecnologia e Cultura”. Segundo Herf, o conteúdo do livro abordava o seguinte aspecto: a tecnologia era uma manifestação da personalidade do engenheiro, logo era ele quem dominava o que iria ser construído, e não os interesses comerciais provindos da economia de mercado e das indústrias. Dava início à formação das bases de como seria o império nazista.

Em 1934 os nazistas fundaram uma nova revista chamada *Deutsche Technik*, porém o que Herf apresenta foi que era uma revista que possuía muitos aspectos da *Technik und Kultur*¹⁵⁰, visto que as contribuições desta última foram vastas para a formulação da construção da identidade do novo império. Mas em 1930 um engenheiro chamado Eugen Diesel, filho do inventor do motor à Diesel, escreveu, como conta Herf, que o intelecto inspirado nas novas tendências internacionais, principalmente originária dos Estados Unidos e outros povos não puros da Alemanha, ameaça a pureza de sangue alemã porque geraria uma produção tecnológica muito alta de origem estrangeira que acaba por arrancar o espírito do povo alemão, criando uma sociedade vazia e superficial, sem substância, concebendo um império abstrato no lugar de querer conquistar um Império real, concreto e imponente¹⁵¹. Segundo Diesel, era o preço de uma sociedade vazia de espírito já que era vazia de cultura. Herf também explica que:

Diesel repetia os motivos da crise cultural e enfatizava a problemática ameaça à “velha paisagem cultural” da Alemanha motivada por uma tecnologia internacional, uniforme. Não estava muito claro como a Alemanha evitara o comercialismo do estilo norte-americano mas Diesel insinuava que o estado era a instituição a quem cabia defender as qualidades do *Volk* alemão em uma era cosmopolita. Todos os caminhos que levavam à saída da crise cultural levavam em direção ao nacionalismo.¹⁵²

A Alemanha deveria ser pura, exaltando aquilo que representava os povos germânicos. Ao mesmo tempo deve deixar claro a diferença deles para com os outros, desintoxicando de quaisquer influencias externas. *Last, not least*, expressar as futuras glórias do povo alemão em um projeto de capital Imperial, a nova

¹⁵⁰ Ibid., p.183-184.

¹⁵¹ Ibid., p.184.

¹⁵² Ibid., p.185.

“Jerusalém”, o paraíso que desceu à terra pelas mãos dos próprios alemães, não por forças supostamente maiores; deveria exaltar a Alemanha e colocá-la acima de tudo no mundo¹⁵³. Por isto as ideias de Eugen Diesel são tão importantes porque elas serão usadas para a construção das estruturas e novos projetos arquitetônicos nazistas. Mas as ideias de Eugen tiveram o seu *Gran Finale*: ele formula uma ideia, como Herf nos apresenta, que é possível harmonizar os sentimentos culturais nobres com a tecnologia, desde que esta trabalhe para as evocações de alta cultura alemã. A tecnologia estará a serviço do novo Reich, de modo que ele manterá sua pureza, ainda que a tecnologia provenha de outras nações não germânicas.

¹⁵³Durante a revisão deste parágrafo, eu estava escutando a 9ª sinfonia de Beethoven, na versão da Orquestra Sinfônica de Chicago. Acredito que a música havia terminado e a *playlist* me jogou, aleatoriamente, para o hino instrumental da Alemanha. Neste momento eu realizava a releitura e as correções do parágrafo e me provocou a curiosidade de saber o que significa a letra do hino Alemão, já que o assunto em foco estava sendo a Alemanha nazista e as tentativas da construção de um glorioso e vasto império germânico. Então fiz uma breve pesquisa na internet sobre o hino da Alemanha e a tradução de sua letra. A letra inicia desta forma: *Deutschland, Deutschland über alles/ Über alles in der Welt/ Wenn es stets zu Schutz und Trutze/ Brüderlich zusammenhält/ Von der Maas bis an die Memel/ Von der Etsch bis an den Belt*. A tradução literal fica: “Alemanha, Alemanha acima de tudo/ Acima de tudo no mundo/Quando, sempre na defesa e resistência/Fica unida fraternalmente/ Do Mosa ao Neman/Do Ádige ao Belt”. Fiquei surpreso com o significado e a tradução da letra do hino alemão. A música exalta a grandeza da nação, a força, sua extensão territorial e, a cereja do bolo, que ela é a nação acima de tudo, mais ainda, acima de tudo no mundo. Demonstra a nação eleita, a justa e soberana sobre o planeta. Não obstante o refrão enfatiza em um tom heroico orquestral que: “Deutschland, Deutschland über alles/ Über alles in der Welt”. A tradução fica: “Alemanha, Alemanha acima de tudo/Acima de tudo no mundo”. O mito germânico (ao menos uma parte deles como vimos neste presente trabalho) expresso no hino nacional da Alemanha. Este hino, vale lembrar, foi escrito pelo August Heinrich Hoffmann von Fallersleben, em 1841, sob a composição de, Joseph Haydn, de 1797. O período de escrita e composição abarca a era do romantismo, muito forte na Alemanha naquele tempo, como também era claro durante o início do século XX. E um fato curioso é que o Hino com esta letra e composição foi adotada em 1922, dois anos antes de Hitler escrever seu livro *Mein Kampf*, e ele (o hino) era muito tocado nos comícios de Hitler e nas chancelarias do Reich, principalmente antes e depois das reuniões com o partido Nacional-Socialista, caracterizando uma simbologia que expressava os anseios do partido e de Hitler. A letra do Hino expressa, de forma bem nítida, parte das ideias de Hitler e seus desejos de uma Alemanha impávida, imponente, grande e soberana sobre as outras nações. A verdadeira nação escolhida. O *Führer* buscou materializar esta grandeza na arquitetura de seu grande império, como dissertamos aqui neste parágrafo. Decidi não colocar este detalhe no trabalho porque não havia pensado uma maneira de encaixá-lo no corpo do texto, além de que as informações que citei neste rodapé as encontrei no próprio Google. Logo, não posso dar por certo a veracidade das informações, apesar de acreditar que não há erros grotescos nelas. Portanto, como não fiz uma pesquisa em livros especializados, além de não pensar numa maneira de encaixar no texto, julguei prudente explicar este meu pequeno *insight* neste rodapé, até mesmo para o leitor situar-se melhor sobre os caminhos – algumas vezes confusos, admito – que minha mente passa e raciocina para elaborar a escrita deste presente trabalho de conclusão de curso.

Mas porque esta ideia de Diesel encaixou-se perfeitamente e foi fundamental para a construção física da nova capital nazista?¹⁵⁴ Para isto voltemos ao início dos anos de 1900. De acordo com o documentário “Arquitetura da Destruição”¹⁵⁵, Hitler tinha o grande sonho de ser artista. Fazia pinturas, de acordo com a narração do documentário, no estilo de cartões postais, que aparentemente mostrava um certo talento por parte do então aspirante às artes. Eram imagens que aos olhos leigos eram bonitas e agradáveis. Não eram como pinturas de um Edmund Blair Leighton, mas não eram de dispensar elogios. Porém, aos olhos de profissionais, como da escola de artes de Viena, não eram suficientes, logo, Hitler, quando tinha 18 anos e tentou ingressar na academia de artes de Viena, não foi aceito nesta escola. Frustrado volta para Linz, sua cidade natal, e vai a um concerto. O que estava apresentando era “Rienzi”, do compositor Richard Wagner. Hitler inspira-se na história por traz da música de Wagner, além da própria personalidade do compositor¹⁵⁶.

Em resumo, Rienzi, um guerreiro, se revolta contra a Aristocracia em uma Roma medieval alegando que não era a verdadeira Roma. Ele busca trazer de volta a “velha e legítima Roma”, a Roma republicana do mundo antigo. Porém, “Rienzi” sofre uma conspiração e tem seus planos destruídos, terminando sua vida na batalha de Capitólio.

Hitler se comove com a história e a partir deste momento traça seus planos para o futuro, incorporando em seu imaginário e personalidade à história de “Rienzi”, mostrando que a ideia absorvida em seu imaginário o levará a ações, crenças e finalidades objetivas, além de um sentido para a vida, como vimos com Baczko. Hitler também, apresentado pelo documentário, se inspirou em Wagner no âmbito político, na criatividade, no culto ao mito nórdico e no mito do sangue puro que, como vimos, tem suas raízes nos tempos das grandes migrações. Mas o mais importante e notório é que Hitler baseou-se também no antissemitismo de Wagner. Tudo isto moldou para todo o sempre a mente do futuro ditador e através destas

¹⁵⁴ O leitor pode estar se perguntando: onde está o autor deste trabalho escrevendo sobre os engenheiros soviéticos e as tentativas de construção da capital utópica do novo império socialista? Humildemente peço paciência ao leitor. Em breve dissertaremos sobre os soviéticos.

¹⁵⁵ ARQUITETURA DA DESTRUIÇÃO. Direção: Peter Cohen. Suécia: First Run Features, 1989, 1 documentário (119 min), som, color.

¹⁵⁶ O compositor Richard Wagner morreu em 13 de Fevereiro de 1883. Logo, não poderia ser ele quem Hitler assistiu orquestrando a composição, mas outro. O documentário não diz quem era o compositor que apresentava naquele tempo.

ideias e somadas com as ideias dos novos engenheiros, caracterizado por Jeffrey Herf como sendo também os novos ideólogos, será construído o novo e glorioso milênio nazista.

O documentário irá mostrar a materialização destas ideias. Os desfiles do partido Nacional-Socialista foram recheados de simbologia e referências ao passado, principalmente o romano, além de outros símbolos como a própria suástica, símbolo de origem budista, moldada por Hitler para representar o partido Nacional-Socialista. Tismaneanu nos havia ensinado que os regimes totalitários eram contra a memória e buscavam sobrepor a verdadeira memória no lugar de outras e a propaganda tem um papel fundamental nesta empreitada. Ora, Hitler queria trazer à tona o antigo mito germânico para o seu novo império. Porém, o ideal do império romano antigo estava claro em sua mente, então os povos germânicos teriam sua história reescrita através da nova arquitetura e das novas ideias.

Os novos inimigos seriam os judeus. Eles seriam um dos responsáveis pela degradação da raça ariana pura, tanto que o próprio documentário mostra que Hitler incentivava exposições de obras de artes que exibissem a forma humana do novo Reich: rostos perfeitos e esculturas do estilo romano clássico. A propaganda neste ponto foca em duas direções: a primeira a perfeição do povo alemão, forte, esbelto, inteligente e político, tal como os homens do império romano haviam sido gerados. Em segundo, os povos judeus, ou os estrangeiros – denominação muito presente no mundo antigo para referir aos que não eram cidadãos romanos – com características grotescas, podres, demonstrando serem os responsáveis pela degeneração dos alemães. Para que ocorra esta mudança, Hitler acreditava que os valores romanos deveriam ser sobrepostos, porque eram de um mundo e sociedade superior a qualquer outra, mostrando o que Vladimir Tismaneanu havia caracterizado os totalitarismos como aqueles que repudiam os valores, mas que outros deveriam se sobrepor no lugar.

Hitler passou a construir, como apresenta o documentário e no livro de Richard Overy, obras arquitetônicas para colocar no mundo material a representação da grandeza alemã. Em 1937 estava na academia de Artes de Berlim um modelo de 30 metros de comprimento. Neste modelo erguia um grande centro de congressos, que

Hitler denominou de “O Salão do Povo”¹⁵⁷. Era parecido com um templo, maior do que a Basílica de São Pedro, com capacidade para quase 200 mil pessoas, que seria o coração do *Reich*. Hitler também, mesmo com gastos para a Segunda Guerra Mundial, ordenou construir um parque olímpico, semelhante aos coliseus e áreas de jogos romanos. Seus discursos lembravam os grandes césores e seus exércitos nos desfiles eram recheados de simbologia, com uma cavalaria também semelhante aos romanos. Segundo o documentário, este espaço esportivo nunca chegou a ficar pronto, apesar dos enormes gastos com concreto.

Potencializados pela propaganda, os projetos arquitetônicos evocavam novos sentimentos nos corações da população, moldando o imaginário nacional. Admirados pelos discursos, as grandes obras exaltadoras da raça alemã, escolhida para a glória eterna, duas consequências podem ser notadas. A primeira a deixar claro que as construções, enquanto expressão da força dos alemães foram construídas para durar pelos séculos dos séculos. Richard Overy diz que isto era o maior desejo tanto de Hitler quanto de Stalin. A segunda, talvez a maior importante, era mudar o espírito do povo alemão. Tismaneanu mostrou que os totalitarismos eram contra o espírito. Logo, deveriam colocar outro espírito no local. Hitler obteve êxito, e agora as glórias estavam em sua figura, representante da vontade do povo e o Império de Mil anos, não apenas estava claro nas mentes das pessoas, como estava materializando-se diante dos olhos de todos. Overy escreve que o preço destas construções eram o sangue de povos estrangeiros, principalmente os conquistados e os judeus. Assim, fica claro que as construções e os sentimentos evocados e o grande poder da propaganda intoxicou e cegou a população alemã a ponto de não enxergarem a destruição que a busca deste milênio e desta “Nova Jerusalém” gerava um mar de sangue nunca antes visto. Mesmo com os *progroms*, a construção do gueto de Varsóvia após 1939, a eliminação física em público de seres humanos e outras atrocidades explícitas e escancaradas diante do povo alemão, nada era feito para reverter a situação. Porque a glória eterna era maior do que alguns sentimentos por sujeitos considerados escórias, além de ser o preço a se pagar para um possível futuro glorioso, como se esses sujeitos fossem dados em sacrifício para história a fim de que o mundo divino enfim materializasse. As construções e desejos entraram na mente dos homens daquele tempo, ofuscando

¹⁵⁷ OVERY, op. cit., p.232.

para a realidade, gerando, assim, mortes, perseguições e aplausos diante tantas atrocidades.

Na União soviética, ainda que não tenhamos tantos detalhes como tivemos para descrever os projetos do Nacional-Socialismo, é notório as buscas pela concretização – literalmente – de um império que abarcasse todos os anseios e desejos do partido comunista.

Em dezembro de 1922, o Congresso do Partido Comunista deixou claro que queria fazer um palácio da revolução, como um emblema que representasse o poder do proletariado¹⁵⁸. Assim como na Alemanha, os soviéticos aliaram-se aos industriais da construção civil, tendo a Casa dos sindicatos das Indústrias, mostrando que uma própria contradição interna: aliavam-se a burgueses industriais, a suposta classe inimiga como dissertamos até aqui a fim de construir o império soviético. Foi feito um concurso para selecionar o melhor projeto arquitetônico, mas ninguém ganhou, deixando o projeto e liderança das estruturas nas mãos do arquiteto Boris Iofan, que foi aceito por Stalin e dois anos depois já se iniciaram as construções¹⁵⁹.

O projeto era a construção do “Palácio dos Soviétés”, como descreve Overy, “o maior edifício do mundo (...) maior que o recém-concluído Empire State Building em Nova York”¹⁶⁰. A obra seria tão vasta que consumiria 16% da produção anual de cimento da URSS. Nesta obra incluiria uma estátua de Lenin, muito maior do que a Estátua da Liberdade, da cidade de Nova York. Assim as intenções eram claras desde o princípio: construir uma nova memória, sobrepondo a velha, construir novos valores representado nos símbolos e na grandeza da revolução e dos líderes, e por fim e mais importante, forjar um novo espírito que, assim como os novos palácios, teriam de perdurar por toda a eternidade.¹⁶¹

Assim como Hitler, Stalin dedicou-se consideravelmente nos projetos e na construção da capital da “Nova Ordem”¹⁶². No final da década de 1930, o Comitê central do Partido Comunista realizou uma força tarefa a fim de ver as possíveis

¹⁵⁸ OVERY, op. cit., p.231.

¹⁵⁹ Ibid., p.231.

¹⁶⁰ Ibid., p.231.

¹⁶¹ Ibid., p.232.

¹⁶² Ibid., p.235. Detalhe: Tanto Overy, como Tismaneanu, utilizam constantemente este termo “Nova Ordem”.

melhorias que deveriam ser feitas em Moscou para construir a nova capital¹⁶³. Dentre as melhorias que deveriam a serem realizadas estavam a distribuição de água, concerto de pontes e melhoria em bairros e cortiços. Depois, a criação do “Plano Stalin”, que seria a construção do novo canal que ligaria Moscou ao Volga, além de um vasto metrô. Overy comenta que:

Os planejadores e arquitetos urbanos tiveram um ano, a parti de outubro de 1931, para preparar um modelo completo da capital do socialismo mundial, que refletia o desejo de Stalin de construir organicamente, “segundo um plano determinado”. Sua obsessão pessoal com a arrumação urbana foi demonstrada pela instrução de que o plano “que define a linha de rua e praça” tinha de ser uma “lei inviolável”.¹⁶⁴

Neste ponto está claro o que Tismaneanu aborda em suas obras quanto o caráter de abrangência universal dos regimes totalitários, principalmente do comunismo, já que, como Overy nos elucidou, Stalin tinha uma obsessão pessoal para a construção de seu plano, demonstrando o desejo de materializar sua vontade e personalidade nas obras, além de construir um modelo ideal para o socialismo mundial, buscando impor novos valores que estariam representados no corpo arquitetônico da nova capital.

Segundo Overy, as cidades soviéticas eram mais industriais que imperiais¹⁶⁵, apesar do intuito de Stalin ser a construção de um império soviético. Uma das cidades para ser o centro da “Nova Ordem Comunista” era a cidade de Magnitogorsk, inspirada em uma construção de complexos de indústrias pesadas, nos montes Urais, conhecida como “Montanha Magnética”¹⁶⁶. A construção destas e outras cidades, de acordo com Overy, foi acelerada devido aos sucessos econômicos dos Planos Quinquenais, incentivando as empresas responsáveis a darem imediato seguimento da implantação do “novo modo de vida socialista”¹⁶⁷. Este novo modelo estaria incorporado e escrito na própria estrutura da cidade: grandes blocos de moradia que iriam conter a estrutura mínima para higienização,

¹⁶³ Ibid., p.235.

¹⁶⁴ Ibid., p.235.

¹⁶⁵ Ibid., p.240.

¹⁶⁶ Ibid., p.240.

¹⁶⁷ Ibid., p.240.

alimentação e até áreas de lazer; e nestes locais haveriam cinema e algumas outras áreas para prática de esportes. Mas o preço desta utopia foi mais uma vez a morte. Em 1933 um superbloco foi construído, mas havia, durante a construção, uma escassez de equipamentos e materiais, impossibilitando a construção de um sistema de esgoto básico, obrigando os moradores a utilizarem improvisadas barracas para banhar e fazer as necessidades sob rigorosos invernos e ventos gelados que chegavam a quase 20 graus Celsius negativos¹⁶⁸. Cerca de 200 mil pessoas viveram sobre essas áreas, muitas vezes encardidas, sob condições desumanas e tamanha eram as péssimas condições que Overy enfatizou que o resultado da construção dessas cidades “quase não foi diferente dos empobrecidos distritos industriais da primeira onda de industrialização sob os tzares”¹⁶⁹.

Tismaneanu nos mostrou que os totalitarismos buscaram a construção de um Império que duraria os séculos dos séculos, mas com forte teor utópico, evocando sentimentos messiânicos para a vinda deste “reino dos céus” e que o preço disto era a destruição total do ser e, nas palavras de Hannah Arendt¹⁷⁰ em concordância com Tismaneanu, a atomização completa dos sujeitos, além de suplantarem valores, memórias e espíritos já estabelecidos e construídos e, por fim colocar outros no lugar. Esta característica muito assinalada aqui neste trabalho é também um apontamento pelo historiador Richard Overy, dizendo que:

A União Soviética de fato construiu uma nova sociedade urbana, apesar do malogro da cidade-modelo. As aspirações utópicas da década de 1920 deram lugar às duras realidades da construção industrial, mas conservaram um núcleo fortemente utópico até mesmo para os decretos mais realistas do planejamento estalinista. Pressupunha-se que as novas cidades eram centros de cultura proletária e do poder do partido; palácios do trabalho suplantaram palácios principescos; demoliram-se igrejas a fim de abrir espaços para prédios do partido; hospitais e escolas, muitas vezes abrigados em barracos de madeira primitivos e casa improvisadas, foram abertos em toda União Soviética urbana. O programa de construção do partido Nacional-Socialista também foi planejado para criar um senso de comunidade, mas que fosse consciente de sua herança racial e futuro imperial. As cidades nacional-socialistas modelo foram enchidas de prédios marciais e monumentos políticos, projetados por sua vez para dominar os

¹⁶⁸ Ibid., p.241.

¹⁶⁹ Ibid., p.241.

¹⁷⁰ ARENDT, op. cit.

edifícios públicos de uma idade burguesa não heroica. Nas duas ditaduras, as cidades se tornaram a principal *expressão física de uma nova sociedade*.¹⁷¹ [Grifos meus]

Esta passagem de Richard Overy exemplifica claramente os três pilares do totalitarismo descrito por Tismaneanu no início deste capítulo. Na passagem acima citada, a destruição de igrejas é o sinal explícito da derrubada de uma memória, de valores e do espírito e colocar outro lugar, tanto que o próprio autor (e destaquei em itálico) afirmou categoricamente que as cidades são a expressão de uma nova sociedade e uma nova era, como Tismaneanu destaca sempre em seus escritos – e Overy dá uma atenção especial. Tudo, como foi descrito, é para demolir, destruir – palavras muito constantes nos autores aqui trabalhados – e colocar algo novo. Para os comunistas, a expressão da classe dos trabalhadores sob a orientação do partido, para os nazistas a materialização do novo povo bravo e heroico como também a concretização das merecidas glórias e justiças da nação escolhida e de uma nova era e nova ordem.

Os regimes totalitários nunca conseguiram finalizar suas obras. A Segunda Guerra Mundial e outros inúmeros fatores impossibilitaram a continuação das construções. O “Palácio dos Sovietes”, por exemplos, começou a ser construído sob um terreno extremamente movediço e alagado, causando o colapso da estrutura inicial. A solução foi a construção de uma grande piscina no local. O fato é, como insistiu Tismaneanu, foi a construção de um estado apocalíptico, arrastando pessoas para um holocausto revolucionário. Overy mostra ao longo de seu livro que o preço era sempre a morte e enfatiza que os próprios líderes afirmavam que os inimigos do Estado e do Partido deveriam dar suas vidas, literalmente, para a construção de seus impérios. O sangue daqueles considerados heréticos e que não se submeteram perante o poder dos líderes seria utilizado para erguer a “Nova Jerusalém”. Himmler, como escreveu Overy – e é um dado que resume a mensagem para os “estrangeiros” – disse que os inimigos dos povos germânicos seriam os novos “exercito[s] de servos da população de cidadãos soldados alemães”¹⁷².

O império dos sonhos ficou no campo das ideias, ainda que tenha tido tentativas de se materializar. Se dizem as Sagradas Escrituras (Bíblia) que no reino

¹⁷¹ Ibid., p.241-242.

¹⁷² Ibid., p.239.

de Deus é aonde ocorrerá a salvação dos seres humanos, no império dos homens, como vimos aqui, serão mortos e não haverá perdão por parte dos líderes. A “Jerusalém celeste” e a “nostalgia do futuro” arraigaram profundamente na mente de muitos homens ao longo da história, tendo o século XX o momento da história humana mais nítido das tentativas de trazer esta “Jerusalém” para a Terra e pelas mãos dos próprios homens. Essa ideia, misturada com sentimentos, crenças, investigações que compuseram um corpo imaginativo, percorreu séculos e em cada momento apropriada de maneiras diferentes, tendo consequências para a história das ideias políticas. Mas o que dizem as Sagradas Escrituras sobre a vinda deste tão sonhado paraíso? Porque dos escolhidos? Quais as influências das ideias de um paraíso na história das ideias políticas? Quando ela começou a entrar no corpo e na mente dos homens? Estas e outras perguntas que, longe de pretender esgotar o assunto, tentaremos debater neste presente trabalho. Agora convido o leitor à uma viagem a um tempo que não está – ou, pelo menos, não ainda – no tempo histórico, ou seja, para a narração do apocalipse e partir deles tentar desvendar uma das origens remotas do milenarismo totalitário, abordando aqueles que investigaram e tentaram trazer o apocalipse para o tempo das ações humanas.

2.1

As evocações das ideias e sentimentos de uma sociedade perfeita, de “um novo Homem” - como sempre enfatiza Tismaneanu ao referir-se sobre os objetivos dos regimes totalitários -, um império (ou reino) aonde todas as mazelas serão sanadas e “nunca mais terão fome, nem sede; o sol nunca mais afligirá nem qualquer calor ardente”¹⁷³ e ao fim todas as lágrimas serão enxugadas, foi constante na história das ideias políticas, não apenas do século XX, mas desde os tempos das antigas catedrais e as especulações por filósofos e escritores sobre o fim dos tempos e “novo mundo” que estar por vir. Tais evocações, muitas vezes, foram inspiradas em muitos mitos, como apresenta Norman Cohn, de origens egípcias, mesopotâmicas, nórdicas e por fim, a que abordaremos aqui, apocalípticas, principalmente, do apocalipse cristão¹⁷⁴.

¹⁷³ A BÍBLIA de Jerusalém, op. cit., p.1615. Ap 7, 16-17.

¹⁷⁴ COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: As origens das crenças no apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Os mitos enumerados acima são de grande importância já que, alguns deles, foram apropriados pelos regimes totalitários, por exemplo, o mito nórdico, muito presente nas ideias de Richard Wagner que depois foi apropriado por Hitler, tal como vimos no início deste capítulo. A fim de investigarmos os sentimentos evocados sobre o “mundo que virá”, narremos, resumidamente, o Apocalipse.¹⁷⁵

A história inicia-se com Deus concebendo a Jesus Cristo a revelação de acontecimentos que estão para ocorrer em breve. Mas não é Jesus quem faz diretamente a revelação a João. Um detalhe é que não era o apóstolo João. Segundo Norman Cohn, um dos motivos que colocaram o apocalipse nos cânones das Sagradas Escrituras seria por considerar João como um dos apóstolos, porém o autor afirma que é uma informação falsa¹⁷⁶, já que, caso fosse o apóstolo, ele teria escrito aos 85 anos. Deste modo, João seria apenas um dos carismáticos que circulavam pelas igrejas do império romano do oriente. Nota-se também, no próprio texto do apocalipse, que João, ao identificar-se, não se refere como “apóstolo”, algo que é claro quando os outros apóstolos (Pedro, Paulo, etc) iniciam suas escritas e já de início identificam-se como tal. A passagem diz: “Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na Ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do Testemunho de Jesus.”¹⁷⁷

O anjo do Senhor diz para que João escreva cartas para as sete igrejas da Ásia: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Loadicéia. Quando ele volta para escrever viu aquilo que se assemelhava ao filho do Homem. Cai no chão em seus pés e a figura descrita diz para que não temas, porque ele é o “Primeiro e o Último, o Vivente”¹⁷⁸.

João é orientado a escrever cartas para as sete igrejas, ora censurando, ora dando graças, ora apontando os pecados e a corrupção dentro destas, como por exemplo, em Esmirna, que segundo a carta que mandou escrever, tornou-se uma “sinagoga de Satanás”. Em todas as igrejas, um chamado é constante: todas são convidadas a conversão a fim de que os fiéis ao senhor sejam salvos dos eventos que estão por vir.

¹⁷⁵ A BÍBLIA de Jerusalém, op. cit., p.1609-1626.

¹⁷⁶ COHN, op. cit., p.276.

¹⁷⁷ A BÍBLIA de Jerusalém, op. cit., p.1609. Ap 1, 9.

¹⁷⁸ Ibid., p.1610. Apocalipse 1, 17-18.

A partir deste ponto é que se inicia as visões proféticas, os prelúdios do “Grande Dia”¹⁷⁹. João teve uma visão de uma porta aberta no céu, anunciando “as coisas que devem acontecer”. Ele viu uma imagem de um trono e alguém sentado nele; e dele saiu os sete espíritos de Deus, que seriam os anjos. No “meio” do trono, estavam quatro criaturas, cheios de olhos: o primeiro parecia um leão, o segundo assemelhava-se à um touro, o terceiro tinha o rosto parecido com de um Homem e o quarto era semelhante à uma águia em voo. Essas criaturas proclamavam: “Santo, Santo, Santo, Senhor Deus todo-poderoso, Aquele-que-era, Aquele-que-é e Aquele-que-vem”¹⁸⁰.

Logo depois, João viu ao lado direito daquele que estava sentado no trono um livro escrito, selado com sete selos. Nos céus soltou um grito perguntando quem seria digno de abrir o livro. Porém, ninguém nos céus e na terra era capaz de abrir o livro, então João se entristece porque ninguém poderia abri-lo. Mas logo é consolado porque o cordeiro, que venceu, abrirá.

O cordeiro abre o primeiro dos sete selos. João viu descer dos céus um cavalo branco e nele estava montando alguém com um arco. O segundo selo foi aberto e apareceu um cavalo vermelho e ao montador deste cavalo é dado o poder de tirar a paz na terra, a fim de que os homens matem entre si mesmos. Ao abrir o terceiro selo, apareceu um cavalo negro, cujo montador tinha uma balança. O quarto selo foi aberto e apareceu um cavalo verde e nele estava montado a “Morte” acompanhado do Hades e foi a eles dado a quarta parte da terra para que, através de sua espada, causar mortes pela “fome, pela peste e pelas feras da terra”¹⁸¹.

O quinto selo foi aberto e João viu vidas que tinham sido imoladas por levar a palavra de Deus pelos povos assim como o testemunho das obras Dele. As vidas clamavam para que Deus não tarde fazer justiça e que o sangue de seus servos seja vingado. Para essas vidas foi dada uma veste branca e foi dito que eles repousassem a fim de que aguardassem por seus irmãos que seriam mortos como eles.

O sexto selo foi aberto e um grande terremoto aconteceu, o sol ficou negro e a lua toda ficou como sangue, as estrelas se precipitaram, o céu afastou-se como um

¹⁷⁹ Ibid., p.1612. Apocalipse 4.

¹⁸⁰ Ibid., p.1612. Apocalipse 4, 8.

¹⁸¹ Ibid., p.1614. Apocalipse 5, 7-8

pergaminho que é enrolado e as montanhas e as ilhas foram tiradas de seus lugares. Logo depois:

[...]os reis da terra, os magnatas, os capitães, os ricos e os poderosos, todos, escravos e homens livres, esconderam-se nas cavernas e pelos rochedos das montanhas, dizendo aos montes e às pedras: “Desmoronai sobre nós e escondei-nos da face daquele que está sentado no trono, e da ira do Cordeiro, pois chegou o *Grande dia de sua ira, e quem poderá ficar de pé*”.¹⁸²

Após este evento, João viu quatro anjos nos quatro cantos da terra segurando os ventos para que não soprem mais na terra. Um quinto anjo aparece e solta um forte grito dizendo para que ainda não façam nenhum mal na terra até que tenham marcados todos os 144 mil servos do Senhor e os outros servos das doze tribos de Jerusalém e cada uma das doze tribos será marcados doze mil servos de Deus.

Depois uma grande multidão começa a cantar e clamar por Deus, dizendo que a salvação se encontra Nele e no Cordeiro. Um ancião pergunta quem são aqueles trajados de vestes brancas e responde que são os que vieram da grande tribulação, que seria a perseguição daqueles que proferiram a palavra de Deus e davam testemunho de Suas obras. Eles servem a Deus todos os dias, sem descanso, porque Deus irá provê-los a liberdade de todas as moléstias, além das enfermidades e por fim beberão da fonte da água da vida e suas lágrimas serão enxugadas.

Depois, o sétimo selo foi aberto e houve silencio absoluto nos céus por aproximadamente meia hora. Sete anjos surgiram e cada um deles carregavam uma trombeta. Outro anjo carregava um incenso para que as orações dos santos subissem diante de Deus. Seguiu-se de troves, clarões e terremotos.

Os anjos preparados com as trombetas começaram a tocar. O primeiro anjo tocou e caiu granizo e fogo com sangue sobre a terra. Uma terça parte da terra se queimou, assim como uma terça parte das árvores e da vegetação verde. O segundo anjo tocou e alguma coisa parecida com uma montanha incandescente caiu no mar e os animais marinhos morreram todos, transformando o mar em sangue e destruiu um terço dos navios que navegavam no mar.

¹⁸² Ibid., p.1614. Apocalipse 6, 15-17.

O terceiro anjo tocou a trombeta e caiu do céu uma grande estrela que caiu sob a terça parte dos rios e fontes, tornando a água amarga como absinto e muitos que beberam dela morreram. O quarto anjo tocou a trombeta e um terço do sol, da lua e das estrelas foram afetados, perdendo um terço de seus brilhos.

O quinto anjo tocou a trombeta e uma estrela cai sobre a terra e para essa foi entregue a chave do abismo. Ela abriu o abismo e dali saiu uma fumaça e de lá saíram gafanhotos que infestaram a terra. Foi dito aos gafanhotos que não danificassem a terra, mas que atormentassem os homens que não tivessem a marca de Deus. Os gafanhotos terão poder semelhante aos escorpiões, causando tormento ao ferir os homens. “Naqueles dias, os homens *procurarão a morte, mas não a encontrarão*; desejarão morrer, mas a morte se lhes fugirá”.¹⁸³

O sexto anjo tocou a trombeta e uma voz que vinha dos quatro chifres do altar diante de Deus disse que o anjo deve libertar os quatro anjos alados que estavam presos no rio Eufrates. Os anjos foram libertos e lhes foi ordenado que matassem a terça parte dos homens. Uma das causas das mortes dos homens é que dos cavalos saíam enxofre. Mesmo depois de tanta morte e terror, os homens que sobrevivera não se converteram e tão pouco deixaram de adorar ídolos. Muito menos se converteram de “seus homicídios, magias, fornicação e roubos.”¹⁸⁴

Em seguida, João avistou um anjo que segurava um livrinho aberto. Ouve um grito e vozes, mas quando João foi anotar o que ouviu, escutou dizer que não deve escrever e manter o que escutou em segredo. Logo depois, foi ordenado à João que pegasse o livro das mãos do anjo e logo em seguida devorar o livro. O livro, segundo escutou, seria amargo em seu estomago, mas doce em sua boca. Após devorar o livro escutou dizer que era necessário continuar profetizar contra muitos povos e nações.

Na sequência, avistou duas “testemunhas”, que Deus permitiu que profetizem durante mil duzentos e sessenta dias, totalizando o aproximado de três anos e meio. A Besta, subindo do Abismo, combaterá contra as testemunhas e as vencerá, mantendo-as e expondo-as no meio da grande cidade. Porém, um sopro do Senhor cairá sobre elas e em seguida ressuscitarão e subirão aos céus. Um grande

¹⁸³ Ibid., p.1615. Apocalipse 9, 6.

¹⁸⁴ Ibid., p. 1616. Apocalipse 9, 21.

terremoto ocorreu e um décimo da grande cidade foi destruída, causando sete mil mortes. Os sobreviventes ficaram com muito medo e deram glórias a Deus.

A sétima trombeta é tocada pelo sétimo anjo e fortes vozes surgiram dos céus clamando pelo senhor, exaltando sua grandeza e graça. O templo de Deus se abre no céu e aparece a sua arca da aliança. Em seguida, ocorre vozes, terremotos e forte chuva de granizo. Então, um sinal aparece nos céus. Uma mulher, aos gritos de dores do parto e surge um dragão com sete cabeças e dez chifres e sob as cabeças tinham diademas. Ele aguardava o nascimento do filho da mulher. Iria devorá-lo assim que nascesse a criança. Porém, quando a criança nasce, ela é imediatamente arrebatada para junto de Deus. A mulher foge para o deserto e lá é alimentada durante 1260 dias, aproximadamente três anos e meio.

Ocorre, então, uma batalha nos céus: o dragão contra os anjos liderados por Miguel. O dragão foi derrotado e ele, chamado Satanás ou Diabo, foi banido dos céus e mandado para a terra, aonde seduziria nações. O dragão transmite seu poder à besta de modo que começou a proferir palavra ruins e blasfemar contra Deus. Foi dado autoridade sobre nações e tribos e para guerrear contra os santos e vencê-los. Muito provavelmente era para arrebatá-los os 144 mil somados os 12 mil de cada tribo que iriam vestir as vestes brancas, ou seja, os escolhidos de Deus que ainda restavam. Uma segunda Besta surge e ela faz com que todos adorem a primeira besta, de modo que todos que não adorarem seriam mortos. Então é criada a marca da besta, o número 666. Sem esta marca ninguém poderá comprar ou vender nada. Neste momento também é caracterizado pelo surgimento do falso profeta, também podendo ser definido pela vinda do anticristo.

Os anjos anunciam a chegada do julgamento. João avista um Anjo que carregava um “evangelho eterno”¹⁸⁵ que será anunciado para todas as nações, tribos, línguas e povos. Em seguida, será feita a grande colheita das nações, ou seja, as vidas que serão arrebatadas para o céu. A consequência apresentada é um mar de sangue que chega até o freio dos cavalos, aproximadamente as bocas destes. Depois, é visto um mar semelhante ao vidro, com as vidas que venceram a Besta e sua marca. Vê-se também Moisés que inicia um cântico do Cordeiro.

¹⁸⁵ Ibid., p.1619. Apocalipse 14, 6.

Depois, surgem sete anjos com as sete pragas, que seriam as taças do furor de Deus. É ordenado que os anjos derramem as sete taças. O primeiro derrama a primeira taça com o furor de Deus e em seguida uma ulcera dolorosa se apoderou daqueles com a marca da Besta e que adoravam a sua imagem. O segundo derrama a segunda taça, transformando o mar em sangue, matando todas as criaturas que viviam no mar. O terceiro anjo derramou a segunda taça com o furor de Deus nos rios e fontes transformando-os em sangue.

O quarto anjo derramou a quarta taça sobre o sol e este queimou os homens com fogo. Os homens queimados começaram a blasfemar contra Deus e não se converteram. O quinto anjo derramou a quinta taça no trono da Besta e seu reino ficou em total escuridão. Os homens começaram a morder a língua por causa de uma forte dor e por isto passaram a blasfemar contra Deus.

O sexto anjo derramou a sexta taça sobre o rio Eufrates. O rio secou, abrindo caminho para os reis do oriente. João, então, avistou da boca do dragão, da Besta e de do falso profeta, sair espíritos impuros, sendo estes os demônios. Eles se reuniram em um lugar, formando um imenso exército para a guerra final do Grande Dia de Deus. O local foi chamado de “Harmagedôn”.¹⁸⁶

O sétimo anjo derramou a sétima taça, e uma voz muito forte saiu do céu dizendo que estava realizado. Houve relâmpagos, trovões e um terremoto forte como nunca houve antes. A Grande Cidade foi dividida e Deus preparou seu cálice do seu furor para a Babilônia, a fim de que ela provasse de sua ira.

Um dos anjos das sete taças mostra o julgamento da grande prostituta. Ela foi quem embriagou-se do sangue dos santos e seduziu nações povos e tribos. Ela também seduziu reis que entregou suas autoridades à Besta a fim de que guerreassem contra o Cordeiro.

Por fim, é anunciado a queda da Babilônia e é ordenado ao povo de Deus que fujam para longe a fim de que não sofram as consequências da queda da Babilônia. Após a queda, mercadores lamentaram porque ninguém mais comprou de suas mercadorias, ainda que fossem preciosas.

¹⁸⁶ Ibid., p.1620. Apocalipse 16, 10-16. Na versão da Bíblia de Jerusalém que utilizei a palavra “Harmagedôn” está escrito exatamente desta forma, ou seja, com “H” e “N” ao final, e não “Armagedom”, sem o “H”, como usualmente é escrito.

Começa o extermínio nações pagãs. João vê um cavalo branco aparecer e era montado pelo cordeiro, também chamado de “Fiel e Verdadeiro”, mas é chamado principalmente de “Verbo de Deus”¹⁸⁷. Ocorreu a grande batalha dos exércitos do Cordeiro contra os exércitos da Besta. Ao final, a besta é capturada e aprisionada por mil anos. Após este tempo ela será solta, seduzirá nações inteiras, mas será derrotada em definitivo.

Por fim, ocorrerá o julgamento das nações. Neste momento aqueles que estiverem no livro da vida serão salvos e os mortos serão julgados pelos seus feitos de acordo com as leis estabelecidas neste livro. A morte e o Hades foram lançados no lago de fogo, sendo caracterizado pela segunda morte; e todos aqueles que não estiverem no livro da vida serão lançados para segunda morte, ou seja, para o lago do fogo eterno.

Ao término destes eventos, ocorre a vinda do Paraíso a descida da Jerusalém Celeste. João viu um novo céu uma nova terra. A cidade de Deus chamada de “Nova Jerusalém”¹⁸⁸. Nela não haverá lágrimas de dor e desespero, não haverá tristeza, morte, agonias, mazelas, enfim, nada que irá afligir os homens. Nem mesmo os impuros entrarão neste novo reino. Eles são os infiéis, corruptos, assassinos, mentirosos de toda espécie, enfim, todos aqueles que carregam o mal dentro de si serão impedidos de adentrar neste reino e arderão eternamente no lago ardente de fogo e enxofre.

É anunciado a vinda da Jerusalém. Ela é cercada por grossas muralhas contendo doze portas. Em cada porta, doze anjos ficam em eterna vigia e em cada porta serão inscritas as doze tribos de Israel. A cidade estará sob doze alicerces que serão os doze nomes dos apóstolos do Cordeiro.

A praça da cidade é feita de ouro puro. Nela não haverá templos porque o próprio Senhor será o templo e governante, assim como o Cordeiro também o será. Não haverá sol ou lua porque o próprio Deus e o Cordeiro, ambos com suas glórias, iluminarão para todo o sempre a Nova Cidade. Nesta cidade entrarão apenas aqueles inscritos no livro da Vida do Cordeiro.

¹⁸⁷ Ibid., p.1623. Apocalipse 19, 11-13.

¹⁸⁸ Ibid., p.1625. Apocalipse 21, 1-4.

Um grande rio sairá do trono do Senhor e seus servos lhes prestarão cultos. A face de Deus será vista e seu nome estará nas testas de todos. Aqui uma possível interpretação é que toda a verdade será revelada aos olhos de todos já que é um reino que não haverá espaço para a mentira.

Ao fim da revelação, Joao escuta a voz do anjo dizendo que mostre a todos o que viu sobre todas estas coisas que, segundo diz, acontecerá em breve. João quis prostrar-se diante do anjo, mas ele o censurou, dizendo para que não faça isto porque ele é apenas o mensageiro de Cristo, o Verdadeiro. Ao fim, reforça para que não esconda a revelação e deixe o mundo seguir o seu caminho tal como se encontra naquele momento, dizendo que os justos continuarão a cometer justiça e os sujos continuarão fazendo sujeiras. Ao fim, tenta prestar louvores ao anjo, mas este a censura novamente dizendo para que preste louvores apenas a Deus e a Cristo.

2.2

Não se sabe ao certo quando o “Livro do Apocalipse” foi escrito, nem por quem e, menos ainda, se existiam outros livros. Norman Cohn disserta que os primeiros “Apocalipses” eram judaico e foram escritos por volta dos séculos III e II a.C.¹⁸⁹. O livro é recheado de uma estranha erudição, um simbolismo cujo seus significados permanecem ocultos e incertos, sendo, muitas vezes, relacionados a seitas, ainda que não existem indícios da influência destas.

Diferente das profecias, em que Deus falava diretamente com o profeta, o Apocalipse era uma revelação em forma de visão sendo esta revelada primeiro ao “escolhido” (o messias) e este revelava para um anjo que depois revelaria para um homem mortal. Não obstante, o significado de “Apocalipse”, palavra de origem grega, é “revelação”. Deste modo, aquele que recebia a revelação estaria ciente de acontecimentos que não tardariam acontecer. No caso do apocalipse bíblico tal como conhecemos seria a vitória definitiva do bem sobre o mal; vitória esta concebida pela volta do Messias, Jesus Cristo, filho de Deus, cumprindo sua promessa de salvação de toda a humanidade, dando aos mortais a vida eterna em

¹⁸⁹ COHN, op. cit., p.215.

um reino eterno. Assim, o apocalipse poderia também ser chamado, levando em conta a etimologia da palavra, de “Livro das Revelações”.

Ainda que não haja provas concretas da existência de outros Apocalipses, já que o único livro do apocalipse que foi para os cânones foi o de João, estudos indicam que existiam outros livros como o “Livro de Enoque”, Apocalipse de Pedro, etc. Na introdução da *Bíblia de Jerusalém* os editores apontam que nem mesmo é certo que “João” tenha sido o único a escrever o apocalipse tal como está atualmente na Bíblia e nos cânones. Acredita-se também que tenha sido escrito por volta do século III d.C e que era uma obra de vários autores, algo que na introdução é assinalado que existem até mesmo uma narrativa não contínua, de modo que foi corrigido e juntado os vários escritos a fim de dar uma unidade e um sentido para a revelação.

Norman Cohn afirma que os sujeitos que recebiam as visões queriam dar total credibilidade e seriedade em suas obras, sendo esta afirmação extremamente clara quando lemos o Apocalipse em que um anjo revela a visão e logo depois ele mesmo insiste que seja divulgado, pois o fim está próximo e são eventos que acontecerão em breve¹⁹⁰. Mas ao mesmo o autor também disserta que as revelações tomariam um tempo a serem reveladas porque as visões deveriam ser de conhecimento público no momento exato. Ora, então porque a pressa dos anjos para que fossem reveladas? Se eram acontecimentos que ocorreriam em breve, porque a espera?

Estas questões até o momento não apresentam respostas definitivas e aqui não buscaremos dar a palavra final. Entretanto, o que podemos destacar é que são revelações feitas pelo próprio Deus sendo Ele que, como apresenta Norman Cohn, revelaria a verdade e o real sentido destas visões e a simbologia¹⁹¹ o que é claro na própria narração do Apocalipse quando o Anjo, em dado momento, explica o sentido de algumas metáforas. Este formato de revelação é muito semelhante ao modelo “Apocalíptico” dos líderes totalitários em que, como vimos em Tismaneanu, Hitler recebeu a missão da histórica de salvação, ou seja, a história em seu curso natural, *revelou* Hitler e para ele revelou sua missão salvífica; e aos comunistas, especialmente Lenin e Stalin, o proletariado receberia a revelação da História de sua

¹⁹⁰ Ibid., p.216-217.

¹⁹¹ Ibid., p.217-218.

missão de levar justiça aos trabalhadores oprimidos e estabelecer o paraíso comunista na terra. Missão essa transferida para as mãos de Lenin e Stalin e para o partido. Essas “revelações” também teriam seu tempo para chegar aos ouvidos e olhos de todos.

De todo modo o real significado do Livro do Apocalipse permanece nebuloso, além das origens de todo o simbolismo presente e das metáforas, até mesmo sobre os seus autores e até se existiam outros livros de revelações. Ainda que o mistério permeia tais escritos, muitos intelectuais se debruçaram sobre as revelações e formularam teses a respeito, tendo estas consequências para a história das ideias políticas e repercussões no drama de nossa história.

Neste presente trabalho, não tenho elementos suficientes para afirmar quem foram os primeiros a tratar sobre o apocalipse, porém, de acordo com os autores que iremos nos basear e já citados– Jean Delumeau (1923 -), historiador francês, Eric Voegelin (1901 – 1985), filósofo e cientista político Alemão radicado nos Estados Unidos, Henri de Lubac (1896 – 1991) cardeal e teólogo jesuíta francês, Norman Cohn (1915 – 2007), historiador e escritor britânico, e outros -, apontam que Santo Agostinho em sua obra *Civita Dei* (“Cidade de Deus”) foi um dos primeiros a trabalhar questões sobre o Apocalipse. Muitas destas questões giram em torno de Santo Agostinho, permeando suas influencias espirituais e políticas assim como os eventos históricos que aconteceram, a começar pelo “Édito de Tolerância de Milão”, de 313 em que por decreto sessou a perseguições dos cristãos da igreja cristã primitiva¹⁹².

Eric Voegelin descreve que a igreja cristã passou grandes perseguições desde Severos até Décio e Diocleciano, alcançando o clímax no tempo de Constantino, momento em que foi estabelecido o “Édito de Tolerância de Milão” como vimos. Porém, segundo Voegelin, este decreto não deu a vitória definitiva para a Igreja, visto que ela já estava dividida em vários aspectos e dentre elas cristãos que, para sobreviverem a onda das grandes perseguições, adotaram rituais pagãos e se esconderam dentro de seitas, cruzando elementos cristãos com pagãos e sectários. Assim como as tribos germânicas aderiram ao cristianismo, não por questões de vocação espiritual ou conversão, mas por sobrevivência, muitos cristãos fizeram o

¹⁹² VOEGELIN, op. cit., p. 270-271.

mesmo ao aderirem rituais pagãos, causando uma instabilidade dentro da própria igreja desde aqueles tempos. Ainda que Constantino (272 – 337) tenha tentado cessar as perseguições, suas tendências arianas foram herdadas ao seu filho Juliano (331 – 363), o Apóstata, que tentou retornar o paganismo¹⁹³. Num dado momento com Graciano e Teodósio a Igreja ganha destaque, ainda que não tivesse acabado com a figura do “Imperador Divino” que foi caracterizado por Voegelin como os “*pontifex maximus*”¹⁹⁴ dotando os imperadores com poderes espirituais muito fortes, semelhante ao que Alexandre tinha com os povos em que dominava. A figura do “imperador divino” não foi extinta, apenas reduziu seu potencial após o período de Justiniano. Devido à fuga de cristãos para todas as regiões do império, toda a igreja, segundo Voegelin, estava dividida e várias tentativas do retorno a unidade dela foram ineficazes. O autor disserta que:

Para complicar a situação, a Igreja Ocidental estava dividida por cismas disciplinares em consequência das perseguições, desde Décio até Diocleciano. As separações surgiram do problema da readmissão da comunidade daqueles cristãos que, sob ameaça terrível, tinham cedido aos sacrifícios pagãos. Os rigoristas, tais como os novacianistas em Roma e os donatistas na África, defendiam uma Igreja pura, formada pelos eleitos, enquanto a Grande Igreja era a favor do perdão. Os donatistas tinham obtido predominância na África sobre a Grande Igreja; e a sua doutrina da Igreja invisível espiritual, que unira os maus, influenciou fortemente agostinho[...].¹⁹⁵

Observamos um estado Apocalíptico: divisão da Igreja de Deus, assim como as grandes perseguições aos cristãos e a submissão de muitos cristãos aos rituais pagãos. Logo, é notável aquilo que no livro do Apocalipse é falado sobre a imolação e adoração aos ídolos que seriam outros Deuses que não o Deus “verdadeiro”, ou Deus de Abraão, Deus de Moises e Deus, pai de Jesus Cristo. Deste modo uma literatura que abarcasse – ou ao menos tentasse abarcar – este estado de coisas seria algo esperado. Como vimos, o Apocalipse canônico foi escrito por volta do século II, momento em que todos estes acontecimentos – incluindo as turbulências (ou o início delas) das grandes migrações - vieram à tona. Em um estado de perseguição seria normal que autores não se identificassem a fim de não levantar

¹⁹³ Ibid., p.271.

¹⁹⁴ Idem, Ibidem, p.271.

¹⁹⁵ Ibid., p.272.

suspeitas, ou até mesmo evitarem a morte e a escravidão. Os cristãos perseguidos e mortos são relatados no Apocalipse como observamos e constantemente referencias e mais referências ao império romano, além da salvação dos perseguidos. E mais ainda: vimos nas cartas que membros das sete Igrejas estavam adorando figuras pagãs, a dizer pela igreja de Esmirna que, tamanha sua corrupção e adoração de “ídolos”, foi caracterizada como “sinagoga de Satanás”. Ora, se houve uma mescla de cristianismo com culturas pagãs e deste modo a adoção de outros ídolos, além de tentativas de restabelecer o paganismo romano, natural a tentativa de descrever esta situação, ainda que em metáfora, da miséria presente; lembrando que neste momento não inicia-se as visões futuras, mas apenas a constatação de um momento extremamente agonizante.

Se os povos germânicos criaram seu mito de destruição e apocalipse presente e esta ideia perdurou por séculos a ponto de fazer parte das ideias de Richard Wagner e Hilter, no universo cristão algo poderia facilmente acontecer. O Livro do Apocalipse pode ter sido também uma tentativa de descrever o morticínio de cristãos e depois a busca de justiça e redenção, ou justificando em um formato místico o sofrimento dos cristãos e a necessidade deles passarem por tais tribulações a fim de “salvarem suas almas”. Se havia uma mescla constante de cultura cristã com pagãs, logo a própria escrita do Apocalipse pode estar recheada de simbolismo pagão, dúvida que foi levantada, como notamos, pelo próprio Norman Cohn. Eric Voegelin também notou tais influencias pagãs, ainda que o cristianismo buscasse uma unidade e até uma harmonia com estas ideias através do “perdão”. Muito disto influenciou Santo Agostinho.

A influência foi tamanha em Agostinho, até mesmo quando nos colocamos diante de seu pensamento sobre as especulações sobre o milênio, que ele escreve em seu Livro *Civitas Dei*. Suas ideias iam de encontro com as de Ticônio, que, segundo Voegelin, consistia de que existia uma Igreja verdadeira e que nelas estariam, basicamente, sujeitos de maior envergadura espiritual, porém nem todos seriam escolhidos. Logo, dentro desta “Igreja Verdadeira” apenas alguns seriam escolhidos e salvos após o período do juízo final¹⁹⁶. Esta Igreja, contendo os escolhidos é que seria a verdadeira “*Civitas Dei*” enquanto uma outra igreja, à que

¹⁹⁶ Ibid., p. 277.

Ticônio chamou de “*Civitas Diaboli*”, ou “*Civitas terrena*” seria a falsa¹⁹⁷, a corrompida. Muitos detalhes e discussões permeiam a ideia de Ticônio descrita por Voegelin, porém o mais importante é ressaltar que essa “verdadeira Igreja” será a que possui os escolhidos, iluminados, aqueles realmente dignos de adentrar no reino de Deus e serem salvos ao final. Essa ideia terá repercussões na história das ideias políticas como veremos mais à frente.

Santo Agostinho, diante destas ideias, defende, em suma, que não haveria divisões da igreja, porque, segundo analisa Voegelin:

[A] história corre em dois planos: é a história sagrada da humanidade expressa nas seis eras simbólicas, e é a história das almas boas e más, a começar pelo Reino de Deus no estado dos anjos, passando pela queda dos anjos, a separação entre as almas humanas boas e más, e terminando com o reino das almas justas com Cristo no fim do mundo depois de as almas más serem condenadas ao castigo eterno.¹⁹⁸

Deste modo, Voegelin disserta que para Santo Agostinho nem a “igreja verdadeira” nem a “Igreja falsa” ou “Igreja terrena” podem ser definidas como instituições que descrevem os acontecimentos históricos, tão pouco buscar uma unidade daqueles que serão salvos. Agostinho defende a Igreja unificada e sacramental, portanto, esta mesma igreja “terrena” não é a *Civitas Dei*, mas a sua “representante militante na Terra e na História”¹⁹⁹. Este foi o primeiro ponto de embate com agostinho e aqueles que especulavam sobre o apocalipse.

Se houve especulações dos que seriam salvos, normal que surgiram outras sobre como seria o “novo e eterno reino” e como seria a vida dentro da nova Jerusalém também foi alvo de debates. Um destes, como descreveu Jean Delumeau, foi, a grosso modo, o “cotidiano” no paraíso. Os debates giraram em torno dos prazeres e dos pecados humanos. Ao menos tempo em que tinham como certo um reino sem males e pecados, defendiam que seria um reino eterno de delícias e de prazeres carnis intermináveis, ou seja, algo nitidamente paradoxal, para dizer o mínimo. Esta ideia também veio, segundo Delumeau, de Ticônio²⁰⁰ e não agradou a Santo Agostinho. Delumeau aponta que Agostinho abominou tal ideia

¹⁹⁷ Ibid., p.278.

¹⁹⁸ Idem, Ibidem, p.278.

¹⁹⁹ Ibid., p.279.

²⁰⁰ DELUMEAU, op. cit., p.30.

porque achava um absurdo um reino de destruição dos pecados, incluindo os carnisais, serem um eterno paraíso de prazeres e delicias carnisais. Neste ponto, Agostinho, segundo Delumeau, tinha tendências de concordar com ideias milenaristas, mas por fim abominou tais ideias e se coloca contra as especulações do futuro império de mil anos. Por fim, com a influência de Agostinho, o milenarismo é marginalizado e as consequências disto foram desde o ocultamento de livros possivelmente com visões reveladores – o que pode ser explicado o porquê o Apocalipse de João foi o único que está nos cânones da Bíblia – e escritos que investigavam o possível fim dos tempos, como também injurias e conflitos que Agostinho teve com membros da própria Igreja²⁰¹.

As especulações sobre o novo *milenium* podem ter sido cessadas – ao menos durante um vasto período –, mas não morreram completamente. No final do século XII e início do século XIII, as discussões sobre a vinda do milênio e daqueles eleitos para fazerem parte do eterno reino voltaram à tona e desta vez com fortes repercussões na história. Enquanto Santo Agostinho, como observamos, havia “demonizado” as investigações sobre o Apocalipse e quando ele iria acontecer, outros sujeitos, como Joaquin de Fiore, trouxeram novas teorias a respeito das eras do mundo e da estrutura temporal de acordo com os princípios bíblicos e monásticos.

Joaquin de Fiore nasceu no ano de 1135 na Calábria. Era de filho de notário, função que também foi exercida por Fiore na corte de Palermo. Durante um tempo de sua vida, abandonou a vida mundana e foi até lugares santos, algo que o influenciou de tal maneira que em 1177 tornou-se monge cisterciense. Porém, anos depois, rompeu com a ordem e fundou o convento de São João de Fiore²⁰². Sua vida foi marcada por várias obras, dentre elas temos *Concordia Novi et Veteris Testamenti*, *Expositio in Apocalypsim*, *Tractatus super quatuor Evangelia* e *Psalterium decem chordarum*. Foram importantes obras que sempre se relacionaram aos escritos bíblicos e assuntos teológicos. Mesmo fundando um convento e muitos mosteiros, após sua morte em 1202, aderirem à sua “ordem”, não foi considerado um santo pela Igreja. Contudo, ao longo de sua carreira, desfrutou de uma

²⁰¹ Ibid., p. 30-31.

²⁰² Ibid., p.40.

reputação de santo devido a sua personalidade piedosa, de austeridade e de grande caridade.

Fiore fez grandes críticas à igreja, principalmente aos monges cistercienses. Mas ainda colocava a Igreja de Roma como a mãe e rainha soberana²⁰³. Ainda assim, rompeu com a ordem *Cister* e buscou um ideal monástico que havia sido proposto por São Bento. Fiore passou a acreditar que a vida monástica era o ideal a ser seguido, principalmente porque vivia em um estado de contemplação, silêncio e meditação, condição que o abade afirmava ser perfeita para escutar, no interior de cada um, a palavra de Deus²⁰⁴. Tudo isto será de suma importância para a formação de suas ideias mesmo porque, para Fiore, os monges seriam aqueles que vão para além das escrituras e transcendem os sacramentos da Igreja visível, além destes serem os que realmente buscam uma vida angelical, abandonando a vida mundana, renunciando os bens terrestres e por fim, o mais importante, passam a viver em um estado de contemplação e buscam a pureza de coração.²⁰⁵

Se os monges, tal como Joaquim descreve, são aqueles que possuem o mais alto nível espiritual e, *ipso facto*, a supra inteligência humana, logo são aqueles que têm e terão o acesso ao *logos* divino. Mas esta “revelação” tem origem de uma lógica que não foi fundamentada e própria de Fiore. Tal lógica consiste na ideia das “três eras” ou fases, ou três reinos relacionados as três pessoas da trindade²⁰⁶ em ordem progressiva: a era do pai que abarca de Adão à Jesus Cristo, a era do filho, de Jesus Cristo até os anos de 1200 e ao final a era do espírito, dos anos de 1200 até o juízo final. Segundo Eric Vogelín, um predecessor das ideias de Fiore, e por coincidência fundamentou no ano de nascimento deste, ou seja, em 1135, foi Anselmo de Havelberg através de sua obra “*Liber de una forma credendi et multiformitate vivendi*”²⁰⁷, em que o autor defende que cada época é caracterizada por um “progresso espiritual”²⁰⁸ e na busca da verdade, ou ao menos o

²⁰³ Ibid., p.41.

²⁰⁴ Ibid., p.41.

²⁰⁵ Ibid., p.41.

²⁰⁶ As explicações sobre a “Trindade” e os fundamentos teológicos e filosóficos a cerca desta transcendem os objetivos deste presente trabalho. A fim de entender os aspectos milenaristas dos regimes totalitários que continuaremos mais a frente, limito-me apenas descrever, baseado em autores que estudaram sobre o Joaquim de Fiore, do que se trata as ideias que ele defendia.

²⁰⁷ Tradução literal direta do latim: *Uma forma dos livres e a crença de muitos campos diferentes da vida*

²⁰⁸ VOEGELIN, op. cit., p.147

entendimento dela, já que o *logos divino* será revelado. Então caberá a inteligência suprema dos monges a correta interpretação. Segundo aponta Voegelin, Havelberg acreditava que existia um progresso da graça espiritual até chegar ao ponto da “realização plena”, momento que será a última idade do espírito, circunstancia mesma que ocorrerá a revelação divina²⁰⁹. Ora, característica do espírito estará presente em boa parte dos filósofos modernos, como apresenta Henri de Lubac em sua obra “*La Posteridad espiritual de Joaquin de Fiore*” e o próprio Voegelin aponta que será muito presente principalmente em Hegel, de modo que seria uma das filosofias que especula sobre o terceiro reino, ou seja, o reino do espírito e como o homem deve fazer para alcançar o espírito universal.

Como vimos, esta característica está presente em Joaquim de Fiore, mas ele a inova de uma forma mais inteligente e lógica. Segundo Delumeau, Joaquin fundamenta que a primeira idade corresponde a era do Pai que vai dos leigos até o “casamento”, a segunda estará sobre a *ordo clericorum*, que vivem entre o material e o espiritual, e ao fim a terceira em que promoverá a ordem dos monges, porque será uma era de pura contemplação, logo voltada para aqueles que possuem o “dom” da contemplação que são os próprios monges²¹⁰. Delumeau disserta que, baseando-se nas palavras de Fiore, um “desenvolvimento progressivo da história da salvação”²¹¹, de modo a compor um desenvolvimento lógico da história bíblica, ou seja, uma sequência inteligente do Antigo e Novo Testamento até o Apocalipse. A ideia que Delumeau descreve de Fiore é semelhante ao apontado por Voegelin já que ambos mostram que o abade calabrês defendia uma ordem progressiva da *trindade*. Mas Voegelin acrescenta que em cada *era* ocorre um despertar, ou seja, o final de cada era (ou idade) é o início da nova, como assemelha-se a dialética hegeliana. Tal lógica é explicado por Delumeau que em cada era, cotem a inteligência espiritual que quando elevada, ou seja, quando ela “evolui”, ela abre a porta para a nova era e depois este espírito será a forma da nova era. Assim é explícito a observação feita por Henri de Lubac que, segundo observa o autor, o Fiore “levou o esquema trinitário da história até as consequências mais lógicas”²¹².

²⁰⁹ Ibid., p.147.

²¹⁰ DELUMEAU, op. cit., p.42.

²¹¹ Ibid., p.42.

²¹² LUBAC, Henri de. *La posteridade Espiritual de Joaquín de Fiore. De Joaquín a Schelling*. Madrid: Encuentro, 2011, p. 29.

Assim, notamos que, segundo Fiore, o tempo em que vivia seria o despontar da terceira era. O motivo é porque o curso da história trinitária de Fiore consiste que a era do pai possui 21 gerações que vai de Adão até Abraão. A era do filho, Delumeau descreve como apogeu ou *frutificatio*, correspondendo de Uzias até Zacarias e por fim, a última era, denominada *consumatio*, iniciado por São Bento e irá até o retorno de Elias. Segundo Voegelin, o início do terceiro reino, ou seja, o final do segundo, corresponde ao período em que Fiore está inserido, levando em conta os seus cálculos e a circunstância existencial dele, ele seria o profeta e o intelectual que anunciará o “Terceiro Reino”²¹³. Anunciado a terceira era, Joaquim afirma que o novo reino será iniciado por um novo líder em que o mesmo será o fundador da era do espírito²¹⁴.

Adentrado a era do espírito, Fiore acredita numa era em que todos os sofrimentos, dores, tristezas e pesares serão abolidos, assim como o pecado. Será, como mostra Delumeau, o “*sabbath* eterno”²¹⁵, caracterizando um período de eterna felicidade e contemplação; e esta felicidade e contemplação será puramente espiritual. Disto surge um agravante: se a felicidade e contemplação será puramente espiritual, o lugar da Igreja terá seu fim, porque, segundo Voegelin, No “Terceiro Reino”, a inexistência da igreja se dará devido ao alcance dos dons carismáticos dos homens que alcançará um alto nível espiritual de modo que a Igreja não será mais necessária para a administração dos sacramentos²¹⁶. A lógica por trás disto está naquilo que o Apocalipse descreve como a vinda do “quinto evangelho”, ou o “Evangelho eterno” que está no Apocalipse, capítulo 4, versículo 23. A revelação deste evangelho apresenta vários problemas, mas apontaremos apenas alguns.

O evangelho eterno tal como foi apresentado no apocalipse é anunciado pelo anjo, como a escritura do novo reino dos céus. Tal escritura, de acordo com a narrativa bíblica cristã, será apresentada para todos os que foram salvos e se converteram a tempo durante os eventos do juízo final. Deste modo, após a vinda da “Jerusalém celeste”, o evangelho ficará no centro desta nova cidade, sendo o guia do novo reino e, mais ainda, será o acontecimento que precederá a revelação do verdadeiro nome de Deus, ou seja, a revelação de toda a verdade aos olhos destes

²¹³ VOEGELIN, op. cit., p.148-149.

²¹⁴ Ibid., p. 149.

²¹⁵ DELUMEAU, op. cit., p.43.

²¹⁶ VOEGELIN, op. cit., p.154.

novos cidadãos. Porém, com Fiore ocorre um desvio: segundo os autores aqui tratados e que estudaram a teologia de Fiore, a última era será revelada apenas àqueles que possuem o dom contemplativo, logo, por uma “elite religiosa”²¹⁷. Se os monges são os únicos capazes de trazer a nova era, desprezando os bens, o mundano e os únicos com inteligência espiritual elevada e eles anunciarão o novo líder, então apenas aqueles devotos a vida monásticas serão os “cidadãos” do novo reino. E se eles são os que irão trazer a vinda do reino do espírito, portanto os percussores do terceiro reino, a figura de Cristo é, como assinala Voegelin, *descartada*, porque, nas próprias palavras do autor, “O terceiro Reino, não como um Sabbath eterno, mas como a idade que segue à *dispensação* do filho”²¹⁸ [grifo meu]. Delumeau segue a mesma perspectiva do Eric Voegelin ao notar que a “figura de Jesus Cristo se vê relativizada”²¹⁹. Logo, se a ideia do apocalipse é salvação em Jesus Cristo, a crença de Seu retorno e, ao fim, o paraíso eterno ao lado de Deus e a revelação da verdade a todos que foram salvos, com Fiore esta ideia cai por terra e o que sobra são apenas os espiritualmente eleitos e a revelação do evangelho eterno será exclusivo de uma elite que se considera eleita. Enquanto Delumeau foi mais ameno em sua observação, Voegelin, mesmo já sendo duro em sua análise, ainda aprofunda sua crítica e diz que, levando em conta que a revelação será para um grupo restrito, “a evocação de Joaquim pode originar uma seita, mas não um povo”²²⁰.

Outro problema que podemos apontar é que, após a vinda do Terceiro Reino por contemplação dos homens superiores em espírito, a única religião que será aceita é a “religião monástica” e somente ela fará reinar a paz no mundo²²¹. Logo, o “Evangelho Eterno revelado” será aquele que compõe a nova era. E se apenas a elite terá a revelação do evangelho e esta é quem trouxe o novo reino, então o evangelho somente será correspondido à aquilo que os monges contemplaram, visto que eles já teriam trazido à tona a “nova Jerusalém”. Portanto, eles já sabem de antemão a substância do quinto evangelho visto que o novo reino será composto dele. Logo, a revelação que seria feita pelo anjo, como narrado no Apocalipse, será realizada pelos líderes religiosos eleitos e a mais ninguém. Ora, temos uma

²¹⁷ Ibid., p.154.

²¹⁸ Ibid., p.148.

²¹⁹ DELUMEAU, op. cit., p.48.

²²⁰ VOEGELIN, op. cit., p.155.

²²¹ DELUMEAU, op. cit., p.43.

confusão de acordo com as ideias de Fiore: se eles que receberão a revelação, quem daria esta revelação a eles? Uma resposta possível seria o próprio Deus. Mas, se houve a dispensação, ou relativização de Jesus Cristo, assim como o próprio Deus na transição da primeira era para a segunda, então quem de fato os revelaria o evangelho eterno? Então seria eles mesmo os reveladores deste evangelho já que estão em estado de elevado espírito e contemplação; e serão os preparadores para um novo líder que não está explicitado quem de fato será. Portanto, o quinto e eterno evangelho seria um dos fundamentos da nova era monástica que eles mesmos revelariam a si mesmos. Assim, partindo dos fundamentos desta ordem, observamos uma criação de um possível falso evangelho. Logo, se a verdade universal e absoluta seria revelada por Deus, uma “outra verdade” agora é revelada pelos próprios monges em seu estado de meditação e através disto será criado o líder futuro, e não mais o retorno do “verdadeiro Rei” e seu trono eterno, quebrando a “Eterna Aliança” que estava nas promessas do evangelho. O círculo é fechado, no que o Eric Voegelin caracteriza ao longo de todas suas obras, no estado “intramundano” ainda que a ideia fosse de transcender o espírito. Se o círculo foi fechado no intramundano, ou seja, no espírito dos homens em que o erro é inevitável, o que garante que o “novo e eterno evangelho” não seja o novo livro das mentiras ou então dos erros que desembocaria nos totalitarismos do século XX?

Diante disto, tendo como base as investigações dos autores aqui citados, Fiore, que se baseia no livro do apocalipse, comete alguns equívocos. Por exemplo, enquanto no apocalipse homens escolhidos para o reino eterno de Deus, *até mesmo os sábios*, perecem nos cataclismos anunciados, além de serem imolados, para Fiore os sábios passam por poucos distúrbios, mas ainda sim recebem a revelação devido a seu alto grau espiritual. Um equívoco é que, colocando homem como a chave para a vinda da nova era, ele tira o protagonismo de Jesus Cristo, de Deus e dos anjos no combate ao mal – na batalha de Harmagedôn - , além de tirar a essência de Jesus Cristo como real salvador e futuro Rei dos reis e da nova Jerusalém, distorcendo então o que a narrativa bíblica traz, e coloca a essência salvadora nos homens de grande sabedoria e que “obtiveram a revelação”. Pior ainda: substitui Cristo como rei eterno, por um *dux*²²² eleito pela nova elite

²²² Na tradução do Latim ficaria como Duque. Mas no sentido aqui seria um “Líder” com características messiânicas.

monástica. Concluindo, Fiore, na tentativa de fundamentar o seu lugar e de seu grupo na estrutura de uma nova era, ele deu base – não teleológica, claro – para a construção da figura de uma personalidade messiânica mundana e salvadora, além de fornecer substância suficiente para formalizar um novo reino mundano e secular. Se ele queria uma fuga do mundano e material, suas ideias aparentemente seguiram um caminho oposto.

Fiore inverte em 180 graus aquilo que está nos escritos bíblicos: troca o protagonismo de Cristo, dos anjos e Deus, pelo protagonismo dos homens e “sábios”. Troca a essência messiânica e “monárquica” de Jesus Cristo, algo que na Bíblia e nas crenças religiosas cristãs é nitidamente inevitável de acordo com os profetas e a revelação de João, pela essência messiânica de homens de superior inteligência e espírito e, por fim, mais importante, a revelação que seria dada por Deus para todos os que estão presente na nova Jerusalém, agora será dado pelos monges, visto que a figura de Deus foi descartada. Então, a revelação do evangelho eterno será, em suma, a personificação das ideias monásticas e a verdade será revelada, não pela revelação do nome verdadeiro de Deus, mas pelas palavras desta nova elite religiosa. Apenas um grupo terá toda a verdade em suas mãos, já que Deus foi descartado de sua missão como criador e revelador de toda a verdade. Portanto, se seria apenas Deus o revelador, agora são os monges e assim podemos concluir que eles – os “eleitos” – colocam-se numa posição de “deuses”. Enfim, se o Apocalipse, assim como os fundamentos cristãos, condenava, do início ao fim, o culto aos “ídolos”, ou seja, o culto aos vários deuses, Fiore com sua “inovação” retorna o culto aos ídolos e, mais ainda, o paganismo politeísta.

Ora, como vimos com Vladimir Tismaneanu, os regimes totalitários precederam de “revelações”. O Nacional-Socialismo revelou no devido tempo a figura do seu líder e aquele guiará a Alemanha para a eterna glória. No caso do comunismo, a História foi o revelador da verdade absoluta para o proletariado, mas que depois concentrou-se na figura de Lenin e, após 1924, na figura de Stalin como os novos *dux* que levariam a glória eterna da classe trabalhadora. A forma que Fiore propôs é mesma, ainda que alguns detalhes tenham mudado. E se apenas homens de espírito elevado poderiam adentrar neste novo reino, logo, um “novo homem”, nos “paraísos totalitários” – lembrando que Vladimir Tismaneanu sempre enfatizava que

estes regimes buscavam formar “um novo homem” que seja aceito no “novo mundo revelado”.

É notório, como vimos tanto em Tismaneanu, como com Richard Overy, o culto à personalidade. Se, como dissertamos, o Fiore abriu espaço para também cultuar “ídolos” que não o Deus cristão que ele se baseou para dissertar em suas teses, os regimes totalitários foram extremamente marcados pelo culto à personalidade de seus ditadores. Uma propaganda maciça, carregada de toda uma simbologia que girava sempre em torno da figura e da personalidade dos líderes totalitários, a ponto de as massas sempre clamarem por suas lideranças, ainda que as atrocidades de cada líder fossem vistas diante dos olhos de todos. Não se sabe se Hitler, Lenin e Stalin tiveram contato com as obras de Fiore, mas as ideias deles estão muito claras quando narramos a história de tais regimes e os caminhos traçadas por cada um na ânsia estabelecer suas ditaduras.

As consequências para a história foram vastas e não se restringiram aos totalitarismos do século XX. Trataremos apenas algumas aqui, de forma breve. Um exemplo, como mostra Eric Voegelin, foi a criação da ordem dos franciscanos que, assim como Fiore, atacou as instituições mundanas até então estabelecidas: famílias, propriedades, igrejas, além de todos os vícios do mundo, como o pecado²²³.

Segundo Voegelin, a ordem fundada por São Francisco de Assis era cheia de contradições. Ao mesmo tempo que buscava uma conformidade em Cristo, fazendo um voto de pobreza, abstendo-se dos bens materiais – como Fiore fundamentou – pregava ódio aos membros da família a fim de que todos abarcassem no espírito de Cristo²²⁴. Ao mesmo tempo em que era contra as instituições de seu tempo, louvava a Igreja. Ainda que buscasse uma perfeição da alma, de humildade e pacifismo, revoltou-se contra o sistema feudal, incluindo o camponês. Suas revoltas tornaram-se, assim, movimentos revolucionários e, como aponta Eric Voegelin, adotou uma forma sectária que entrou em atrito com a Igreja.²²⁵

Mas o fato mais notório da ordem franciscana está na sua apropriação da figura de Cristo. São Francisco busca Jesus Cristo, não em sua figura de salvação e

²²³ VOEGELIN, op. cit., p.158.

²²⁴ Ibid., p.160.

²²⁵ Ibid., p.161.

de que, apenas em Cristo, a humanidade seria salva. Como disserta Eric Voegelin, Francisco busca a pobreza na figura de Cristo²²⁶, de modo a deixar entender que a missão de Cristo não se encontra na salvação, mas apenas no voto de pobreza, que seria apenas um dos aspectos Dele, tornando, na visão de Assis, a pobreza como a estrutura necessária para adentrar ao reino dos céus. Deste modo São Francisco cai na mesma situação que Fiore: na busca de transcender o espírito, caiu no “intramundano”, visto que, como aponta Voegelin, “São Francisco tinha conformado a imagem de Cristo às possibilidades humanas”²²⁷ e a consequência disto foi que Cristo deixou de ser a cabeça do “Corpo Místico” do mundo e tornou-se apenas um símbolo que dá um caráter privilegiado para aqueles que buscam, como São Francisco de Assis, a pobreza em Cristo. Vemos novamente a figura de Cristo descartada. Eric Voegelin concluiu de forma crítica e pessimista que:

A evocação de São Francisco foi o sintoma mais impressionante do processo em que o *sacrum imperium*, se desintegrou. Enquanto o Santo atingia o clímax de sua conformidade com Cristo ao receber estigmas, erguia-se a estrela do imperador Frederico II – que era considerado o Anticristo, porque pela primeira vez, desde a Antiguidade, incorporou a lei de Deus em sua pessoa – e estabelecia mais uma vez o dirigente como o *nomos empsychos*, fora da ordem carismática do corpo místico.²²⁸

As consequências não cessaram apenas em grupos. Jean Delumeau aponta que as ideias de Fiore passaram a ser partes de movimentos de massa, assim como aponta Voegelin no tocante as ideias de São Francisco de Assis. Não obstante, Voegelin e Norman Cohn, em semelhante análise, nos apresenta que estas ideias romperam com a estrutura proposta por Santo Agostinho, tomando forma de movimentos de massa de maneira que influenciou substancialmente a reforma protestante²²⁹.

Os movimentos revolucionários milenaristas tomaram forma de forma mais explícita a partir dos anos de 1260 pouco tempo depois que Fiore formulou suas

²²⁶ Ibid., p.164.

²²⁷ Ibid., p.165.

²²⁸ Ibid., p.166.

²²⁹ COHN, Norman. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da idade média*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

ideias e as primeiras consequências vieram à tona. De acordo com Norman Cohn, movimentos de massas milenaristas surgiram na Itália como movimentos “flagelantes”²³⁰ mas que no local não perdurou por muito tempo, ainda que o espírito desta revolução tenha perdurado nos Alpes e na Alemanha. Tal movimento deu origem, segundo Cohn, à uma grande fome que se estabeleceu na região da Itália de Guelfa, em 1259. Agitações, catástrofes e fome eram elementos do pré apocalipse que precediam o juízo final como foi formulado por Joaquin de Fiore e que em breve deveria se cumprir²³¹.

Mais ainda, nos anos seguintes, por volta de 1348 e 1349, uma grande peste, chamada “Peste Bubônica” contaminou toda a Europa ceifando um terço das vidas do continente. Tal aspecto pode ter sido interpretado como um sinal explícito do fim dos tempos, já que, como vimos no Apocalipse, um terço dos homens teriam suas vidas ceifadas, tanto por catástrofes quanto por morte de um dos cavaleiros. Devido a este possível “anuncio” do juízo final, Cohn disserta que foi acrescentado um parágrafo à “Carta celeste”²³². Em suma, a carta movimentou toda a Europa, passando da Alemanha para outros países. De grupos de 50 pessoas até 2500 pessoas iniciaram as agitações revolucionárias por toda a Europa, cercando cidades, acampando ao redor delas, fazendo acusações e denúncias de heresias, principalmente nas regiões da Baviera, a partir do século XIV, e indulgências. No mesmo período, a inquisição tornou-se cada vez mais rigorosa, voltando acusações de heresias para os revolucionários.

O assunto e os detalhes das revoluções são demasiados extensos e transcende os objetivos deste presente trabalho. Mas para resumir, todas estas agitações culminarão na reforma protestante e as inúmeras tentativas de romper com a Igreja Católica romana²³³. As guildas, a partir de 1419, passaram a ter grande força após as insurreições revolucionárias. Uma de suas ações eram expropriar terras de católicos e exigir o fim de seus privilégios²³⁴. No campesinato as consequências variavam muito que iriam desde a redução de salários até fome e desespero por parte do extrato mais baixo da sociedade. O radicalismo que já era

²³⁰ Ibid., p.107.

²³¹ Ibid., p.106.

²³² Ibid., p.109.

²³³ Ibid., p.172.

²³⁴ Ibid., p.173.

presente nas altas esferas da sociedade, agora faz parte do campesinato. Segundo Norman Cohn:

O radicalismo também encontrou maciço por parte do campesinato. A maior parte da população rural tinha durante muito tempo dependido dos senhores eclesiásticos ou leigos, que detinham a terra. Porém, graças grandemente ao sistema de ocupação da terra introduzido pelos colonos alemães e desenvolvido entre o campesinato checo, a dependência do camponês em relação ao seu senhor não era absoluta. Rendas e impostos eram fixados com precisão, os arrendamentos eram hereditários e por isso proporcionava muita segurança e até por vezes os arrendamentos podiam ser vendidos pelos caseiros de tal sorte que muitos camponeses gozavam de uma certa liberdade de movimento. O incremento do poder real no século XIV ainda impediu mais a exploração do povo pela nobreza; em 1356 uma lei veio dar aos camponeses direito de processarem os seus senhores nos tribunais territoriais. Os nobres protestaram contra as restrições e no início do século XV foi feito um esforço para destituir os camponeses dos seus direitos tradicionais e força-los a uma posição de dependência total. Através da manipulação da lei muitos camponeses foram perdendo gradualmente o direito de legar os campos aos herdeiros, enquanto iam ficando cada vez mais agarrados ao solo e seus impostos e serviços se agravavam. Parece que por ocasião do levantamento hussita o campesinato boêmio estava ciente de que sua posição estava ameaçada. Além disso, na província, também havia uma camada que nada tinha a perder: lavradores sem-terra, trabalhadores das quintas e muitos elementos daquela população extraditória que não tinha lugar nem nas cidades nem nos campos. Toda esta gente estava mais disponível para apoiar qualquer movimento que propusesse trazer algum socorro e alívio.²³⁵

Diante desta descrição, Cohn deu a forma de muitos movimentos revolucionários e de massa presentes até hoje. A revolução russa, em 1917, deu-se através do apoio de ferozes camponeses insatisfeitos com os Czares, além de clamarem “por mais pão” devido à forte fome que assolou o país no início do século XX; isto prova o que os movimentos revolucionários e totalitários dependeram do apoio das massas para chegar ao poder. No caso dos finais da era medieval, principalmente nos finais dos anos de 1400, revoltas e perseguições foram

²³⁵ Ibid., p.174.

realizadas. Católicos foram perseguidos, sujeitos considerados hereges queimados, enforcamentos, além da perseguição de cientistas que discordavam das ideias dominantes, algo bem conhecido nos dias de hoje²³⁶. Tudo isto abalou as estruturas da idade média e deram os primeiros passos para a era moderna, o fim da hegemonia católica e ascensão dos Estados nacionais modernos e a busca pela construção de um império dos homens.

Porém, a modernidade trouxe consigo uma semente que, no século XX, iria florescer: o vazio espiritual. Se na alta idade média os céus e a terra cantavam para a glória do Senhor Deus e Jesus Cristo, de modo que o espírito humana voltava para a grandeza da eternidade, sendo este sentimento muito bem expressado nas artes, na arquitetura, na filosofia, nos casamentos, etc, na baixa idade média, principalmente a partir dos anos de 1400 tudo passa a tornar-se vazio, fechando o transcendente e mundanizando tudo, estabelecendo uma nova era “intramundana”. No clássico, “Outono da Idade Média”, do historiador Johan Huizinga, o autor descreve que até o sentido das vestimentas caíram no mero formalismo e na beleza por si mesma, ou seja, perderam seu sentido que transcendia as aparências²³⁷. Se as roupas contavam toda a história do sujeito, além de sua linhagem e sua função, agora a diferença entre um mercador e um nobre estava no fato de que o mercador se dirigia ao porto com um livro de contas na mão, enquanto o nobre dirigia-se até os palácios da realeza com algum livro de romance, ou história de outros reis.

Nas condenações por crimes, enquanto havia sinceridade nos corações das pessoas simples que clamavam por perdão ao condenado - que, na visão deles, havia sido seduzido pelo pecado -, um teatro por trás dos juízes e nobres tinham apenas por finalidade um “entretencimento” ou apenas agradar as massas e tirar algum proveito. Descrito por Huizinga, um casal havia sido pego roubando e por isto foi condenado a morte. A população local, que assistia em prantos, clamava por

²³⁶ Aqui cabe fazer uma breve observação: as perseguições religiosas sobre os cientistas, além de alquimistas, químicos, etc, são cheias de controvérsias e muitos documentos vieram à tona a partir da década de 1950 mostrando que as perseguições não foram tão severas quanto foi contada. Apenas refiro-me à esta perseguição porque na atual ciência histórica é conhecida tais perseguições, e as utilizo apenas para explicar e dar base ao argumento que, a partir dos anos de 1300, uma forte onda de perseguições em vários aspectos – religiosos e científicos – geraram mais e mais revoltas, mortes e desilusões. Não pretendo neste presente trabalho discutir sobre as perseguições da inquisição e seus desdobramentos. Tal discussão transcende e muito os objetivos aqui propostos, além de ser um debate que aqui é extremamente desnecessário e apenas seria de utilidade, na melhor das hipóteses, para exemplificar o estado caótico que tornou-se a baixa idade média.

²³⁷ HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosacnaify, 2010 p.419-420.

perdão. O clamor foi atendido, porém não havia qualquer sinceridade no juiz que absolvía os condenados de modo orientar o carrasco que escondesse os condenados a fim de que reaparecessem depois num possível ato de libertação e perdão²³⁸.

Tudo se tornou pueril e meramente teatral, mesmo as lágrimas dos padres que escorriam devido ao amor pela criação e das coisas que Deus deu vida, agora eram, muitas vezes, meros exageros, sem o mínimo de sentido para com rios de lagrimas que eram derramados, realizando sinais de devoção espiritual excessivo, passando do exagero, do ridículo e culmina no pueril²³⁹.

Estas e outras foram uma das consequências para a história das especulações do novo milênio que estava por vim nas supostas “profecias”. Poderíamos, seguindo uma linearidade histórica, descrever e narrar outros acontecimentos que possuem, em boa parte, origem não apenas no *fiorismo*, mas em outras correntes. No século XX é notório que muitas destas características tornaram presentes, mas reforço: não perduraram de modo a ser uma força teleológica, mas que muitas ideias se assemelham às aqui narradas sobre a especulação do novo milênio. O século XX foi a era em que estas ideias foram colocadas em práticas no seu nível mais extremo, porque, se assim como nas revoltas do século XIV e XV, gerou perseguições, mortes desilusão, assim como alto nível pueril das ações humanas. Vimos também um verdadeiro mar de sangue, além do que, se tudo tornou-se propaganda e manipulação, as artes, a poesia, a filosofia, a música e outras ações humanas, são aspectos e notas de rodapé desta propaganda e a busca deste milênio que até hoje parece que não chegamos nem um pouco perto.

Os regimes totalitários usaram e abusaram de ideias que possuíam a mesma forma dos revolucionários milenaristas. A personalidade dos líderes totalitários assemelhou-se aos monges espirituais em mesmo teor de sabedoria, assim como a vinda da “Jerusalém” celeste seriam apenas nas mãos destes sujeitos iluminados, que no século XX ora personificava-se na figura de um líder, ora de um partido ou classe. No mundo contemporâneo o terror das revoltas, assim como o uso das matanças para instrumento de revolução, foi forte arma contra o então *status quo* de

²³⁸ Ibid., p.313.

²³⁹ Ibid., p.314-315.

modo a atomizar a massa que eles utilizavam para chegar ao poder. O terrorismo foi um dos fortes mecanismos para que uma “elite” trouxesse à tona o tão sonhado universo de eterna felicidade, mas o preço disto foi um destino pior do que a morte para milhões de seres humanos.

2.3

A construção da utopia totalitária tinha um preço a se pagar: aqueles que não aderirem à nova estrutura de pensamento e não “colaborarem” para a vinda da “Nova Era”, deveriam ser excluídos e eliminados para que não sejam empecilhos e ervas daninhas no “novo paraíso”. Se o terror e revoltas fizeram parte da busca do novo milênio nos séculos das catedrais, na era dos totalitarismos não seria deferente. Tismaneanu, no seu livro “Diabo na História”, disserta que os regimes totalitários, na ânsia de trazer à tona o seu paraíso na terra, utilizaram-se do poder revolucionários, ou seja, de sempre caminhar à frente e se modelar e adequar-se de acordo com as necessidades históricas, para o modelo soviético, e imperiais e biológicas, para os nazistas, de modo que, através de critérios de igualdade, fé e *status* criavam um “mito político”²⁴⁰ causando, *ipso facto*, um sentimento religioso e coletivo na mente das massas. Assim, toda a existência das massas tem como fim último da existência os dogmas cristalizados por esta religião, fazendo com que as ações, forças, sentimentos, busca por objetivos, etc., em um novo universo de uma imaginação social como vimos com Baczko. Este novo corpo de ideias, segundo Tismaneanu, legitima, em grande substância, os regimes totalitários, danado coerção e consentimento para quaisquer que sejam as ações destes governos de poder total, assim como davam energia e sentido para estes regimes²⁴¹.

Mas até aqui não é necessário o terror; a propaganda faz cumprir muito bem esta função. O terror então entra quando os resistentes a este novo *cosmion* de crenças e ideias tornam-se inimigos potenciais causando um distúrbio na ordem então estabelecida. Munida do consentimento das massas, os regimes totalitários, a fim de reestabelecerem a ordem, tornaram-se extremamente repressores, terroristas

²⁴⁰ TISMANEANU, op. cit., p.33.

²⁴¹ Ibid., p.34.

e até paternalistas, como aponta Tismaneanu²⁴². Através da propaganda, causava aquilo que Hannah Arendt apontou por “mobilização através da lei de movimento”, ou seja, segundo a autora, o motor da história para os soviéticos era a revelação histórica da verdade, enquanto para os nazistas era o fator biológico, logo, ambas as leis de movimento indicam que forças maiores que qualquer ação humana moveria o desenrolar dos acontecimentos futuros, causando, dentre elas, a escolha dos líderes como vimos, e, mais ainda, como aponta a autora, a “legitimidade totalitária” para “estabelecer diretamente o reino de justiça na terra”²⁴³. Tal afirmação entra em concordância com Tismaneanu quando ele descreve que os regimes totalitários deslocam o indivíduo e o coletivo para “as mobilização e violência de Estado”, fazendo com que as massas sob o novo corpo de ideias justifiquem e apoiem servilmente os genocídios²⁴⁴, perseguições e até ignorem o teatro por trás dos famosos julgamentos de fachada no período stalinista.

Se a “Grande fome” na Ucrânia no inverno de 1932 e 1933 foi um ato de terrorismo de Stalin para os povos que não aderiram ao novo *cosmion* totalitário, o início da própria revolução russa não teria sido diferente. Caracterizado por Niall Ferguson de “epidemia bolchevique”²⁴⁵ os revolucionários russos não pouparam do terror e do assassinato para atingir e justificar sua busca pelo “paraíso na terra”. Segundo o historiador britânico:

[...] o terror tornara-se a pedra angular do governo bolchevique. Uma ordem típica dada por Trotsky prometia que “agitadores escusos, oficiais contrarrevolucionários, sabotadores, *parasitas* e especuladores *serão encarcerados, exceção feita àqueles que serão baleados na cena do crime*” [*Grifos meus*]. A crise do verão de 1918 legitimou o impulso de Lenin de desempenhar o papel de Robespierre, assumindo poderes ditatoriais no espírito “da Revolução Ameaçada”.²⁴⁶

Em seguida, Ferguson mostra, citando as palavras do próprio Lenin, que o único jeito de fazer os camponeses entregarem suas produções eram com

²⁴² Idem, *Ibidem*, p.34.

²⁴³ ARENDT, op. cit., p. 613-614.

²⁴⁴ TISMANEANU, op. cit., p.35.

²⁴⁵ FERGUSON, op. cit., p.231.

²⁴⁶ *Ibid.*, p.35.

execuções exemplares de modo que Lenin, citado pelo autor, pergunta: “Como pode fazer uma revolução sem pelotões de fuzilamento”²⁴⁷.

Mas o terrorismo não parou: durante a execução das mulheres da família dos Tzares, logo após a explosão revolucionária e invasão ao palácio de inverno em outubro de 1917, deu-se por tiros a queima roupa. Porém, segundo descreve Ferguson, as roupas das mulheres dos Tzares escondiam diamantes e pedras preciosas em seu interior, fazendo com que as balas dos soldados ricocheteassem acertando um deles²⁴⁸. Desta maneira, vendo que era arriscado dar tiros, executaram as mulheres com golpes de baioneta na cabeça. Não havia misericórdia e piedade diante o ódio dos revolucionários e suas tentativas de trazer o paraíso na terra.

Overy disserta que, já no período Stalinista, muitas execuções de membros fieis ao partido foram feitas através de julgamentos de fachada, sendo o mais famoso deles, a execução de Bukharin, em março de 1938. Bukharin foi amigo fiel de Stalin nos períodos revolucionários e durante o governo de Stalin, mas mesmo assim, foi morte pela ordem de Stalin em um julgamento de fachada, que era nítido todo o teatro, mas ninguém ousaria jamais questionar²⁴⁹. Além das execuções de membros fieis ao partido, a polícia política NKVD²⁵⁰ e, posteriormente, a KGB²⁵¹, ficaram responsáveis por estabelecer um regime de vigilância total, sendo elas movidas e justificadas pelas denúncias de indivíduos que aderiram à nova “imaginação social”; e tamanha era a força que estas polícias políticas atuavam até mesmo no exterior na busca de contrarrevolucionários.

A KGB e a NKVD atuaram inclusive em solo americana desde os anos de 1920, como mostra o historiador John Earl Haynes, em sua obra “VENONA”²⁵². O historiador aponta que uma rede de contatos foram estabelecidos nos Estados Unidos através do CPUSA (*Communist Party of The United States of America*), fazendo com que agentes e simpatizantes soviéticos chegassem aos mais altos

²⁴⁷ Ibid., p.231.

²⁴⁸ Ibid., p. 232-233.

²⁴⁹ OVERY, op. cit., p. 194-197.

²⁵⁰ Sigla para designar, em russo, *НКВД, Народный комиссариат внутренних дел*. A tradução literal fica: *Comissariado do povo para assuntos internos*.

²⁵¹ Sigla para designar, em russo, *Комитет Государственной Безопасности*. A tradução literal fica: *Comitê de Segurança do Estado*.

²⁵² HAYNES, John Earl; KLEHR, Harvy. *VENONA: Decoding Soviet Espionage in America*. New Heaven: Yale University Press, 1999.

cargos americanos, como por exemplo, descrito pelo autor, Harry Dexter White, que foi secretário do tesouro americano durante o governo Roosevelt²⁵³. Tamanha foi a influência deste agente que em três de janeiro de 1945 a União Soviética solicitou cerca de 6 bilhões de dólares ao governo americano com juros de menos de meio por cento ao ano, quantia que foi não apenas aceita por White como ele ainda cedeu mais 4 bilhões de dólares, totalizando 10 bilhões de dólares, tudo isto à juros de dois por cento ao ano que seriam pagos durante 30 anos. Ocupando a cadeira de secretário do tesouro neste período, a quantia, juntamente com os generosos juros anuais, foi então aprovada pelo presidente Roosevelt²⁵⁴. Se no governo americano a infiltração foi avassaladora, logo nem mesmo o Brasil ficaria de fora. Mauro Abranches escreveu que os agentes soviéticos, através da STB (agência de espionagem Tcheca), mandou agentes para solo brasileiro desde 1954 e tamanha foi a infiltração e interesse dos soviéticos no Brasil que, em nove de janeiro de 1961, em um documento que na época era ultrassecreto, a KGB deixa claro o seu grande interesse e realizar vastas operações no Brasil, em um processo chamado por Abranches de “Grandes operações no Brasil”²⁵⁵. No Brasil, em específico, segundo o autor, não houve perseguições - ao menos até este presente trabalho do autor Abranches - de agentes dissidentes como houve em outros, muito menos inimigos do estado soviético. Mas a rede de informações e contatos, assim como agentes em altos cargos do governo, foi tão vasta quanto houve nos Estados Unidos.

Com contatos por todos os lados e o poder financeiro em suas mãos, os soviéticos trataram de caçar os inimigos dentro do território americano e fora dele. Trotsky foi a primeira vítima, seguido de outros trotskistas e membros do partido suspeitos²⁵⁶. Todos os inimigos eram sempre presos, julgados em julgamentos de fachada, muitas vezes já com a confissão pronta em mãos - como um roteiro de falas para autores de filmes - e, ao fim, executados.

Na Alemanha nazista, Overy também nos mostra que muitos membros do partido nazista foram mortos, mas os julgamentos não havia tamanho aspecto teatral como existia na União Soviética. Assim como Stalin mandou executar meu melhor

²⁵³ Ibid., p. 142-146.

²⁵⁴ Ibid., p.142.

²⁵⁵ KRAENSKI, Mauro Abranches; PETRILÁK, Vladmír. *1964 O Elo perdido: O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista*. Campinas: Vide Editorial, 2017, p. 229.

²⁵⁶ HAYNES, op. cit., p.251-253.

amigo, Hitler, como mostra Overy, também o fez. Se a KGB e NKVD²⁵⁷ era o braço direito do estado soviético, a SS, a AS e GESTAPO também fora de suma importância. Assim como as agências soviéticas, recebiam denúncias dos alemães, tendo como alvo judeus e outros inimigos do estado.

O terror foi uma grande arma na manutenção do *status quo* totalitário, assim como meio de controle social e imposição das ideologias do regime. O que dissertamos acima sobre a justificação de atos terroristas contra aqueles que não aderem ao novo corpo de ideias, pode ser também um dos grandes motivos das revoltas milenaristas no século XIII. Munidos de uma ideia da busca de um paraíso na terra, manipulados por uma propaganda, além de inúmeros outros fatores, os mais torpes e horrendos atos foram praticados e sempre aplaudidos por uma massa de sujeitos. Na cifra de milhões de vidas ceifadas pelo holocausto revolucionário, Hitler, Stalin, Lenin e tantos outros ao longo da história do século XX, além de outras revoluções ao longo da histórica humana, o paraíso na terra não se consumou. O império dos sonhos ficou apenas no universo das possibilidades, mas o império da destruição foi claro, concreto, nítido, presente no tempo histórico, em suma, real.

²⁵⁷ As ações da NKVD e da KGB merecem um estudo muito detalhado e atento. Já existem muitos outros livros que falam sobre estas agências e suas vastas atuações, não apenas na URSS, mas em todos os países do globo. O presente trabalho não visa detalhar as ações destas agências, apenas mencionar suas ações e os meios que os regimes totalitários utilizavam-se do terrorismo.

CONCLUSÃO

Os regimes totalitários, como vimos, não pouparam esforços para atingir seus objetivos, tão pouco pouparam as vidas dos indivíduos – em semelhante ato de imolação - de suas próprias nações para trazer à tona, cada um à sua maneira, a “nova Jerusalém celeste”. Todos, sem exceção, estavam sobre o jugo de seus messias, partidos e agências secretas; ninguém estava a salvo. O sangue era o preço a se pagar para que o reino da justiça e felicidade eterna se tornasse realidade. O sacrifício deveria ser feito, não por aqueles que buscam o novo milênio, mas, como vimos, por uma massa de inocentes.

A matança de sujeitos, como vimos com Niall Ferguson, não foi necessariamente uma consequência das guerras mundiais, nem mesmo das agitações geopolíticas que deflagraram as guerras. O historiador dissertou os atos terroristas contra as mulheres da família dos tzares, além de episódios como o *Holodomor* no inverno de 1932 e 1933 na Ucrânia. Ambos ocorreram sob circunstâncias que estavam longe de guerra, ainda que, no caso da revolução russa em outubro de 1917, os motivos da revolução eram contra a guerra e seu caráter assassino, algo irônico se levarmos em conta a narrativa histórica de como se deu a revolução bolchevique naquele mesmo ano: assassinatos brutais e atos terroristas. Vladimir Tismaneanu caracterizou os regimes totalitários – nazista e comunista – como a apoteose do terror e suas palavras remetem aos acontecimentos que aqui narramos, além de outros que ele talvez tenha presenciado diretamente, visto que o autor é um cientista político e filósofo romeno e viveu no leste europeu na era da União Soviética e essa dominava a Romênia. Se no seu livro “Diabo na História” remete à uma ação demoníaca no século XX, adjetivo que se encaixa bem - tendo em vista todo o terror, ou seja, um dos pilares do totalitarismo tal como vimos com Hannah Arendt, talvez devêssemos analisar se essa “ação demoníaca” surgiu apenas no século XX, ou se ela já existia; e se existia, como surgiu e qual o grau de ação na história.

Se o messianismo foi forte nos totalitarismos do século XX, o tom messiânico pode nos remeter a outros tempos da história humana. Hitler foi o escolhido pela história para guiar o povo alemão, injustiçado pelos povos que não pertenciam ao mundo germânico, à glória eterna e ao império alemão de mil anos. Nos tempos do

império romano, mas em específico nas épocas de sua queda, as grandes migrações dentro do império levaram as tribos germânicas a um estado de desolação e caos completo, semelhante a um estado “apocalíptico”. Se no apocalipse bíblico teríamos a vinda de Cristo Salvador, para as tribos desiludidas e desesperadas seriam a vinda de um “líder salvador”. Um líder de grande força e inteligência semelhante ao que Friedrich Nietzsche desenvolveu sobre o “Super-Homem”. Na vinda deste líder, os povos germânicos seriam salvos e vingados das injustiças que fizeram contra eles, além das humilhações que tiveram que se submeter a fim de garantir a sua sobrevivência. Talvez, o refúgio no cristianismo – ou em parte dele – seria um dos meios de persistirem, como vimos com o Eric Voegelin. O messias germânico ficou no campo das ideias, quase como uma profecia que iria um dia se cumprir. No século XX, Hitler coloca em prática esta profecia, absorvendo também das ideias de Richard Wagner que erram recheados de mitos nórdicos, antissemitismo e um sentimento de uma Alemanha grande. Portanto, semelhante às profecias que um dia se cumpririam, o totalitarismo nazista foi a apropriação destas ideias na busca de, pelas mãos de um “eleito”, cumprir aquilo que estava previsto. Vemos então uma forma intelectual construída que, nas circunstâncias devidas, seria colocada em prática.

Se a “História” para os nazistas foi a reveladora do líder, para os comunistas, como analisamos em Vladimir Tismaneanu, foi a reveladora da “verdade histórica”, mas os messias seriam a massa de proletariados, os injustiçados pelos burgueses. Porém, os proletários concentraram a “revelação” na figura carismática de um líder que foi Vladimir Lenin. Através do culto à personalidade, tanto a personalidade privada quanto pública, como vimos com Niall Ferguson e Tismaneanu, criou-se um mito do líder redentor e do partido salvador. Mas o autor romeno vai ainda mais longe. Ele apresenta o misticismo do partido que muitas vezes foi atrelado a personalidade de Lenin e, posteriormente, Stalin. Daí nasce aquela confusão que foi constante nos totalitarismos, principalmente o comunista: a figura do messias muitas vezes confundia-se com a personalidade do líder, ora com a do partido, ora o partido estava acima de seu líder, o líder estava acima deste e algumas vezes o líder e o partido eram apenas um só, como deu-se com Stalin e Hitler. Hitler, por sua vez, era a alma do partido, tanto que após sua morte em 1945 o partido nazista perdeu sua força e sobrou apenas algum remanescente com nenhum poder ou influência. Ainda

assim, deixamos claro que esta confusão necessita de discussão, já que a propaganda no culto da personalidade dos líderes teria um fator crucial e seriam necessárias maiores investigações até para saber se a propaganda é que foi o motor para “eternizar” e fundir, em um só corpo, partido e líder.

Então, a propaganda para alavancar líder e até mesmo dizer quais eram seus planos foi de grande importância. A propaganda fazia parte de anunciar naquilo que Tismaneanu chamou de “Decálogo Comunista” – no caso do totalitarismo soviético – e as leis que não poderiam ser questionadas. Eric Voegelin também nos mostrou que, semelhante aos acontecimentos do século III, no mundo nazista e comunista criou os profetas, os messias, os evangelhos e estes, aqueles que os descumprissem, pagariam com a vida. Mas a anunciação dos líderes pela propaganda não foi própria do século XX e dos líderes totalitários. Nos tempos de Felipe II da Macedônia já era nítido o prelúdio de uma figura de grande poder e espírito para trazer um império de glórias aos homens. Felipe II, como narrou Eric Voegelin, criou os “cavaleiros do rei”, semelhante à fides apóstolos, mas, neste caso específico, uma aliança militar. Sua figura de líder foi utilizada para formular o mito da origem de Alexandre o grande e, assim como Stalin apropriou-se da personalidade de Lenin para fundamentar seu poder, Alexandre também utilizou da memória e personalidade do pai, ou seja, Felipe II, para justificar seu poder e importância. O mito de seu nascimento determinou seu futuro assim como justificou a sua futura coroa de rei e seu domínio sobre os povos. Alexandre dominou o mundo então conhecido e em cada cultura que ele dominava era adorado, muitas vezes, como um deus, sendo até considerado filho de Amon-Rá, no Egito. A propaganda foi no campo cultural e até ritualístico de casa povo, mas um grande divulgador da figura divina de Alexandre foi seu historiador, como vimos com Eric Voegelin. O autor também nos descreveu a construção da figura de Júlio César, ou seja, a formação de uma “divindade” entre os mortais. Logo, toda esta ideia de “divinizar” um líder e justificar seu lugar de domínio e todo o poder concentrado em suas mãos não é algo exclusivo do século XX. Os líderes totalitários apenas utilizaram deste subterfúgio – melhorado e apropriado às circunstâncias de seu tempo - para chegar ao poder e estabelecer seus “governos pessoais” como “reis dinásticos”.

O “messias” foi muito conhecido nas crenças do cristianismo como o rei salvador de todos e o rei por natureza. Por isto fizemos um paralelo na história e nas crenças de cunho cristã a fim de que deixamos claros as diferenças entre os “messias”. Sua figura e poder foi anunciado pelos profetas, sendo Isaías o que mais precisamente o fez segundo aqui analisamos. Antes vimos a aliança com os povos semitas através do *berith*, uma aliança militar com Yahweh. Tal aliança foi a marca, segundo consta tanto na crença como vimos aqui com Voegelin, do povo escolhido por Deus e, dentre as consequências para a história das ideias políticas, foi a formação dos reis, não como deuses ou meros representantes de Deus, mas como aqueles tementes à Deus e servos de Sua vontade. O verdadeiro líder, então, seria Jesus Cristo, profetizado em Isaías, como aqui vimos. Então, trabalhamos com a ideia de que grandes personalidades foram anunciadas, tomaram forma na imaginação; quase como que uma preparação para a vinda dos ditos “eleitos”. Porém, deixamos claro algumas diferenças: os líderes totalitários não vieram escolhidos por Deus, mas pela história, e sua figura não foi de salvação, ainda que os “mitos” criados entorno destes líderes sempre reforçavam tal característica. Os “messias totalitários”, como aqui os defini, causaram mortes e destruições, além de sacrificar o próprio povo a fim de trazerem o paraíso. Em Jesus Cristo, a anunciação de figura salvadora cumpriu-se exatamente como previsto, segundo as Sagradas Escrituras e as crenças cristãs. Mais ainda: Jesus Cristo sacrificou-se pelos homens. Ele veio em sacrifício dos pecados humanos. Segundo a narração bíblica, ele absorveu os pecados dos homens em sua forma e, na sua morte matou com ele os pecados humanos. Porém, a consequência do pecado era a morte, e sendo assim Cristo venceu, como vimos, a única coisa que nenhum mortal vence: a morte. Se Cristo venceu a morte e libertou a humanidade do pecado, os líderes totalitários trouxeram a morte e escravizaram os homens como um ato de imolação para trazer à tona seus paraísos. Em Cristo havia perdão e misericórdia, além de bondade e amor. Nos líderes totalitários houve ódio, crueldade, mortes e destruição.

O império dos sonhos teve suas tentativas materiais de se concretizar. A busca do milênio levou os líderes totalitários para verdadeiras odisséias a fim de, literalmente, concretizarem seus “paraísos”. Os engenheiros alemães a partir de 1909 formularam projetos para a nova capital. A partir de então os engenheiros eram os novos arquitetos do novo reino, passando, na era de Hitler, como sujeitos de

grande poder, já que nas mãos deles estavam o futuro arquitetônico do *Reich*. Todo o império germânico deveria corresponder aos anseios de Hitler e do povo alemão e representar, em cada obra e monumento, a grandeza do novo Império. A própria construção remeteu-se, como vimos, a antigos mitos e crenças da era das tribos germânicas, além da busca de justiça e o ódio aos estrangeiros que poderiam contaminar a nova capital da nova era. A pureza era algo constante nos dois regimes. De um lado a pureza biológica, do outro a pureza de classe. As obras do Reich não se concretizaram e muitas ficaram mal acabadas. Durante as construções, os judeus foram perseguidos e muitos dos que foram capturados trabalharam de forma escrava para a construção deste novo império.

No lado soviético, a construção do novo império exigiu grande produção de concreto, além de projetos contendo todos os símbolos da revolução. Uma estátua maior que a estátua da liberdade de Nova York seria erguida, sendo ela a figura de Lenin. Os engenheiros tornaram-se figuras importantíssimas na construção do império soviético. Planejaram cidades e estruturas que, assim como os nazistas, representassem todos os anseios e símbolos da nova era comunista, além de deixar claro seu ódio à burguesia. Mas os projetos fracassaram e não foram concluídos. Muitos locais tiveram trabalho escravo, além de as novas residências de trabalho dos construtores não fossem nada diferentes dos distritos industriais da época dos tzares. O preço para a construção do império dos sonhos foi, novamente, morte e sangue de seu próprio povo.

Eis a pergunta que fizemos: quais foram as possíveis origens das ideias da vinda deste paraíso? O caminho que traçamos nos fez investigar a descrição de um tempo “a-histórico”, ou seja, uma narração de um estado de coisas que não sabemos se aconteceu, tão pouco se um dia ocorrerá, menos ainda, quando ocorrerá: o Apocalipse, ou “Livro das Revelações”. O historiador Norman Cohn investiga sobre o apocalipse tanto judaico quanto o que atualmente conhecemos (o cristão), mas as datas são imprecisas, havendo, possivelmente, apenas um consenso que melhor guie aqueles que queira debruçar no assunto. O Apocalipse judaico foi escrito por volta do século II a.C, enquanto o que conhecemos foi escrito por volta do século II d.C. O autor, assim como a introdução do Livro do Apocalipse da *Bíblia de Jerusalém*, assinala uma estranha erudição de origem pagã, fato que pode ser explicado pelas grandes migrações somadas às perseguições de cristãos

dentro do império romano. Muitos cristãos talvez tenham utilizado de meios pagãos para se esconderem e não serem mortos; e povos se abrigarem dentro de outras culturas que não as suas para fins de sobrevivência não é incomum na história como analisamos. Os povos de origem germânica fizeram o mesmo.

Um estado de coisas caótico e desesperador seria algo normalmente registrado, ainda que a linguagem utilizada fosse de caráter peculiar, como observamos no livro do Apocalipse. Perseguições, mortes das mais terríveis levariam alguém com uma pena e um pergaminho em mãos a registrar tal momento e, em ato de esperança, escrever, ao final, que a justiça seria feita por mãos divinas e um paraíso para os injustiçados estaria à espera daqueles que mantiveram sua fé viva. Contudo devemos ficar atentos para alguns detalhes importantes, tanto para atender as influências que o Livro do Apocalipse gerou, tanto, *last, not least*, a argumentação neste trabalho.

Para começar, devemos lembrar que muito provavelmente existiram outros “Livros do Apocalipse”, como o de Pedro e outros. Mais ainda: segundo investigamos, Norman Cohn assinala que o “João” do apocalipse dos cânones não seria o apóstolo João, mas um simpatizante cristão. Podemos atestar esta afirmação feita por Cohn quando no início do Apocalipse João se identifica e em nenhum momento ele se denomina “apóstolo”, algo notório nos livros dos apóstolos, como em Romanos em que o apóstolo Paulo se identifica como tal.

Em segundo lugar, após assinalarmos algumas das muitas questões que permeiam o livro do Apocalipse, passamos a narração. O leitor pode julgar ser um exagero narrar boa parte do apocalipse neste trabalho, ainda mais com muitos detalhes como feito aqui. Mas a importância está no momento em que o Apocalipse de João – tal como conhecemos – será de grande inspiração para muitos autores, além de temas de debates durante o período de Santo Agostinho, retornando com Joaquin de Fiore e as consequências de suas ideias. Em suma, vimos que Agostinho abominou as especulações sobre o fim dos tempos, porque os debates que surgiram geraram confusões imensas, como por exemplo, vimos com Jean Delumeau que Agostinho abominava que ao fim do Juízo final, os homens desfrutariam de um paraíso de delicias carnis, algo que no livro do apocalipse é nitidamente ao contrário e, mais ainda, as delicias desenfreadas não apenas foi um

dos motivos de todos os acontecimentos presentes do Apocalipse, como também, de acordo com a cultura judaico cristã e o que está escrito nas Sagradas Escrituras, foi um dos fortes motivos de todos os grandes momentos em que houve um castigo para os homens e eles provaram da ira de Deus. No livro de Deuteronômio, por exemplo, temos um trecho em que abominam os mais variados tabus sexuais e depravações. Logo, as especulações sobre o fim dos tempos e o reino da eternidade realmente estavam traçando caminhos sombrios e sinuosos.

Então, Agostinho, como vimos, coloca um ponto final. Ele dissertou que o juízo final se realizava em um momento para além do tempo histórico e por baixo deste tempo é que ocorria todos os enredos da vida humana, desde o político, social e até o econômico e cultural. De certo modo este enredo do plano terreno poderia se articular, de forma problemática e ambígua, com a narração da redenção e do fim dos tempos, numa tentativa de abarcar uma unidade que abrangesse o plano da mortalidade com o da eternidade. Portanto, o desenrolar da história das nações, impérios, sociedades e *tutti quanti* teria algum sentido, ainda que nebuloso, se levar em conta a história do grande Dia, mas não como o fim último da história temporal que conhecemos e vivemos. Logo as duas grandes “cidades”, *Civitas Dei*, não seriam uma para a destruição e outra para a redenção dos eleitos, mas sim uma só que seria separado o “joio do trigo” e a cidade mundana, ou seja, o plano em que vivemos, seria o caminho que ocorreria tal separação. Por isto, o enredo da vida humana poderia ter algum sentido se levar em conta a história da salvação e redenção

Ainda assim, nos finais do século XII e início do XIII, o abade calabrês Joaquin de Fiore voltou às especulações sobre o juízo final e a chegada da nova era, ou seja, o novo milênio. Dividido em três eras, ou três tempos, Fiore assinala que a estrutura temporal caminha em ordem progressiva para o Juízo final – contrariando o que Agostinho havia dito - e a salvação e junto dela a vinda da Jerusalém celeste. As três eras foram, como vimos, a era do Pai, seguido do Filho e, ao fim e a mais importante, a era do Espírito. Ao fim de cada era, iniciava-se a nova tendo os sujeitos e elementos que dariam substancia a seguinte era e assim por diante. Os problemas como analisamos foram muitos e podemos concluir que: se no fim de cada era continham os elementos que dariam substância a nova, logo o que iniciou as eras é automaticamente descartado ao final. Vimos com Delumeau, Eric Voegelin

e Henri de Lubac que as ideias de Fiore tentava buscar uma unidade lógica para a estrutura temporal além de colocar seu próprio papel no desenrolar da história da salvação, caindo no raciocínio de Agostinho como vimos no parágrafo acima. Então, ao fim da era do Pai, vem o Filho e a era seguinte – no caso a segunda, seguida do pai – seria preenchida pela substância do Filho, descartando o criador, ou seja, o Pai que seria a figura de Deus. Assim acontece na passagem para a terceira era.

Se o filho, que seria Jesus Cristo de acordo com a narrativa bíblica, é descartado, entra o que o abade calabrés afirmou ser a era do espírito, ou seja, a era dos monges que estão espiritualmente acima de quaisquer outros sujeitos, logo, os que possuem inteligência e sabedoria o suficiente para adentrar no reino celeste da eternidade, portanto, os únicos que receberam a verdade divina tal como consta no fim do apocalipse. No final da era do Filho, os monges seriam os que começariam a terceira era, *ipso facto* a substância da terceira era seria a dos monges. Apenas eles adentrariam ao reino dos céus de acordo com Fiore, descartando a figura de Cristo como salvador. Eric Voegelin foi muito ácido em dizer que tal ideia “descartaria” Cristo, enquanto, para Delumeau, de forma mais amena, apenas relativizaria Jesus Cristo. Se Fiore descartou Cristo, logo a partir da terceira e nova era, seriam apenas estes novos monges novos sujeitos da “salvação”. Mais ainda: se Deus também foi descartado, ao final não será Ele que revelaria a verdade através de Seu verdadeiro nome, mas os próprios monges “eleitos” devido ao alto grau de desenvolvimento do espírito que se encontravam. Por isto podemos concordar com o Eric Voegelin que, levando em conta a exclusividade dos monges e neles a presença de poder salvador e revelador, Fiore formulou ideias para fundar seitas, não ideias universais que explique a estrutura temporal e da realidade.

Voegelin não exagerou: a fundação da ordem dos Franciscanos, como narramos, foi a fundação de uma seita que descartou a essência – ou missão - de Cristo: a salvação. Cristo tornou-se uma figura em que sua totalidade consistia apenas no sofrimento, algo que é apenas um aspecto de Cristo quando analisamos os evangelhos bíblicos. A salvação não estava em Cristo, mas apenas naqueles que seguiam seu sofrimento e voto de pobreza, não mais o “mana” de Jesus. Em consequência, é notório que Fiore deu base, ainda que não fosse sua intenção, para seitas e movimentos sectários. Pior ainda: se Deus e Jesus são descartados da estrutura dos séculos, mas os monges são os verdadeiros eleitos e detentores da

salvação, estes, portanto, são quase que como seres divinos dotados de poder de revelar toda a verdade. Deste modo, Fiore, ainda que também não foi sua intenção, voltou ao culto pagão, ou seja, a adoração de vários deuses, já que os novos monges são as divindades entre os mortais. Se o abade não tinha a intenção de formular um politeísmo, o que parece, o abade deu todas as bases para tal, ou pelo menos, ao culto à personalidade de líderes, algo explícito nos totalitarismos do século XX. Resumindo: Fiore criou uma heresia e os regimes totalitários foram a manifestação prática dela.

Se queriam estabelecer a ordem e dar um sentido à estrutura do tempo em harmonia com a história da redenção e trazer paz aos seres humanos, a partir do século XIV o desenrolar da história como conhecemos foi diferente. Com a ascensão dos impérios e estados nacionais, uma onda de revoltas, revoluções, corrupções, guerra, imoralidades, etc. foram os novos motores da história humana. As seitas e movimentos baseados nas ideias de Fiore passaram a tomar um carácter revolucionário e de movimento de massas. Revoltas por toda parte, guerras civis, conflitos entre nobre e plebeus, enfim, um gama de destruição assolou a Europa e mudou os rumos da história humana para todo o sempre. Concluindo, Fiore mirou um império dos sonhos paradisíacos, da justiça eterna, mas deu argamassa para construção do império da destruição.

As grandes revoluções não esconderam seu carácter místico da busca de um paraíso na terra. A revolução francesa guilhotinou milhares de pessoas nos seus primeiros anos de terror, algo previsto, como vimos, por Edmund Burke em suas *Reflexões*. O terror como instrumento da busca do novo reino não cessou mesmo após sangue ser derramado. Formulações filosóficas a cerca sobre como chegaríamos ao reino do espírito alcançou até as ideias de Hegel e foi notório durante todo o positivismo, ou seja, na busca eterna da perfeição através do progresso, sendo o curso da história guiados por pessoas de “superior inteligência”.

O século XX foi então o momento de buscar, por meios práticos e pragmáticos, o novo milênio. Propaganda, construções, culto à personalidade, enfim, tudo para trazer a salvação para o plano histórico e mundano. Mas assim como nas revoluções posteriores muitos não concordavam com as novas ideias e por isto suas vidas foram imoladas, os totalitarismos utilizaram do terror como arma para

corromper os incorruptíveis, ainda que o preço que tivessem que pagar fosse o fim da própria vida destes. Milhares de mortes nos primeiros anos da revolução russa, além de assassinatos, perseguições, julgamentos de fachada, regimes de confisco de grãos e alimento e tantos outros meios terroristas que ceifaram milhões de vidas, tudo aplaudido e justificado por seus líderes e as massas que esses dominavam. A propaganda e os anseios por um império de eterna felicidade cegaram os homens para os atos mais desumanos, em que pessoas eram brutalmente mortas diante de seus olhos, mas no lugar de lágrimas e pedidos de misericórdia, haviam aplausos, deboches e premiações para aqueles que tinham a missão de sacrificar vidas inocentes em prol da busca do novo milênio. Tudo isto porque a ideia deste novo paraíso impregnou na imaginação de todos, fazendo o errado tornar-se certo, ou seja, a imposição do mal em nome do bem e a completa inversão de valores construídos ao longo da história da civilização ocidental. Por isto campos de concentração, assassinatos em massa em câmeras de gás, torturas, experiências em homens e mulheres nos mesmos campos, homens, mulheres e crianças desapareciam por meras denúncias de alguém que supôs que tais pessoas estariam conspirando contra seus “amados” líderes. Campos de trabalho forçado em que pareciam verdadeiros infernos a céu aberto, repletos de sujeitos atomizados e perdidos, como vimos com Hannah Arendt, apenas esperando a morte chegar, se é que tinham alguma energia ou espírito mesmo para tal coisa. Em suma, o terror abarcou aqueles que deveriam perecer no holocausto revolucionário e mais ainda: para aqueles que eram obstáculo para a vinda da nova era.

Para o cristianismo e os fundamentos católicos, pecado sempre esteve passivo de perdão, mas para os novos regimes totalitários “perdão” é uma palavra que está extinta do vocabulário. Se no cristianismo existe perdão, misericórdia, amor e ternura, no universo totalitário existe apenas ódio, guerra, condenação, desafeto, enfim, uma verdadeira oposição a estes valores virtuosos. Para a vinda da sociedade futura não pode haver erros; a servidão deve ser incontestável e cega para chegar a nova era; e até hoje muitos estão cegos por este desejo de materializar o plano divino entre os homens. Muitas pessoas, nos dias atuais, não conseguem enxergar o bem se não sob o aspecto de um mundo “perfeito”, e o mal como qualquer coisa que não tenha como alvo este “novo mundo”; e qualquer um que ouse questionar, ainda que por um instante, as possibilidades e caminhos a

serem traçados para alcançar este mundo perfeito, deve ser eliminado. O futuro é sempre real, enquanto o passado e o presente inexistente, causando, na mente dos homens, confusões inimagináveis, transformando as ações sociais em atos patológicos para ela mesma. Afinal, o foco é sempre o futuro, mas quando ele chega ele deixa de sê-lo e uma outra coisa é substituída em seu lugar para ainda ter um norte a se guiar; ainda que, na busca deste norte, cause toda a sorte de destruição.

A servidão cega aos regimes totalitários foi notória principalmente aqueles que estavam nos altos escalões do partido. Os messias totalitários desfrutaram de cultos e sacrifícios dignos de deuses, além de histórias em teor mitológico e místico para justificarem sua personalidade, seus poderes “divinos” e suas missões de trazer o paraíso na terra. Não tenho ainda elementos para afirmar que os regimes totalitários são “religiões”, mas que foram ordem maléfica, de caráter dogmático, servil e fundamentalista *semelhante* às religiões e, mais ainda, semelhante a seitas gnósticas, messiânicas, iniciáticas e ocultistas.

Em suma, toda a humanidade teve em sua mente o ideal de um paraíso que poderíamos construir e por muito tempo tentou e justificou todos os subterfúgios para atingir tal objetivo. Todo o sangue derramado, torturas e atrocidades, segundo estes regimes, seriam o mal a favor de um bem maior e sacrifícios teriam de serem feitos. Logo, se por ventura utilizaram-se, intelectualmente, das ideias provindas do Apocalipse e até das Sagradas Escrituras para justificar tais ações vinda de alguns para salvar o restante da humanidade, esqueceram-se que, de acordo com todos os escritos bíblicos e os ensinamentos da fé cristã, além da catequese católica, o único salvador se encontra na figura e personalidade de Jesus Cristo e apenas Ele guiará os homens para a glória eterna, não os homens. A narrativa bíblica sempre irá mostra Deus como o protagonista, no Antigo Testamento, e depois Jesus Cristo, na salvação, tanto durante a sua “Paixão”, quanto no Apocalipse. Por parte dos homens, apenas destruição e desilusão seriam os frutos. Os homens, por séculos, buscaram o império dos sonhos paradisíacos, mas este ficou apenas no “mundo das ideias”, ou mesmo, no mundo dos sonhos. Mas o império da destruição foi claro e nítido e até presente. Se reino celeste ainda não chegou e não sabemos quando virá, o reino da destruição foi presente e historicamente muito bem documentado.

FONTES

TISMANEANU, Vladimir. *Do Comunismo: O destino de uma religião política*. Campinas: Vide Editorial, 2015.

“_____”. *O Diabo na História: Comunismo, Fascismo e algumas lições do século XX*. Campinas: Vide Editorial, 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

ARENDDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

“_____”. *Compreender: Formação, exílio e totalitarismo. Ensaios (1930-1954)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BILLINGTON, James. H. *Fire in the Minds of Men: Origins of the Revolutionary Faith*. New York: Library of Congress, 1980.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Campinas: Vide Editorial, 2017.

BACZKO, Bronislaw. *A Imaginação Social* In: *Enciclopédia Einaudi* Vol V. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1977.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Deuses, múmias e ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1999.

“_____” Flamarion. *Uma reflexão sobre a importância da transcendência e dos mitos para as religiões a partir do episódio da reforma de Amarna, no antigo Egito*. In: PLURA – *Revista de Estudos de Religião*, v. 2, n. 1, 2011.

CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Org. BRASIL, Felipe Moura. Rio de Janeiro: Record, 22ªed, 2017.

COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que virá: As origens das crenças no apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

“_____”. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da idade média*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

CRONIN, Vincent. *Napoleão. Uma vida*. Barueri: Amariyls, 2013.

DELUMEAU, Jean. *Mil Anos de Felicidade. Uma História do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FALCON, Francisco. “História das Ideias: Pluralidade disciplinar e conceitual. Da História das ideias à história intelectual e/ou cultural” In: *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Org. CARDOSO, Ciro Flamaion; VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: Campus, 2011, 2ª ed.

FERGUSON, Niall. *A Guerra do Mundo: A era de Ódio na História*. São Paulo: Planeta, 2015.

“_____”. *Civilização. Ocidente x Oriente*. São Paulo: Planeta, 2ªed, 2016.

GILBERT, Martim. *A Segunda Guerra Mundial: os 2174 dias que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

HAYNES, John Earl; KLEHR, Harvy. *VENONA: Decoding Soviet Espionage in America*. New Heaven: Yale University Press, 1999.

HEER, Friederich. *The Intellectual History Of Europe Vol.1: From the Beginnings of Western Thought to Luther*. Anchor Books, 1968.

HERF, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário. Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar no 3º Reich*. Campinas: Ensaio, 1993.

HISTÓRIA da Civilização Vol.1. São Paulo: Egéria S.A, 1978.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

KRAENSKI, Mauro Abranches; PETRILÁK, Vladmír. *1964 O Elo perdido: O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista*. Campinas: Vide Editorial, 2017.

LUBAC, Henri de. *La posteridade Espiritual de Joaquín de Fiore. De Joaquín a Schelling*. Madrid: Encuentro, 2011.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. São Paulo: Autêntica, 2ªed, 2014.

OVERY, Richard. *Os Ditadores A Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas Vol.I: Helenismo, Roma e Cristianismo Primitivo*. São Paulo: É-Realizações, 2012.

“_____”. *História das Ideias Políticas Vol II: Idade Média até Tomas de Aquino*. São Paulo: É-Realizações, 2012.

“_____”. *História das Ideias Políticas Vol.III: Idade Média tardia*. São Paulo: É-Realizações, 2013.